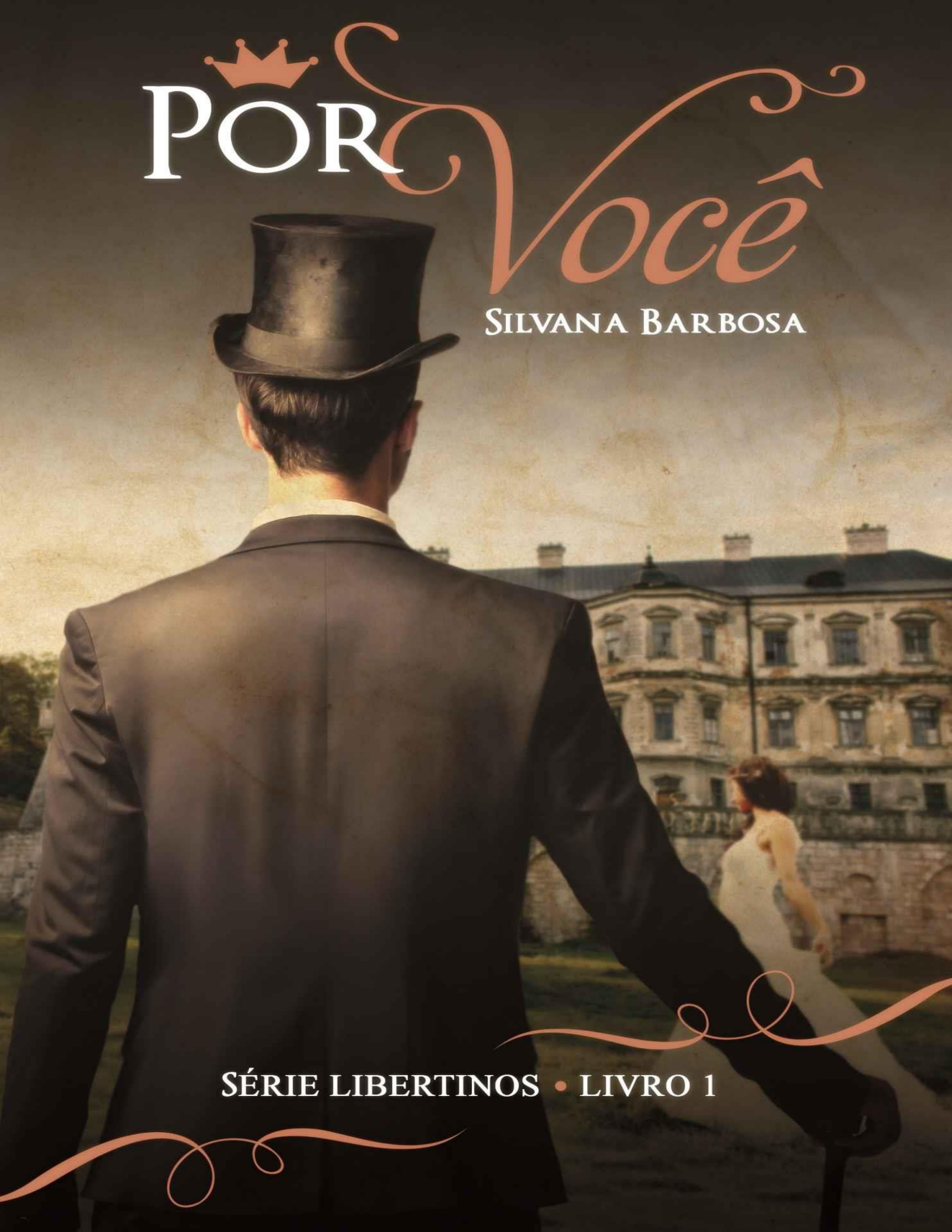


The background of the cover is a painting of a man in a black top hat and suit, seen from behind, looking towards a woman in a white dress who is walking away from him. In the background is a large, multi-story building with many windows. The overall tone is historical and romantic.

# POR *Você*

SILVANA BARBOSA

SÉRIE LIBERTINOS • LIVRO 1



# Table of Contents

[CAPÍTULO I](#)

[CAPÍTULO II](#)

[CAPÍTULO III](#)

[CAPÍTULO IV](#)

[CAPÍTULO V](#)

[CAPÍTULO VI](#)

[CAPÍTULO VII](#)

[CAPÍTULO VIII](#)

[CAPÍTULO IX](#)

[CAPÍTULO X](#)



Silvana Barbosa

POR VOCÊ

Capa de Rebecca Barboza

Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

Conforme a lei 9.610/98, é proibida a reprodução e comercialização desta obra sem a prévia autorização da autora.

Quero agradecer a meu esposo João Carlos e meus filhos, Carlos Gabriel e Rafael, pela paciência durante as noites em que eu trabalhava, incomodando-os, ou não lhes dando a atenção integral que bem mereciam, enquanto escrevia este livro.

E agradecer também às Super-amigas Andréa Bussolo e Sam Dutra, que leram minhas primeiras histórias, me ajudaram com as revisões e me incentivaram a correr atrás dos

meus sonhos, bem como ao Jhonatas Nilson, que me deu apoio integral, me beneficiou com seu conhecimento e ainda gritou umas palavrinhas mágicas de ordem:

“— Publique já!! ”

Inglaterra

1833

POR VOCÊ

CAPÍTULO I

Três dias de baile. Três dias de conversas iguais, rostos iguais... Já havia dançado com todas as moças disponíveis, e conversado com cada uma delas. Algumas mais bonitas que

as outras, outras um pouco mais simpáticas, mas no geral, todas semelhantes, superficiais, e com o mesmo propósito: impressionar algum rapaz bonito, rico e solteiro. Ou seja, todas dispostas a impressionar alguém como ele. Várias moças passavam e admiravam a figura elegante de Tristan, sorrindo-lhe e batendo as pestanas significativamente. Do alto de seus vistosos 1,90 m, ou pouco acima disso, fraque recortado com o melhor alfaiate de Londres — que valorizava seus ombros largos — colete e gravata impecavelmente combinados e calçados lustrosos, além do belo rosto, nunca passava despercebido.

— Entediado, Tristan? — indagou seu amigo, Jake.

— Não sei como você não fica. Já dancei com todas as mesmas moças, ontem e anteontem. Nenhuma delas têm algo interessante a falar.

— E quem disse que elas precisam falar? — brincou o melhor amigo de Tristan, um rapaz de cabelos louros bem cortados, olhos verdes e sorriso fácil. Faziam uma bela dupla, que podia causar torcicolo nas mocinhas que passavam.

Jake olhou em volta, beneficiando duas moças com seu olhar sensual, e fazendo-as corar e desviar os olhos:

— Basta que usem a boca para beijar. E o que mais estejam dispostas a fazer com ela...

Tristan abriu um sorriso:

— Concordo. Porém hoje tive mais uma discussão com minha mãe, e essas coisas me tiram um bocado de ânimo...

— Casamento, de novo?

— Sim, de novo. Diz que estou na idade... pressiona-me pra encontrar uma noiva. Difícil convencê-la que não tenho pressa...

— Faça como o meu irmão Chris. Fique noivo por anos a fio!

Os dois riram. O noivado de Christian e Luciane já ia para três anos e nenhum dos dois parecia animado pra entrar na igreja. Era um clássico caso de casamento arranjado, sem amor nenhum.

— Seu irmão é um homem sem coração, Jake. Nos priva da bela Luciane, e nem se decide a tomá-la como esposa! É um desperdício da juventude de ambos.

— Pois é. Tantos homens gostariam de estar no lugar dele. Minha cunhadinha é uma coisinha de abrir o apetite...

— Ah, que homem mau, de olhos lascivos para a noiva do irmão... — arqueou as sobrancelhas, fingindo assombro.

— Jamais, meu caro amigo. Só admito um fato real. — deu de ombros.

— Outro fato real é que o Chris é mais novo que eu, e já está comprometido. Minha mãe lembrou-me que em breve farei trinta!

— Sim, daqui a alguns anos, seu tonto! Não acho que ela se preocupe tanto com sua idade, mas sim com sua reputação, da mesma forma que meu pai se preocupa com a minha. Você está muito mal afamado... — ironizou.

— Sim. Devem ser as más companhias.... — riu, piscando um olho.

— Não vem com essa desculpa... Você é pior que eu. Explique para sua mãe que a culpa não é sua, que os problema são seus olhos. As moças não resistem. — observou os olhos cinza de Tristan, de um tom raro, quase prata, muito aceso e brilhante.

— Elas só ficam curiosas. Não conseguem nunca definir direito a cor, e acabam chegando perto demais... Na verdade quem não resiste sou eu... —Tristan lembrou de todas as vezes que as moças esticavam-se na ponta dos pés para analisar melhor a cor de seus olhos, curiosas sobre aquela tonalidade estranhamente prateada. Bem, era difícil ignorar a proximidade de lábios carnudos, rosados ou vermelhos, chegando tão perto dos seus. Dificilmente se negava a beijá-las,e mesmo quando elas se surpreendiam com sua boca sobre a delas, não fugiam. Claro que geralmente ele não se detinha em um simples beijo... Em uma dessas temporadas de apresentação das jovens à sociedade, ele e Jake meteram-se em uma encrenca, por conta de seus modos galanteadores. Duas irmãs acusavam os amigos de as terem desvirginado, e por pouco os rapazes não tiveram que arcar com a responsabilidade, ou a irresponsabilidade, de outros. Felizmente uma terceira irmã, essa sim ajuizada, apontou o homem responsável pelo defloramento das damas, e que era um só: um primo mais velho. A descoberta não chegou a ser um escândalo de grande repercussão, e foi logo abafado pela família das irmãs, mas apesar de inocentes na história, Jake Rae Cunningham e Tristan Wagner Smith haviam saído chamuscados, e mal vistos. Seguiram suas rotinas, e voltaram na temporada seguinte mais cuidadosos, mas aí então, mesmo sendo mais discretos, a má fama só fazia crescer.

As jovens ressentiam-se da marcação cerrada que suas mães ou acompanhantes faziam em relação aos rapazes que compunham o que chamavam “lista de risco”, que englobava os jovens que poderiam pôr em risco a virtude de uma dama. Tristan e Jake faziam parte dessa lista graças ao escândalo envolvendo seus nomes, mas devido a posição financeira privilegiada que ocupavam na sociedade, continuavam sendo considerados ótimos partidos e sempre eram convidados a todos os eventos. Dessa forma ele e seu amigo podiam dançar com todas as damas, mas quanto a manter uma boa conversa com elas fora dos salões de



festa, bem, aí era uma outra história... Se a conversa se estendesse a um pouco mais do que os cumprimentos básicos exigidos pela boa educação, uma dama de companhia ou uma mãe preocupada logo surgia para postar-se ao lado da moça pura e virginal (muitas vezes menos virginal que os próprios Tristan ou Jake, mas enfim...) e resgatá-la da má influência de um corruptor. As meninas apressavam-se em exhibir-lhes seus melhores sorrisos, e expressarem como eram bem prendadas, na esperança que junto com a dança, um sorriso casto bem ensaiado e os olhos piscantes, fosse material suficiente para fazer com que o rico corresse até suas casas e lhes pedisse em casamento. Para surpresa dos dois rapazes, e desespero dos tutores, muitas moças pareciam olhá-los até com mais admiração após adquirirem reputação de devassos, como se fossem feras a serem domadas, ou, o que os deixava em vantagem, bons professores na arte do amor.

Tristan sabia que o resultado disso era que os pais e mães das moças casadoiras, que ouviam falar de sua reputação de namorador, ressabiavam-se com sua presença. Era sempre minuciosamente observado quando dançava com alguma dama, e sua mãe já começava a ressentir-se com o fato das amigas comentarem que seu filho Tristan era um rapaz que colocava a castidade de suas filhas em perigo. Injusto, pois ele nunca roubara a virgindade de nenhuma moça. E nem Jake tampouco. Desistindo de incomodarem-se com os olhares preocupados à sua volta, os dois amigos acabaram optando por ignorar os comentários a seu respeito, e começaram a divertir-se com sua má fama, para desgosto de seus pais.

Como namorar se transformara um ato quase impossível, os amigos, assim como outros rapazes da tal lista, se tornaram especialistas em driblar a vigilância de tutoras e damas de companhia. Obviamente, tal atitude só fazia aumentar mais e mais a desconfiança entre as zelosas mães. Embora as matronas jamais pensassem em dispensar genros ricos como eles, caso demonstrassem interesse em alguma de suas filhas, as senhoras também os temiam. Era uma situação bem singular.

— E a quem não irá resistir hoje? — indagou Jake — Diga-me logo quem é a moça escolhida, para que não tenhamos a infelicidade de disputar a mesma dama.

Tristan passou a mão pelos cabelos negros, pensativo:

— Francamente... Creio que hoje não beijarei nenhuma mocinha curiosa no jardim. Não estou muito paciente. — olhou em volta — Além disso, sinto os olhares mais rigorosos sobre mim nesse baile. Não lhe parece?

Exagerara no baile passado? Ou as senhoritas é que estavam exagerando nos flertes, e com isso incentivando os cavalheiros, como ele, a se comportarem mal?

— Ignore-os, como eu faço. Tenho treinado algumas técnicas para fugir das damas de companhia. Já contabilizei alguns sucessos nesse sentido...

E as mocinhas aprimoravam suas técnicas de facilitarem os avanços dos rapazes, visando fisgar um marido, pensou Tristan, sorrindo.

Os dois amigos tiravam proveito da situação, esgueirando-se com uma ou outra para beijos e trocas de carícias atrevidas nas varandas e jardins onde haviam os bailes, mas essa noite Tristan estava um tanto entediado até para roubar esses carinhos.

— Acredito, mas ficarei bem comportado essa noite. Talvez escolha alguma jovem para dançar, mas me mantereí no salão. Farei o papel de bom moço e deixarei minha mãe feliz. E assim que for possível escaparei para minha casa.

— Se é assim, não insistirei. Vou dançar, e agarrarei as oportunidades que surgirem. Com cuidado, claro. — Jake meneou a cabeça, num cumprimento rápido.

— Claro... Boa sorte.

Jake afastou-se e Tristan mais uma vez olhou demoradamente em volta, perscrutando cada canto do salão. Já havia dançado realmente com todas as jovens disponíveis no baile? Será que pareceria indelicado deixar a festa tão cedo? Sua mãe, lady Clarissa, com certeza se aborreceria, pois a anfitriã de hoje, a condessa Adelaide, era uma amiga íntima. Suspirou, resignado.

Tristan observou o teto decorado do suntuoso salão, o piso de mármore importado, os janelões que abriam-se de par a par levando ao terraço ou ao jardim, as mesas bem servidas de doces e bebidas, e os vasos de plantas que decoravam os cantos menos iluminados do recinto.

Então seus olhos recaíram sobre uma jovem quase escondida no fundo do salão, de cabelos castanhos, presos no alto da cabeça, em um penteado que valorizava seus belos cachos, com fitas de cetim transpassando os fios, do mesmo tom pastel de seu discreto e elegante vestido. Era um rosto incomum, desses que atraem o olhar curioso para uma segunda observação, de beleza exótica. Como não a havia notado antes? Aproximou-se, sem desviar os olhos da moça, como um caçador se fixando em seu alvo.

Tristan sabia muito bem que não era adequado aproximar-se de uma moça a qual não fora apresentado oficialmente, muito menos chamá-la para dançar. Principalmente se a tal moça estivesse sem alguma acompanhante para supervisioná-la. Mas todas estas regras de etiqueta simplesmente lhe sumiram da mente.

— Poderia me dar o prazer dessa dança? — perguntou, estendendo a mão.

Juliet ficou surpresa com o belo rapaz à sua frente, de pele alva típica dos nobres londrinos, cabelos negros e olhos... azuis? violeta? cinza? Bem, era um rapaz muito bonito mesmo, bastante alto, elegantemente trajado, e Juliet teve que conter-se para não olhar em volta procurando qual a moça ele estaria convidando para dançar. Sabia que era com ela que ele estava falando, mas teve dificuldade para crer que havia sido escolhida entre tantas mais bonitas. Olhou-o diretamente nos olhos e esforçou-se para responder com voz firme, sem dar-lhe a mão:

— Sinto, meu caro senhor, porém me escondi aqui no fundo do salão exatamente para evitar qualquer convite. Comecei a aprender a dançar ontem, e deve dizer, sou péssima aluna. Não consegui assimilar nada. Vou declinar. — fez uma ligeira mesura.

Absolutamente adorável, pensou Tristan. E que voz tão bonita, clara e alta, sem aquela afetação peculiar das moças da cidade. O rapaz pôs as mãos atrás das costas com um suave levantar de ombros, como resignado. Sorriu, e arriscou a pergunta:

— Não é daqui, senhorita? — supunha que não, pois conhecia todas as moças disponíveis de Londres, e aquela beleza não lhe teria passado despercebida.

— Não, senhor. Vivo em uma propriedade em Portsmouth, mais precisamente em Southsea. — respondeu, sem conseguir desviar os olhos do rosto sorridente, das sobranceiras perfeitas.

— Ora, é vizinha do proeminente cronista Dickens!... Não posso crer que não há dança por lá. — brincou, arqueando as sobranceiras negras.

— Bem, temos danças sim, mas estamos desatualizados em relação a Londres. E mesmo as que já conheço nunca dancei muito bem. — quase sentia-se uma caipira naquele momento.

— E qual a graça de vir a um baile e não dançar?

— Bem, a intenção é conhecer gente nova...

— Aqui no fundo do salão, escondida de todos?

Ela finalmente sorriu:

— É, percebo que há falhas no meu plano...

Tristan sentiu um estranho formigamento por dentro ao vê-la sorrir. Dentes bonitos, brancos e perfeitos. E que boca... ela não usava nada nos lábios para realçar a cor, ele podia perceber logo. Mas nem precisava. Seus lábios eram rosadinhos, como deviam ser também

os seus... não, não, Tristan, nem pense nisso! Concentre-se em apenas conversar, repreendeu-se mentalmente.

— E o que tem achado de Londres?

— Escuro.

— Perdão?

— Escuro. Francamente, essa neblina eterna...tantos prédios... Pode ser animado, mas convenhamos que não é bonito.

Ele riu:

— Por essa razão que todo bom londrino tem uma casa no campo. Precisa respirar às vezes.

— É verdade. — meneou a cabeça. Tristan observou o movimento dos cachos, e teve vontade de tocá-los. — E onde o senhor costuma respirar?

Ele estava tão absorto em admirar a moça, que teve dificuldade em compreender a pergunta. Sorriu:

— Tenho uma propriedade rural em Kent, e uma menor, em Bath.

— Ah, um dos meus tios tem casa em Bath, e uma vez ao ano, pelo menos, o visito, aproveitando o benefício das águas medicinais.

— Talvez eu conheça seu tio.

— Acho difícil não conhecer o velho lorde Charles...

— Greenville?

— Sim. Também é meu padrinho.

Ele sorriu, assentindo.

— E onde têm se hospedado nessa temporada a sobrinha e a filha “do velho lorde Charles”?

— Bem, na contramão dos londrinos, minha família tem uma pequena casa na cidade, onde vimos nos intoxicar de vez em quando.

Ele riu gostosamente.

— Qual é seu nome, senhorita?

Ela fez um ligeira mesura, baixando os olhos como o esperado de uma moça bem educada:

— Juliet. Juliet Fiennes. Na verdade meu nome é um pouco maior do que isso, mas me nego a recitá-lo. Cansará qualquer ouvinte.

Ele tomou uma das mãos delicadas da jovem, e beijou-a, surpreso porque ela não usava luvas como a maioria das moças de sua idade:

— Encantado. Eu me chamo Tristan Wagner Smith. — os lábios tocando na mão macia e morna o agradaram profundamente, então demorou-se no ato.

— Muito prazer, senhor Smith. — murmurou, sentindo um ligeiro tremor ao toque dos lábios dele em sua pele. Imaginou que seu rosto estava ruborizando, ainda mais quando o sorriso dele se ampliou. Ele havia notado que a abalara!

— Por favor, chame-me de Tristan. Fica menos pomposo.

— Não sei se seria apropriado...Tristan. — ela baixou os olhos timidamente.

Tristan desejou levantar-lhe o queixo e aproximar-se mais, porém percebia que alguns olhares à volta já se fixavam neles. Qualquer movimento inadequado de sua parte, naquele canto mais vazio do salão, daria margem a comentários maldosos, e ele não desejava isso.

— Pois parece-me muito apropriado. Onde está a pessoa que lhe acompanha? — perguntou, tentando parecer casual.

— Minha dama de companhia, a senhora Ellen, encontrou com um velho amigo e a incentivei a ir dançar com ele. Ela relutou um pouco em me deixar sozinha, mas enfim aceitou, confiando que eu não faria nada perigoso.

Ah, nada perigoso, pensou Tristan. Apenas conversar em um canto solitário e um pouco escuro com um rapaz famoso por desvirtuar mocinhas. Ainda bem que a senhora Ellen não era de Londres. Não deixaria sua protegida sozinha se soubesse quantos gaviões haviam espalhados pelo salão. E ele não era nem de longe o mais comprometedor entre eles.

— Quando ela foi dançar, vim me esconder aqui nesse recuo.

— E eu a encontrei...

— Tem bons olhos, senhor.

— Orgulho-me deles. — fixou os belos olhos cinza mais intensamente em Juliet, e ela esforçou-se para não baixar os seus diante da sensação que aquele olhar quente lhe causara.

Juliet alisou o vestido de organdi rosa paste, num movimento vago, para em seguida pegar as luvas que havia retirado e estavam esquecidas sobre uma cadeira. Colocou-as, só por não saber o que fazer diante do rapaz sedutor que a encarava.

— Insisto que devemos dançar. Não quero me gabar, mas danço bem, e penso que será o suficiente para nós dois. Deixe-me conduzi-la. — estendeu a mão novamente.

— Lamento... Acho que além de envergonhar a mim mesma, irei constrangê-lo.

— Louvo sua sinceridade, mas dê-me um voto de confiança. Prometo que não ficarei constrangido, e sim orgulhoso de dançar com jovem tão bela.

Juliet sentiu-se corar. Encarou-o mais uma vez, com os grandes olhos castanhos mostrando um pouco de dúvida.

— Voto de confiança não é dado a desconhecidos, cavalheiro.

Ele não a deixaria impor uma distância entre eles. Não agora que a achava cada vez mais interessante e diferente das outras moças no recinto. Ignorando sua negativa, firmemente puxou-a até o centro do salão, confiando que ela não iria querer chamar a atenção fugindo de suas mãos. Ela, como Tristan esperava, deixou-se conduzir a contragosto. Cumprimentaram-se, a exemplo dos outros casais de dançarinos, cada dama diante de seu par, antes da dança propriamente dita começar. Quando ele pôs um braço em volta da cintura de Juliet, e aproximou-a dele, ela resmungou bem baixinho:

— Eu disse que não queria dançar.

— Não. Disse que não “sabia” dançar.

— Eu o pisarei e certamente se arrependerá de haver-me carregado para o salão. Não tenho talento para dança!

Ele reprimiu uma boa risada diante do mal humor da moça:

— Aposto que tem mais talento do que imagina. Confie em mim, senhorita Juliet, não deixarei que se envergonhe.

— Já disse que voto de confiança não é dado a desconhecidos. — os olhos castanhos pareciam mais escuros e com uma ponta de fúria, que agradou a Tristan.

— Então imagine que somos namorados. Confiaria em seu namorado? — correu os olhos rapidamente pelo vestido da jovem, apreciando a cintura fina e o decote bem comportado, mas convidativo. Visto do ângulo privilegiado de Tristan, era bastante revelador, inclusive.

— Não. Namoros costumam ser impessoais. Apenas uma mera formalidade imposta por pais, tutores e sociedade, antes do contrato de casamento ser redigido. Os casais de namorados dificilmente têm a intimidade suficiente para confiarem um no outro. — Nem amor, só interesses financeiros, pensou ela.

Ela não percebeu que Tristan já a fazia bailar suavemente. E ele não se incomodou diante de suas palavras ácidas. Pelo contrário, achava Juliet uma parceira estimulante, pois as outras moças com quem dançara até hoje sempre se mostraram gentis e monotonamente cordatas. Respondeu em tom impessoal:

— É uma opinião válida, embora eu já tenha visto casais de namorados com intimidade em excesso... Imagine então que somos amantes, afinal é uma união opcional, movida pela paixão, que independe de contratos. A confiança entre um casal de amantes é total, e um conhece ao outro por completo, não há segredos e nem medo entre eles. Com esse exemplo você concorda?

— Concordo. — ela falou um pouco relutante, tentando encontrar algum traço de malícia no olhar do seu par. No entanto, o olhar dele estava límpido e prateado, e o sorriso era discreto e gentil. Sim, um sorriso gentil em lábios firmes e bem desenhados... Lábios extremamente beijáveis. Surpreendeu-se ao imaginar-se aos beijos com o cavalheiro à sua frente. Um suave arrepio eriçou-lhe os pêlos do braço que roçava delicadamente em Tristan. Felizmente ele usava mangas compridas, e não notaria nada. Juliet vacilou por um instante, e ele a apertou um pouco mais firmemente junto a seu corpo.

O rapaz voltou a falar, com voz doce e tranquilizadora:

— Deixe-me conduzi-la, senhorita. Relaxe.

— Chame-me de Juliet, apenas. Um amante dificilmente chamaria sua amada de senhorita. — falou em tom quase sussurrante, olhando para o peito dele, tentando fixar-se nos detalhes do colete cinza chumbo bordado e do nó da gravata prata, esforçando-se para não ficar corada.

Tristan havia inclinado ligeiramente a cabeça para escutar a moça falar, já que era menor que ele. Sentiu novamente aquele formigamento peculiar quando a resposta dela atingiu seus ouvidos. Então Juliet abraçara a idéia, e confiaria nele. Ótimo! Conduziu-a até o centro do salão, e misturaram-se a outros casais. Achou melhor continuar falando com a dama, distraíndo-a do medo de errar algum passo. A coreografia daquela dança era complexa, e a dama, inexperiente.

— Como amantes, Juliet, um já conhece o corpo do outro por completo... Então uma mão a deslizar na sua cintura é um aviso conhecido do que deseja o parceiro... — ele deslizou a mão na cintura dela. Juliet ergueu os olhos e voltou a encará-lo.

Tristan estava excitado, e tomou cuidado para não colar-se excessivamente à dama. Se ela percebesse, certamente não acharia nada engraçado...

— Se eu deslizo uma mão em sua cintura desse jeito, minha querida, é porque espero de você um certo movimento... de seus quadris... — o tom de voz soou ligeiramente provocativo até para ele mesmo, admitiu.

Ela ficou subitamente consciente dos seus quadris. Muito próximos aos dele.

— Um movimento suave e sutil, Juliet. Não queremos escandalizar os outros casais. Ninguém além de nós dois precisa saber que somos amantes. A nossa descrição garante ainda mais confiança entre nós. E você confia em mim plenamente, senão não se entregaria a mim, e nem eu a você. Por isso nos movimentamos como um só. — rodopiou-a gentilmente.

Juliet sentiu o coração começar a acelerar. E o espartilho começou a ficar ligeiramente incômodo.

— E agora seguimos juntos em vai e vem. Vai e vem, Juliet. Várias vezes... Gostamos muito disso, não é, meu bem? — sussurrou.

Ela fez que sim com a cabeça. Os olhos dele pareciam brilhar mais. Cinza claro? Cinza prata, como sua gravata?

— Percebe uma certa mudança no ritmo? Do mesmo modo, o nosso movimento também muda... Acelera-se, as vezes diminui... Das duas formas há prazer... E das duas formas nós experimentamos... É muito bom explorar as possibilidades... Rápidos — rodopiou-a de forma mais intensa, e depois voltou a bailar — ou cadenciados... para frente, para trás, para frente, para trás... Juntos, encaixados, ligados como um só...

Juliet olhou para o espaço entre eles. Não havia espaço entre eles! Estavam agarrados, ligados, presos no peito um do outro. Presos nos quadris um do outro. Sentiu alguma coisa queimar por dentro. Bem embaixo, entre suas pernas. Que sensação absurda era essa?

Tentou prestar atenção à música, e a dança elaborada e difícil que haviam inventado para acompanhá-la.

— E quando meus dedos tocam os seus, minha doce Juliet, já estás ciente do que eu quero de você. Aperto sua mão na minha e já sabes antecipadamente do meu desejo e quer satisfazer-me. Plenamente. Então move-se comigo em doce cavalgada, para os dois lados, os dois lados... o que teu parceiro pedir, tu deixarás... sabes que não haverá sofrimento... só deleite... — acompanharam o fluxo de casais, que deslizaram primeiro à direita, e depois à esquerda.

Juliet não estava mais quente por baixo. Era outra coisa... Não pensava com clareza, óbvio, o homem a sua frente a hipnotizara, e comandava seus movimentos. Movimentos



harmônicos e graciosos. Tristan dançava muito bem, e não a deixara errar nenhuma vez. Devia ser algum tipo de mágica... Pena que o espartilho parecia incomodar cada vez mais, acentuado pelo fato do parceiro apertá-la com muita firmeza. Mesmo um pouco dolorida estava gostando. Muito. Mais do que deveria, até.

— E então, novamente acelera-se... — ele continuou falando em voz melódica, os pares rodopiaram várias vezes, no mesmo eixo, e eles também, Juliet sentia-se um pouco tonta, um tanto inebriada pelo movimento e pela intimidade com aquele belo cavalheiro.

Afinal, o que estavam fazendo? Estava ficando sem fôlego...

— E chega-se ao ápice! — ele murmurou, ao ouvido dela, fazendo seu coração quase sair pela boca, e a sensação quente entre as pernas, transbordar.

A música parou bruscamente, e os casais bateram palmas, todos ainda um pouco afogueados, animados com o ritmo contagiante.

Tristan sorriu para Juliet, pegando as mãos dela nas suas:

— E então, foi bom?

Ela não conseguiu falar, apenas concordou com a cabeça.

— Concede-me também a próxima dança? — perguntou, esperançoso.

— Eu ... eu... não ... consigo respirar...

Ele assustou-se com o tom subitamente pálido do rosto de Juliet. Praticamente correu com ela em direção dos jardins, para que tomasse ar.

— Sente-se melhor, senhorita? — estava sobressaltado.

— Acho que é o espartilho... muito apertado... — ofegava.

Muriel House, a maravilhosa mansão de lady Adelaide Spencer Muriel, era um paraíso a poucos quilômetros do centro de Londres, com um imenso jardim preparado para convidados que gostavam simplesmente de admirar as flores e tomar ar, bem como para convidados que preferiam apreciar outro tipo de entretenimento. Sendo assim, havia uma parte bem iluminada logo que se cruzavam as portas, e outra área nem tanto, que surgia além de alguns poucos degraus. Tristan olhou rapidamente em volta, e conduziu-a até a descida, procurando um recanto discreto, meio encoberto pelas sombras que as próprias plantas faziam. Colocou-se atrás dela, abrindo o vestido rosa parcialmente e desfazendo habilmente os nós que fechavam o espartilho.

— Meu Deus, porque usam isso? Claro que não podem respirar direito! Melhor agora?

— Ah, sim! Muito melhor! — a cor voltava às faces. Abanou-se.

Tristan colocou-se diante dela, para certificar-se de que estava mesmo melhorando. Assustou-se novamente, congelou por um momento com olhos muito arregalados, e em seguida voltou rapidamente para as costas de Juliet.

— Preciso fechar-lhe o vestido!

Foi a vez de Juliet se assustar:

— Mas porque a pressa? Agora que eu estava melhorando!

— Olhe seu decote!

Juliet olhou aonde ele mandara. Ah, seus seios haviam escapulado da roupa e estavam quase totalmente expostos! Tentou cobrir-se, puxando o tecido com energia, enquanto Tristan fazia a mesma força na parte de trás. Alguns botões romperam-se, e saíram voando.

— Ah, não! — gritaram ao mesmo tempo.

Ouviram vozes se aproximando e Tristan não pensou muito. Mudou sua posição novamente e abraçou-a, cobrindo-a quase completamente com seu corpo, de forma que ninguém podia ver seus seios, e nem suas costas. Só veriam a parte de trás da casaca do cavaleiro.

— Como amantes... — sussurrou ele. Ela concordou com a cabeça, enterrando o rosto no peito dele para não ser reconhecida. As pessoas passaram direto, sem olhá-los duas vezes.

— Pronto, senhorita. Já passaram. — ele disse, olhando de soslaio para o casal que conversava mais adiante.

Juliet levantou o rosto do peito do rapaz. E deu-se conta da proximidade e do perfume másculo que emanava dele, um misto de sabonete, madeira e tabaco, da atmosfera agradável do jardim, da suave iluminação e do reflexo da lua sobre suas cabeças. Sozinhos e frente a frente, sem ninguém por perto olhando-os com curiosidade. Era a oportunidade de ver melhor a cor dos olhos de Tristan, que pareciam mudar a cada instante. Ficou na ponta dos pés para olhar mais de perto.

— Seus olhos são azul claro ou cinza?

Ele quase gemeu quando viu o rosto de Juliet aproximar-se tanto do dele. Inclinou a cabeça levemente, para que ela o observasse melhor. E, conseqüentemente, seus lábios ficaram muito próximos.

— Cinza. — ele sussurrou. E a beijou.

Prensou-a delicadamente contra o muro que contornava o jardim, colando seu corpo mais ainda ao de Juliet. Tristan aproveitou os lábios entreabertos da jovem, e sua língua logo encontrou a dela.

A moça era inexperiente na arte de beijar, porém mesmo assim o beijo foi intenso e sensual, e Juliet viu-se apertando as costas de Tristan, como se temesse sua fuga. Quando os lábios enfim se separaram, ele a virou de costas, e foi cobrindo de beijos sua nuca exposta, provocando arrepios que corriam o corpo inteiro de Juliet, enquanto amarrava de novo o espartilho, dessa vez um pouco mais frouxo. Depois fechou os botões do vestido.

— Se alguém a vê com o vestido aberto, pobre de você. Ainda mais por estar comigo. — Ele explicou, com a voz meio lânguida, ainda sob o efeito do beijo, desejando a estar despindo em vez de fazer o contrário.

— Mas não fizemos nada de errado!

— Infelizmente, isso não importará para os fofoqueiros. Minha fama não é das melhores, e temo comprometê-la. Melhor voltarmos logo ao salão. Trouxe algum casaco ou xale para cobrir-lhe as costas? Faltam três botões em seu vestido agora.

— Sim, eu trouxe um casaquinho.

Tristan admirou os lábios de Juliet mais uma vez e não resistiu.

Ele inclinou-se e beijou-a novamente, e a sensação que Juliet havia sentido no salão, no encontro entre as coxas, voltou com toda a força, fazendo-a soltar um suave gemido, e deliciando Tristan, que mais uma vez pressionou-a contra a parede do muro usando o próprio corpo, encaixando-se nela, dessa vez mais agressivamente. Embora fosse notavelmente mais alto que ela, moldavam-se bem um ao outro.

Ai, Deus, como moldavam-se bem...

Juliet não teve dúvidas de quanto Tristan a desejava, quando os quadris se uniram, e enquanto as mãos dele corriam ansiosas, das suas costas à cintura, e daí subindo até perigosamente perto dos seios. Ela afundou os dedos no cabelo negro do homem que a beijava tão intensamente, provocando-lhe as mais excitantes emoções.

— Moça, se ficarmos mais um pouco sozinhos, não responderei mais por mim... — sussurrou Tristan para uma arfante e um tanto surpreendida Juliet, que baixou os olhos, ruborizada.

Soltou-a, relutante:

— Devemos voltar, certamente sua dama de companhia já sentiu sua falta.

Entraram novamente no salão, e logo a acompanhante de Juliet veio ao seu encontro:

— Juliet! Estava louca procurando-a! — a jovem senhora, que não devia ter mais de quarenta anos, tinha preocupação no rosto bondoso e bonito.

— Estou bem, senhora Ellen. O senhor Smith aqui me levou para tomar ar, pois não me sentia bem.

— Ah, que gentileza, senhor...? — ela olhou-o, curiosa.

— Tristan Wagner Smith, às suas ordens. — beijou-lhe a mão, reverentemente.

A senhora sorriu, encantada.

— Muito prazer, sou Ellen Jacomini. Obrigada por ajudar minha menina. Foi muito gentil de sua parte. Juliet, venha sentar-se um pouco, querida, buscarei uns refrescos para nós e se sentirá ainda melhor.

— Não se incomode, senhora, faço questão de eu mesmo ir buscar os refrescos. Aguardem aqui. — Prontificou-se Tristan.

— Que rapaz adorável, Juliet! — exclamou Ellen, sentando-se ao lado de sua protegida. — E é tão bonito!

— É mesmo, não é? — ela sorriu, corando um pouco. Então lembrou-se dos botões que faltavam em seu vestido — Senhora, estou com frio... Poderia trazer-me meu casaquinho?

— Sim, minha querida. Volto logo.

Juliet observou que quando a senhora Ellen passava, vários homens voltavam seus pescoços para admirá-la. A viúva de trinta e sete anos bem poderia voltar para sua casa de campo também casada, era muito bonita ainda. Tristan logo retornou com os copos para as damas, a tempo de ver Juliet analisando o caminho que a senhora Jacomini fazia até chegar à moça que guardava os casacos.

— A senhora Ellen é de sua família? — ele indagou.

— Não, ela mora perto de mim, e é amiga de minha mãe. Era também minha professora de piano e pintura, e ficou viúva, uns três anos atrás. Seu filho está ingressando na marinha por intermédio de meu pai e meus irmãos, que são oficiais graduados. Penso que a solidão pesou mais na decisão de ser minha acompanhante do que qualquer necessidade de dinheiro, pois seu marido a deixou com uma herança e bens razoáveis. E de fato ela é mais uma companheira do que uma simples acompanhante. Agora, observando-a ser admirada por outros homens, espero que ela possa encontrar algum pretendente digno.

— Há alguns viúvos em Londres que ficariam muito felizes de desposarem sua amiga, certamente.

Ellen retornou, entregando o casaco à Juliet e ajudando-a a vesti-lo. Sorriu amigavelmente para Tristan, bebendo seu refresco.

— O senhor tem algum trabalho, senhor Tristan? — perguntou bem diretamente.

Ele sorriu diante da pergunta. Essas duas eram mesmo bem diferentes dos londrinos. Para a maioria das pessoas da cidade seria bem natural que um rapaz bem nascido como ele não trabalhasse, e vivesse apenas de alguma herança ou à custa dos seus pais o máximo de tempo possível, mas aquela senhora, e provavelmente Juliet também, esperavam que um homem de mais de vinte anos tivesse responsabilidades. Bem, ele orgulhava-se de administrar seus próprios negócios, e o fazia bem, seguindo uma tradição familiar que seu avô, um barão rico e avesso às normas, incutira aos filhos, e que os netos também abraçaram. Nenhum dos homens Wagner Smith vivia sem garantir seu próprio sustento. O resultado era que toda a família era bem abastada, com vários membros casando-se com moças da nobreza que tinham menos riquezas que eles, e estendendo os negócios e os laços comerciais para além das fronteiras, agregando dinheiro e poder. Ficou satisfeito por ser perguntado sobre isso, pois era um dos mais bem sucedidos de sua linhagem, e adquirira respeito em toda a cidade quanto a seu comércio, que era frequentado principalmente pela aristocracia.

— Tenho algumas lojas aqui em Londres, algumas herdadas da família, e outras que eu mesmo adquiri. Tenho a sorte a meu favor, e os negócios vem prosperando.

— Que tipo de lojas? — indagou Juliet.

— Confeitarias e tabacarias.

— Oh, então talvez já tenhamos comprado algum doce em uma de suas lojas.

— É bem provável.

— São negócios tão diversos! — surpreendeu-se Juliet.

Ele riu:

— De fato. Meu pai era do ramo da tabacaria, eu só expandi seus negócios. Quando meu avô materno faleceu, dois anos depois de meu pai, deixou toda sua fortuna para os netos ao invés dos filhos, que havia beneficiado em vida. Com minha parte adquiri a primeira confeitaria. Os lucros me permitiram ampliar a rede.

— Que impressionante! Tem tino para os negócios. — elogiou a senhora Ellen.

— Tenho sido abençoado. — voltou-se para Juliet — Sente-se realmente melhor, senhorita Fiennes?

— Sim, obrigada.

— Então desejo convidá-la para dançar novamente.

— Gostaria muitíssimo. — ela levantou-se quando ele ofereceu sua mão.

— Permite, senhora Jacomini, que seja eu o par constante da senhorita Fiennes esta noite? — indagou educadamente, testando o quanto a dama de companhia seria permissiva com ele.

— Se não fossem as convenções ditadas pela sociedade, eu consentiria. Sabes que não fica bem que Juliet dance com o senhor a noite inteira? — questionou, com suavidade — Não sou eu que faço as normas, entenda.

Ele sabia que não ficava bem para uma moça dançar seguidamente com alguém que não fosse seu noivo ou marido, mas não custava tentar...

— Mais duas danças. É só o que pedirei. Não, eu suplicarei! — fez cara de sofrimento, teatralmente.

— Hum, está bem, vão agora! Mas a próxima será de outro cavalheiro. Não dançarão vezes seguidas, certamente!

Pediram licença a Ellen, Juliet calçou as luvas e logo foi conduzida por Tristan.

— Voltamos a ser amantes? — murmurou em seu ouvido, prendendo-a novamente junto a ele.

— Não pensei que tivéssemos deixado de ser em nenhum momento! — ela brincou, mas sem encará-lo. A suave angústia de estar nos braços dele a invadia novamente, ainda mais intensamente após os beijos.

— De minha parte isso não aconteceria. Só se você desejasse deixar-me... — rodopiou com ela no salão.

— E porque eu o deixaria? Seus movimentos me inebriam, meu gentil senhor. — nem imagina o quanto, pensou, quando se afastaram em um dos movimentos da dança.

— E afinal de contas não é qualquer homem que leva uma dama ao ápice, não é mesmo? — indagou, quando se aproximaram de novo.

Ela corou, mesmo sabendo que ele se referia à dança anterior. Tristan percebeu o acanhamento.

— Oh, talvez nossa linguagem simbólica seja perigosa... Melhor mudarmos. — sugeriu, mesmo achando que aquele tipo de linguagem era deliciosamente provocante. Fazia-o imaginar que Juliet fosse de fato sua amante. E depois da visão maravilhosa de seus seios enquanto estavam nos jardins, não conseguia deixar de imaginá-la sem o vestido, beijando-o da mesma forma apaixonada com que o beijara antes.

— Talvez... — respondeu incerta. Sabia que a linguagem que usavam para dançar era absurda, imprópria e inadmissível para uma dama. Sabia que Tristan tinha uma ponta de malícia ao falar, mas... era tão agradavelmente transgressor! Imaginar aquele rapaz belo e viril como seu amante! Havia lido alguns contos eróticos que pertenciam a seu irmão Alexander, e que havia achado escondidos em um vão da lareira da biblioteca de sua casa. Aqueles contos a haviam deixado muito afogueada, e eram extremamente esclarecedores... Então imaginava-se como a dama da história. Nua com seu querido lorde... Imaginava as mãos dele agindo, e também imaginava o seu...

— Juliet?

— Heim?

— Perguntei o que tipo de linguagem sugere que usemos para conduzi-la no salão durante a dança. — indagou, quando faziam um singelo rodopio em grupo.

— Pensei que já estivéssemos dançando.

— Sim — ele sorriu — mas essa é uma música simples, de coreografia monótona. Em breve tocarão uma boa valsa e quero dançá-la com você.

— Pretende mesmo dançar comigo a noite toda. Aí sim falarão de nós. — ela riu.

— Incomoda-se de sair em jornais e revistas de fofoca?

— Fala a sério? — assustou-se.

— Sim, falo. Aqui em Londres isso é muito comum. Vigiam de perto o que consideram a alta sociedade. Sou neto de um lorde rico e excêntrico, o que só complica mais ainda ...

Ela engoliu em seco, franzindo as sobrancelhas:

— Gostaria de saber em que tipo de terreno estou pisando. Arenoso, firme, lodoso?

— Temo que está mais para lodoso...

— Não pretendo enlamear-me ou afundar-me em areia movediça, senhor Tristan. Conte-me o que preciso saber, senão não poderemos ser amigos, e as aulas de dança acabarão aqui.

— Contarei nesse instante? As pessoas a nossa volta poderão ouvir... — murmurou.

— Tanto quanto podem ouvir você dizer que somos amantes! — falou, impaciente, mais alto do que deveria.

Um rapaz louro que dançava perto deles com uma bela dama, voltou-se para observá-los, surpreso com o que tinha escutado. Sorriu para eles, com calorosos e enormes olhos verdes, mas Juliet havia ruborizado novamente.

— Encerra-se aqui minha noite e nossa conversa. Meu pai me mata se souber que me comportei mal. E pelo visto já estou morta mesmo, pois as pessoas a nossa volta me ouviram dizer “somos amantes”! O almirante pode virar uma fera quando se trata dos filhos... e meus irmãos terminam de me fazer em picadinho... — murmurou, e nem queria imaginar a reação do seu tio Charles.

— Não se preocupe. O único que ouviu foi meu melhor amigo, Jake. Ele sabe que não é sério, por essa razão ri.

Ela o encarou, desconfiada. Tristan suspirou antes de começar a falar:

— Embora não acumule títulos de nobreza, sou mais abastado que vários duques ou marqueses, senhorita Juliet. E, ao que tudo indica, serei herdeiro de um baronato, pois meu tio ainda não conseguiu um filho homem, e já não é jovem. Bem, estes fatores me favorecem junto a damas casadoiras, como deve imaginar. Usei esse assédio desregradamente a meu favor. O contato constante com tantas damas nos deu má fama, e também a meu amigo Jake, e caímos enredados por fofocas e invenções a nosso respeito, cerca de duas temporadas atrás.

— Que tipo de intriga sujou seus nomes?

Ele respirou fundo, e continuou, quando os casais se reaproximaram:

— Duas irmãs afirmavam que nós tínhamos abusado delas, e exigiam casamento. Nem sequer havíamos tocado em suas mãos e elas nos acusavam de as termos seduzido! Dou-lhe minha palavra Juliet, que nem eu e nem meu amigo faríamos isso. Beijávamos muitas moças, mas o fato é que não passávamos muito além disso com as donzelas. Éramos mais bem comportados que muitos desses rufiões que estão por aqui dançando.

— O fato de estarem sempre juntos ajudou a história das irmãs.

— Sim. E quanto mais desmentíamos o ocorrido, mais rebuliço havia!

— O mal entendido foi desfeito, suponho.



— Sim, felizmente. Descobriu-se quem era o verdadeiro aproveitador, e as duas ladies sumiram de Londres.

— Mas você e seu amigo saíram arranhados, de qualquer modo.

— Bastante. Quase atrapalha nossos negócios, mas nos mantivemos firmes. E apesar de nunca termos nos comportado tão castamente como nos últimos tempos, continuamos a ter uma péssima fama.

— Deus! — revirou os olhos — tu me comprometeste!

— Acha graça? Posso de fato estar lhe criando problemas!

— E o está conscientemente fazendo! — ela sorriu.

— Que jeito? Sou um egoísta sem remédio! Se a deixar sentada na cadeira, outro a levará de mim, e isso não posso permitir...

— Senhor Tristan Wagner Smith, me comove com sua gentil declaração! — riu, com ar maroto.

— É sincera. Ainda mais depois de provar seus lábios...

— Tristan, devo preocupar-me por estar em sua companhia, e pelo que aconteceu entre nós nos jardins?

— Minha doce Juliet, se eu fosse o canalha que se supõe, jamais teria voltado a fechar seu vestido ou seu espartilho... Não tenho dúvidas que ficavam muito melhores abertos... — sussurrou, aproximando a boca de seu ouvido, e fazendo-a se arrepiar.

— E quer me fazer crer que nunca se aproveitaram de nenhuma moça, que são castos e inocentes? — retrucou.

— Nunca nos aproveitamos de nenhuma “donzela”. — seu tom era malicioso.

— Acho eu essa conversa não é adequada. — desviou os olhos dele.

— Parece que não seguimos os padrões convencionais da sociedade. — respondeu com voz sensual, apertando-a mais junto ao peito.

— Sim, meu caro e gentil cavalheiro, mas não se deixe enganar por nossas brincadeiras: meu comportamento verdadeiro é extremamente convencional. Sou uma donzela, e pretendo continuar sendo até o dia do meu casamento. — voltou a encará-lo.

— Oh, estou sendo advertido! — ergueu as sobrancelhas, os olhos cinzas brilharam mais intensamente.

— Sim, formalmente. É meu par e meu professor de dança. Só isso.

— Que decepção... Uma aluna beijando daquele jeito seu professor ao luar... Sonhava que a idéia de sermos amantes pudesse afetá-la!

Ela soltou uma risada, e o casal saiu rodopiando por todo o salão.

Após a dança Tristan resolveu apresentar seu amigo a Juliet.

— Senhorita Juliet Fiennes, este é meu velho amigo, Jake Rae Cunningham.

— Jake, a seu dispor. — inclinou-se numa reverência, e beijou sua mão.

— Encantada. — flexionou rapidamente os joelhos, em cumprimento.

— Encantado fiquei eu, senhorita. — sorriu amplamente — Que tal se formos todos à mesa de bebidas? Depois dessa dança monótona e da companhia mais monótona ainda, talvez um conhaque me anime.

Tristan ofereceu o braço a Juliet, e os três seguiram. A moça olhou na direção da senhora Ellen, mas ela lhe acenou que podia ir conversar. Ao seu lado havia um senhor de bigodes e elegante fraque. Sim, a sua dama de companhia conquistava admiradores no baile.

— Concede-me a próxima dança, senhorita Fiennes? — indagou Jake para Juliet.

— Certamente que sim. É sócio do senhor Tristan, senhor Jake?

— Ah, não, eu...

— É um futuro duque, herdeiro de uma cadeira na Câmara dos lordes. — cortou Tristan, com um sorriso divertido nos lábios.

— Não sou não. Sou um advogado, senhorita. — olhou severamente ao amigo.

— Seu pai é um duque? — indagou Juliet, apoiando a provocação de Tristan, com expressão dissimuladamente inocente.

— Meu tio é. Querem me empurrar para herdeiro, já que meu primo sumiu na Irlanda há anos, e sou o próximo na linha de sucessão. — retrucou.

— Jake está tão feliz com a possibilidade! — disse o amigo, rindo.

— Sim, vejo que está radiante com a idéia. Porque?

— Sou simpatizante do partido liberal, senhorita. Acho um absurdo que a nobreza detenha tanto dinheiro e poder enquanto tantos pobres sofrem nas ruas!

— Ah, será divertido ver um duque no parlamento gritando que seus poderes são uma injustiça social e que na verdade é um grandessíssimo e inútil desocupado! — todos riram.

— É só uma desculpa dele, senhorita Juliet! Ele teme as obrigações que vem com o cargo de duque. E receia fazer bobagem com toda a burocracia que vai cair no seu colo.

— Que decepção, senhor Jake. Pensei que seria convencida de todas as vantagens de ser filiada a seu partido, e agora descubro que legisla em causa própria... Os políticos sempre acabam desiludindo a plebe... — sorriu.

— Valeu a pena desiludi-la nesse campo se me dá em troca um sorriso tão gracioso! — brincou Jake.

Uma senhora passou pelo trio e lhes lançou um olhar de censura ao ouvir suas risadas, olhando mais agudamente para Juliet.

— Viscondessa Domenica, está esplendorosa essa noite! — cumprimentou Jake, exagerando de propósito em uma mesura galante .

A senhora cumprimentou-o rapidamente com a cabeça, fazendo o mesmo com Tristan e Juliet, e seguiu seu caminho, com olhar severo.

— Juliet, estou certo que algumas pessoas aqui consideram que não sabe escolher muito bem suas companhias. — comentou Tristan, olhando um pouco preocupado a mulher que havia passado — talvez fosse mais sensato que voltasse para junto de sua dama, evitando assim que alguma maledicência chegue aos ouvidos de seu pai e afete sua estadia na cidade.

— Em todos os lugares do mundo existem pessoas muito rápidas em julgar. — lamentou ela, cumprimentado-os com uma inclinação de cabeça antes de afastar-se.

Tristan reteve sua mão antes que se afastasse, avisando em tom ligeiramente possessivo:

— A próxima dança é de Jake, mas depois será minha mais uma vez . Não aceite o convite de mais ninguém.

Juliet ergueu as sobrancelhas, surpresa. Respondeu num tom impessoal:

— Às suas ordens, meu amo e senhor.

Enquanto ela se afastava os dois rapazes ficaram admirando seu suave balançar de quadris.

— Hum... Indo ou vindo ela é sensacional... — murmurou Jake, fazendo o amigo sorrir num sutil assentimento — Como descobriu essa delícia, que além de tudo é espirituosa?

— Foi um golpe de sorte, acho .

— Parece que interessou-se sinceramente.

— Mais do que eu mesmo esperaria.

Logo Jake estava dançando com Juliet, conversando animadamente. Ela em seguida voltou para perto de sua dama de companhia, e sentou-se, esperando passar despercebida por outros rapazes.

— Ah, que dama escolheste, Tristan... Pena que não a vi primeiro... — provocou.

— Esqueça, meu caro. Não abrirei mão desse pequeno tesouro.

— Grayson também se interessou pela senhorita Juliet, está óbvio nos modos dele. Esse lordezinho petulante! — apontou Jake, vendo o rapaz de cabelos escuros cacheados cumprimentar Juliet e sua dama de companhia, e sentar-se com elas.

— Claro, principalmente depois que a viu em nossa companhia. — resmungou — Nosso amigo Shakman não resiste a uma boa disputa!

— Devemos ir até lá, Tristan, Grayson é um predador experiente! — alarmou-se ao ver o lorde sentar ao lado da moça.

— Esperemos um pouco. — Segurou o braço do amigo.

Logo o lorde levantou-se e se afastou da jovem, Tristan e Jake começaram a rir.

— Essa é minha garota!

— O que fez para deixá-la fiel a você se a conhece há apenas pouco mais de uma hora?

— O que fiz? Me tornei seu instrutor de dança! — piscou um olho para o amigo e foi até a Juliet. A valsa ia começar.

## CAPÍTULO II

Sir Edward, amigo e admirador da senhora Ellen, havia sugerido que fizessem um piquenique em Green Park, estendendo o convite a Tristan, e que foi alegremente aceito por todos. Nesse momento, após se fartarem com os maravilhosos doces e pães que o senhor Smith havia feito questão de trazer de uma de suas confeitarias, e beberem os refrescos que as damas haviam levado, o casal mais velho entabulava uma animada conversa, e os olhos de sir Edward brilhavam enquanto alisava os elegantes bigodes e ouvia as palavras da amiga que tenciona obviamente conquistar, ao mesmo tempo que o casal mais jovem caminhava tranquilamente de braços dados pelo parque.

Tristan ia contando para Juliet peculiaridades sobre o local, explicando que já havia sido um cemitério para pacientes do hospital St James, e que a partir do reinado de Henrique VIII o local começou a tomar forma para visitação pública.

— Não sabia disso... — replicou, ela, um tanto aflita — Podemos estar pisando em algum túmulo agora?

— Oh, Deus, espero que não! — ele deu uma boa risada. — Venha, vou lhe mostrar os narcisos.

Juliet ficou encantada com os narcisos amarelinhos que brotavam em profusão em boa extensão do parque. Distraiu-se a ponto de não ver uma pedra, e acabou por pisar em falso, torcendo o pé. Tentou conter um gemido de dor, apertando o braço de Tristan com força. Ele a mirou, sobressaltado:

— Machucou-se? Apoie-se em mim, minha querida.

Ela não pôde firmar-se, e o rapaz imediatamente percebeu que a dor havia sido intensa. Levou-a para um dos recantos mais afastados do parque, colocando-a sentada na grama e recostando-a numa árvore larga e frondosa.

— Deixe-me ver, senhorita. — tocou-lhe delicadamente o pé, tirando-lhe o sapato de salto baixo.

Juliet sentiu-se intimidada. Tristan olhava seu pé com interesse, uma das mãos repousadas em sua panturrilha.

— Vou tirar a meia, para ver melhor. — avisou ele, desenrolando a meia com lentidão e suavidade, os olhos presos na pele que ia sendo exposta.

O movimento lânguido fez o coração de Juliet disparar, e sentiu um súbito calor a percorrer seu corpo.

Tristan analisou a perna desnuda até o joelho, olhando fixamente por algum tempo.

— Não há nenhum inchaço... Felizmente não há nada com que se preocupar.

Então, sem que a moça esperasse, Tristan beijou-lhe o pequenino pé, e continuou beijando perna acima, até deter-se na coxa, onde sua mão pressionava, cravando os dedos na carne clara, com firmeza e evidente desejo.

— É tão macia, Juliet...

Ela suspirou, sentindo-se esvair nas palavras e beijos dele, principalmente quando os lábios do rapaz passearam em seu pescoço, rosto e boca, e deslizaram até seu colo, em

carícias sensuais e úmidas, a língua infiltrando-se pelo decote, buscando com avidez os seios de Juliet :

— E tão perfumada, também... — ele completou, com voz um tanto trêmula.

Enquanto falava e a cobria de beijos, seus dedos seguiam para o interior da coxa de Juliet, percorrendo o caminho perigoso até o meio das pernas da jovem, onde parecia ter brotado uma fonte. Ela, mesmo zonzinha pela luxúria que se despregava de Tristan e a envolvia, teve forças para deter sua mão. Já ouvira falar muitas vezes do que acontecia às moças que deixavam os rapazes irem além de simples beijos...

— Não... Não podemos... — conseguiu murmurar.

— Perdoe-me... — ele sussurrou, recolhendo a mão lentamente.

— Devemos voltar ao piquenique. — ela pediu, ainda vibrando pelas carícias atrevidas.

— Necessito de uns minutos... — ele encostou a testa na dela — Dê-me só um pouco de tempo, para me recompor...

Ela entendeu, observando as calças justas de Tristan, e sua masculinidade evidentemente fora de controle. Tentou conter um sorriso, sem sucesso. Cobriu a boca com a mão, e ele notou.

— Juliet! Não olhe! — sentiu ruborizar, e girou o corpo, para esconder a evidência de seu desejo.

Ela achou mais graça ainda.

— Não foi proposital, garanto-lhe. mas tenho dois irmãos, seu bobo! Sei que somos anatomicamente diferentes. — revirou os olhos, e tornou a rir.

Tristan sacudiu a cabeça, tão surpreso quanto divertido com o comentário desconcertante de sua companheira.

— Acha engraçado o que faz comigo? — ele perguntou, também sorrindo — Imagine se sua dama de companhia me vê assim.

— Nem quero pensar!

Tinham uma relação bastante inusitada, e aos dois agradava e surpreendia ao mesmo tempo a naturalidade com que as palavras entre eles fluíam. Normalmente não falariam assim com pessoas que conhecessem havia tão pouco tempo, sem muito recato ou cuidado.

Era estranho que se dirigissem tão aberta e intimamente um ao outro, como se conhecessem de há tempos, quando na verdade nem se conheciam muito realmente. Mas a

isso se devia tudo, obviamente, àquela bendita primeira dança. Haviam começado a se conhecer de uma maneira bem incomum, e assim seguia adiante, de modo que espantaria sempre a qualquer um que os ouvisse.

— É certo que não nos veremos hoje à noite? — fixou nela um olhar tristonho, que assumira uma tonalidade semelhante à bela cor do céu sobre eles.

— Tenho o jantar com os amigos de meu pai hoje, e já havia confirmado o convite assim que cheguei em Londres. Sinto muito.

Tristan concordou, resignado.

— Mas amanhã tomaremos chá juntos, e à noite dançaremos no palacete dos Brown. Está certo, senhorita Fiennes?

— Sim, meu senhor. — fez uma reverência quando ele levantou e ofereceu a mão para ajudá-la a erguer-se.

— Não. “Amo e senhor”. Repita! — deu-lhe o braço, olhando-a com expressão brincalhona.

— Sim, meu amo e senhor! — revirou os olhos mais uma vez. Em pouco tempo já não estava mais mancando.

\*\*\*\*\*

— Distribua, Tim. — o marquês de Brighton, Robert Barker, pediu ao parceiro de uíste, sentado diante dele, depois que Jake havia embaralhado bem as cartas.

Tristan sorveu um bom gole de seu vinho do Porto enquanto aguardava que o visconde de Alvoy, Timothy Flanagan, distribuísse as cartas em sentido horário, para começarem mais uma das longas partidas que jogavam semanalmente no seu clube de cavalheiros preferido, em Pall Mall. Os adversários mudavam, mas Tristan sempre fazia parceria com o inseparável amigo Jake.

— Está calado hoje, Tristan — Comentou Matthew Fallentin, filho de um engenheiro bem sucedido, enquanto folheava um jornal, sentado em uma confortável poltrona perto dos jogadores, aguardando sua rodada. — Saudades de uma certa gazela?

Os jogadores voltaram seus olhares em direção a Matthew.

— Que gazela? — indagou lorde Tim, solteirão convicto e rico, que desfilava sempre com damas diferentes e lindas pela noite londrina, e sempre parecia disposto a conhecer mais uma, instantaneamente interessado no assunto.

— Não viste a formosura de vestido rosa que surgiu como por encanto e não despregou os olhos de Tristan no baile da condessa Adelaide? — provocou o rapaz.

— Não tive o prazer de ver... — lamentou Timothy.

— Claro que não, estava ocupado demais procurando algo dentro do decote de lady Collette... — alfinetou o seu parceiro, o marquês, um dos mais conhecidos devassos de Londres, belo e carismático. — Achaste o que pretendia?

— Ah, meu amigo... Não precisei procurar demais para que ela me mostrasse todos os seus segredos escondidos...

— Cafajeste! — os homens gritaram, em uníssono, como faziam habitualmente quando algum membro do clube contabilizava sua conquista em público. Alguns dos cavalheiros em volta ergueram seus copos como brindando. Puseram-se a rir.

— Por que perguntam se não posso contar o que fiz? — questionou Alvoy, fingindo inocência.

— Um cavalheiro de verdade nunca conta o que conseguiu de uma dama, seu perverso. Deves ser discreto e negar qualquer coisa que fez... — respondeu o marquês, zombeteiro.

— “Afirmou o mais sagaz dos conquistadores” — murmurou Tim, com ironia

— O “mais sagaz” tem diminuído o ritmo faz tempo. — sorriu o marquês.

— Ou tem sido mais discreto.... — completou Matt, acidamente.

— De qualquer modo, está nos meus princípios evitar comprometer uma dama. Isto é, se for mesmo uma dama...

— Comprometes uma dama até mesmo se passas apenas próximo a ela, Barker! — Gritou sir Oliver, um senhor de meia idade sempre disposto a uma boa troça, que fumava charuto e estava jogando pôquer na mesa ao lado, mas também ouvia a conversa, fazendo todos os homens que estavam a volta rirem às gargalhadas.

— Isso foi cruel. — Barker respondeu, mas não parecia nem um pouco ofendido.

— Não se incomode, Robbie — riu Tim — Mesmo com sua fama as mães inglesas ainda cruzam os dedos quando olha as filhas delas. Tem esperanças que crescem a cada dia a seu respeito, pois você tem que deixar um herdeiro para seu título, e já está mais do que na hora de casar e providenciá-lo...



— O mesmo se aplica a você, Tim. Mas eu tremeria só de pensar em ter qualquer um de vocês como genro! Pobre da esposa de um libertino de vossa estirpe... esse clube é muito mal frequentado! — cutucou sir Oliver mais uma vez, divertindo-se.

Os homens em volta riram-se e soltaram impropérios ruidosos diante da debochada ofensa que fizera a todos eles.

— Falávamos sobre a descrição que lorde Tim não tem — retomou Matthew, depois de mais uma rodada do jogo.

— Dissimulação, quer dizer — redarguiu o lorde, bem humorado.

— Desse modo — questionou Christian Cunningham, irmão de Jake, que ouvia a conversa sentado num banco do bar e que aproximara-se para pegar um dos cigarros americanos da caixa que Tristan havia disponibilizado em cima da mesa para os jogadores — Negar uma conquista significará a confirmação do sucesso obtido...

— Lógica das mais ilógicas... — replicou o marquês.

Os homens riram mais uma vez, concordando.

— Mas voltemos à Tristan e sua “gazela”. Fale um pouco mais sobre ela, meu amigo... — replicou Tim, fazendo todos voltarem sua atenção ao jovem comerciante.

— Não, senhor. Vocês estavam falando. Eu estava quieto. — disse Tristan, dando de ombros.

— Conte-nos, Tristan, conduziu a dama até os famosos jardins de Muriel House? — o lorde perguntou, maliciosamente.

— Por que responderia? Qualquer coisa que eu disser será usada contra mim. — respondeu o jovem.

— Ah, você o fez! — riu-se Tim.

— Cafajeste! — gritaram todos, em volta dele, às gargalhadas, apontando-lhe o dedo e brindando com seus copos.

— Não, seus safados! A moça é direita... — protestou Tristan, de cenho franzido.

— Ah, uma casta donzela... — retrucou Tim — Não preciso saber mais nada, já não me interessa, embora não possa negar que uma virgem tem sabor doce... Mas tenho escrúpulos e idade suficiente para manter-me longe delas!

— Para lorde Tim só servem aquelas que abrem logo as pernas... — provocou Jake.

— Claro! Eu abro a carteira, e elas me compensam abrindo a...

— Poupe-nos, Tim! — gritou o marquês, rindo.

Depois, filosofou:

— As melhores damas são as que não estão a venda.

— Seu devasso incorrigível, o que tu fazes é ainda mais obsceno que comprar um pouco de atenção. Escolhe as mulheres mais difíceis só pelo prazer de fornicar, digo, “conquistar” um território novo... — deu de ombros o lorde, olhando suas cartas.

— Ah, mas sempre deixo que elas se cansem de mim. Nunca sou eu que as abandono... — jogou uma carta na mesa.

— Hum, quanta consideração... Elas não aguentam você, porque divide sua atenção com várias ao mesmo tempo...

— Ainda não encontrei a dama certa. — respondeu o marquês, e olhou Tristan — Vi a sua mocinha, meu caro. Tem um corpo espetacular, e rosto fantástico, diferente de qualquer inglesa que eu já tenha conhecido...

— Puxou a família paterna. Tem bisavô grego e avó indiana. — respondeu Tristan, secamente.

— Mistura que resultou em um doce raro: apetitoso e provocante... — comentou Jake, risonho, fazendo sua jogada.

Tristan o olhou atravessado, mas nada disse.

— Está explicado porque parece uma deusa. E os peitos fabulosos? Bem, meu caro, não fique furioso comigo, mas tal maravilha é uma tentação ao toque... não pensa assim? — questionou Matt, marotamente.

Tristan tentou refrear em vão o sorriso que chegou aos lábios, ao lembrar-se da ampla visão dos seios de Juliet que tivera nos jardins de lady Adelaide. Todos os homens, de olhos pregados nele, gritaram mais uma vez, vendo sua expressão:

— Cafajeste!

— Não fiz nada, é sério... — tentou defender-se, mas desistiu, percebendo que os outros se divertiam enquanto ele negava seus atos, e gritavam ainda mais alto a palavra “cafajeste” — Ah, pensem o que quiserem! Cafajestes são vocês! — acabou rindo.

Encerraram a noite bêbados, trôpegos e cheirando a fumaça, alguns com algumas libras a mais nos bolsos, outros pouco se importando com quanto haviam perdido, saindo quase arrastados do clube, em estado lastimável, cada um para seu coche.

Tristan mal conseguiu trocar-se, mesmo com a ajuda de seu criado pessoal, graças ao exagero com a bebida. Sonhou com Juliet. Sonhos eróticos, promissores.

\*\*\*\*\*

Juliet demorou-se na escolha do vestido que usaria para tomar chá com Tristan. Por fim optou por um belo traje lilás de mangas curtas, sapatos da mesma cor para combinar, e uma delicada bolsinha bordada. A criada fez os cachinhos no alto da cabeça, tendo trabalho para enrolar o cabelo muito liso, arrematando com um arco prateado bem fino.

— Está linda, minha querida — elogiou a senhora Ellen, muito pálida, deitada na cama — o senhor Smith ficará encantado.

— Tem certeza que não é melhor que eu fique para cuidar da senhora? O senhor Smith vai compreender, afinal ele sabe que é minha acompanhante e que não devo deixá-la só quando está se sentindo tão mal. — Juliet olhou preocupada para Ellen.

— Querida, vi como ficou empolgada com o convite, e não quero atrapalhar por causa de uma indisposição estomacal. Como a confeitaria não é tão distante e o senhor Smith me pareceu um bom rapaz, confio que não haverá problema em seguirem sozinhos. Não demore e não permita nenhum avanço, já sabe como os homens podem ser atrevidos, mesmo os mais gentis!

Se a senhora Ellen sequer imaginasse que Tristan e ela já haviam se beijado com avidez, e que ele inclusive já tivera uma boa visão de seus seios, seu problema estomacal se agravaria instantaneamente, pensou Juliet.

— Sei refrear qualquer assanhamento masculino, não se preocupe. — e quem desejaria refrear os beijos deliciosos de Tristan? pensou Juliet, sentindo ruborizar. Felizmente sua dama de companhia sentia-se tão mal que nem notou.

O mordomo Arthur, na função desde que Juliet era um bebê, e quase um membro da família, bateu na porta do quarto para avisar que a carruagem de Tristan havia chegado.

Tristan aguardava as damas no hall da casa, e não pôde reprimir um largo sorriso ao ver Juliet.

— É uma visão e tanto, senhorita Juliet!

— Obrigada, senhor Smith. — sorriu polidamente, sentindo-se observada atentamente pelo velho mordomo — Lamento dizer que a senhora Ellen não está sentindo-se bem e não poderá acompanhar-nos hoje.

Tristan esforçou-se para não sorrir exageradamente diante daquela notícia. Sozinho com Juliet! Era bom demais! Sentia-se até melhor da forte ressaca que enfrentava. Felizmente não era dado a frequentes excessos alcoólicos, pois trabalhar com números sentindo a cabeça prestes a explodir seria de fato um suplício. Retrucou:

— É grave?

— Aparentemente é uma indisposição alimentar. Creio que exagerou ontem.

Tristan engoliu em seco antes de educadamente perguntar:

— Deseja cancelar nosso chá?

— A senhora Ellen garantiu-me que não precisamos nos preocupar, e devemos seguir com o programado. Só pediu que não demorássemos.

— Certamente! — ofereceu-lhe o braço e a conduziu até a carruagem, tentando não correr, temendo que ela mudasse de idéia.

Ajudou-a a subir e assentar-se, e dirigiu-se ao cocheiro:

— A Smith da Grosvenor Square, Randall.

O cocheiro assentiu, pondo em veículo em curso.

— Estava ansioso para revê-la. — murmurou Tristan, assim que a carruagem começou a mover-se. Acercou-se de Juliet, tocando seu rosto.

Juliet voltou-se para ele, erguendo levemente o queixo para fitar o homem ao seu lado:

— Sentiu saudades em tão pouco tempo?

— E você, não sentiu saudades de mim? — aproximou seu rosto, devagar.

A jovem sentiu-se ansiosa com aquela aproximação lenta e torturante:

— Senti. — respondeu, a voz saindo num sussurro ao ver os lábios dele tão próximos.

Ele sorriu, e finalmente a beijou. Puxou-a para junto dele, e aproveitando a discrição proporcionada pelas janelas fechadas, a colocou sobre seu colo. Juliet sobressaltou-se, mas não pôde afastá-lo. Ao contrário, apertou-se mais junto a ele, e o beijo foi avassalador.

Mesmo com tanto tecido entre eles, ela podia sentir as coxas musculosas de Tristan sob suas pernas e nádegas. O coração já estava totalmente descompassado.

— Aprendeu mesmo a beijar, senhorita... — sorriu ele.

— Tenho um bom professor... — respondeu, tímida.

— Que está sempre às suas ordens... — buscou os lábios de Juliet mais uma vez.

—Vou amassar seu traje, meu senhor... — esforçou-se para tentar escapular de seu colo, ciente do inadequado da situação.

— E quem se importa? Por favor, continue assim, e beije-me. — murmurou, de olhos semicerrados.

Prosseguiram se beijando até o veículo parar.

— Lamentável! — ele suspirou — Foi tão rápido...

Juliet deu uma risadinha nervosa, enquanto alisava o vestido.

A confeitaria estava surpreendentemente cheia, e todas as mesinhas ocupadas. Tristan foi cumprimentado por várias pessoas enquanto atravessavam o agradável salão com piso de mármore impecavelmente branco, e muitos olhares curiosos foram dirigidos a Juliet. O rapaz a conduziu até um corredor. Havia uma mesa reservada para eles, num salão menor, exclusivo para clientes distintos.

— A vantagem de ser o dono — brincou o senhor Smith, enquanto puxava uma cadeira para Juliet e um garçom se aproximava com o serviço de chá — mesa disponível e dedicação total do garçom!

— É uma grande vantagem, Tristan. — Juliet olhou em volta, enquanto ele pedia também um café forte.

— Alguns homens de negócios preferem usar esse salão menor para seus chás. — explicou, adivinhando a desconfiança dela.

— E para trazer suas amantes...

— Às vezes acontece, mas é um pouco arriscado. As esposas quase sempre estão com as amigas no salão principal.

Juliet riu suavemente.

— Por um momento temi que estivesse premeditadamente querendo me deixar com má reputação.

— Ah, não. Só faço isso de noite. Durante o dia sou um respeitável homem de negócios.

— Sei. — estreitou os olhos para encará-lo enquanto levava a xícara de chá aos lábios.

— Gosta de ler, Juliet? — o café, que os americanos tanto gostavam, era mesmo um alívio para a enxaqueca. Sentia-se cada vez melhor, animado com a boa companhia a sua frente.

— Adoro!

— Tenho uma ótima biblioteca, do que você gosta mais? Deixe-me adivinhar... Shakespeare, Byron, Austen?

Ela sorriu, concordando com a cabeça.

— De tudo um pouco!

— Ah, senhorita, delícia-me saber que aprecias de tudo um pouco e diversificar pode lhe parecer prazeroso! — pegou-lhe a mão direita, olhando-a com malícia, provocando. Gostava de ver a reação dela quando desafiada.

— Não responderei mal apenas porque tenho interesse em que me empreste os livros que ainda não tive oportunidade de ler! — arqueou as sobrancelhas, com olhar divertido.

— Vou tirar proveito disso... — provocou mais uma vez, e ela fingiu uma cara de ofendida.

Tomaram chá conversando animadamente sobre livros e seus autores preferidos, descobrindo interesses em comum. Juliet surpreendeu-se de que um cavalheiro como ele apreciasse, além dos cavalos e da esgrima, o pugilismo. Ela fez careta e tripudiou, dizendo compreender perfeitamente que Tristan admirasse um esporte em que não precisasse usar a inteligência, e ele revidou fazendo troça de que ela acreditasse que lorde Byron era um romântico ao invés do tremendo e cínico devasso que foi. Riram e provocaram-se até perceberem o adiantado da hora.

— Melhor levá-la em casa, antes que a senhora Ellen se preocupe com nossa demora. — avisou Tristan, olhando o relógio de bolso com tristeza. Sentia-se tão bem que terminar o encontro era-lhe custoso.

Antes de acomodar Juliet na carruagem, pediu ao cocheiro que tomasse o caminho do parque para chegar à Burlington Gardens, residência da moça. Bateu no teto do coche para avisar que podiam partir, satisfeito por ficar mais um tempo a sós com ela. Logo estendeu-lhe a mão e a puxou para si outra vez, falando com voz rouca:

— A viagem de volta será um pouco mais longa, minha querida, para que eu possa apreciar um pouco mais sua companhia.

Juliet deixou-se envolver novamente pelos braços fortes de Tristan, que a colocou em seu colo mais uma vez, voltando a beijá-la calorosamente. Sentiu-se como embriagada quando os beijos começaram a deslizar por seu pescoço, e ele tocou com a língua os ombros que o vestido expunha, descendo cada vez mais, até o seu decote, e o sulco formado no meio do busto. O coração começou a disparar com o toque daqueles lábios quentes, mas quando as mãos de Tristan se fecharam sobre os seus seios, Juliet deu um salto, e sua

cabeça bateu com força no teto da carruagem. O veículo parou imediatamente, e o cocheiro abriu a janelinha que dava acesso aos passageiros.

— Não compreendi, senhor, devemos parar?

— Pode continuar, Randall, a senhorita achou que poderia viajar de pé na carruagem... — reprimiu uma risada, e o cocheiro também.

— Machucou-se, Juliet? — indagou Tristan, examinando a testa da moça, com olhar divertido, quando ela desabou sentada no banco diante dele.

— Não. — ela empurrou a mão dele, aborrecida, e sentindo a cabeça doer — Comporte-se, Tristan!

— Desculpe-me, Juliet — ele tentou puxá-la novamente para perto, mas dessa vez ela estapeou a mão oferecida, afastando-se ao máximo.

— Gosto de sua companhia e... de seus beijos, mas não passaremos disso! Preciso de minha reputação intacta para fazer um bom casamento. — reclamou.

Tristan arqueou as sobrancelhas, subitamente exasperado:

— Juliet!

Então respirou fundo e voltou a falar, já num tom controlado:

— Juliet, passei dos limites realmente, mas entende que estou a cortejando de fato? Que desejo conhecê-la melhor, e se tudo entre nós correr bem, como acredito que acontecerá, ser apresentado à sua família, comprometer-me?

Ela o olhou intensamente, e finalmente permitiu que pegasse sua mão mais uma vez.

— Minha querida, o que pensou que estivéssemos fazendo? — sorriu.

— Por tudo o que já me disse sobre sua pessoa, julguei que... que...

— Que estivesse tendo apenas uma aventura com seu professor de dança? Contentaria-se com isso, com uma brincadeira enquanto não encontrássemos nossas almas gêmeas?

— Bem, tive esperanças que não fosse um passatempo e...

Ele a beijou, não permitindo que completasse a frase.

— Você beijaria assim a qualquer um? — sussurrou Tristan ao ouvido de Juliet, fazendo-a estremecer — Você não é uma aventura para mim, muito menos uma mera aprendiz de dança de salão. Ficou bem claro agora?

Ela concordou com a cabeça, encarando-o por um instante. Então pigarreou, e falou, de um supetão:

— Então que fique claro também que sua corte não lhe dá o direito de exceder-se. Não quero que toque nos meus peitos!

Ele ergueu as mãos, contendo um sorriso:

— Sim, madame!

Não voltou ao colo dele, embora aceitasse seus beijos novamente. As mãos de Tristan se comportaram bem por todo o resto do caminho.

O coche parou e Tristan ajudou Juliet a descer, levando-a até o portão de sua residência, e aguardando-a entrar.

Precisava ser mais cuidadoso com seus modos, pensou Tristan, e controlar suas mãos. Suspirou sonoramente. Controlar suas mãos com Juliet ao seu alcance parecia uma tarefa excepcionalmente difícil. Desde que a conhecera, sentira uma vontade irresistível de tocá-la, e depois de tê-la nos braços, sua vontade só fazia crescer. Cada novo toque no corpo da moça era como uma etapa vencida, e aumentava o desejo de se aprofundar mais. O fato é que já a desejava totalmente, mesmo tendo-lhe conhecido há apenas poucos dias, e contentar-se apenas com beijos era nada diante da vontade de seduzi-la e carregá-la para seus lençóis. Deus, precisava mesmo dominar seus instintos, e manter sob controle a luxúria que tomava conta de sua mente, afinal, sempre soube conter-se, e era um absurdo que não o conseguisse justamente com a moça que realmente o encantara e que devia, mais do que a nenhuma outra, respeitar. E mais do que tudo, necessitava urgentemente de um banho frio. Ou melhor, gelado.

Quando Juliet fechou a porta atrás de si, apoiou-se para não cair. Seu corpo estava trêmulo ainda, pela emoção de estar com Tristan, por seus beijos deliciosos e por suas perigosas mãos. O que fora aquilo? A sensação do toque em seus seios havia sido tão intensa, que simplesmente não pudera manter-se quieta. Felizmente conseguira deter Tristan antes que as coisas saíssem realmente do controle. Se ele insistisse nas carícias, não sabia o quanto poderia resistir.

A melhor parte de tudo foi que seu belo cavalheiro declarara que a estava cortejando de fato, e não simplesmente vivendo uma aventura ou um flerte com uma amiga divertida. Juliet levou a mão ao coração, e fechou os olhos, enlevada. Estava apaixonando-se por aquele rapaz que conhecera há tão pouco tempo, mas que parecia perfeito para ela. Foi cantarolando, feliz da vida, avisar a senhora Ellen que havia voltado sã e salva.



\*\*\*\*\*

Tristan estava se cansando de vigiar a porta de entrada do salão dos Brown. Estava especialmente lotado, parecia que os nobres haviam se reproduzido da noite para o dia e resolvido comparecer em massa ao palacete. Encontrar alguém ali era uma tarefa complicada, e ficar parado num mesmo lugar tornava-se maçante, e o expunha ao olhar indagador das debutantes que pareciam ansiosas de que as convidasse para dançar. O baile já se iniciara há algum tempo e nada de Juliet. Certamente a senhora Ellen tinha piorado, e não permitira que a mocinha saísse sozinha à noite. Azar dele, pensou. Sem ela, seria uma noite bem tediosa.

— Acho que ela não vem, Tristan. — comentou Jake, aproximando-se do amigo — Vai ficar a noite toda vigiando a entrada?

— O único motivo de vir aqui hoje foi haver combinado com Juliet.

— Hum... Interessou-se de fato...

— Você há de admitir: ela combina comigo.

— Você há de admitir: vários rapazes já devem ter pensado a mesma coisa! — riu o amigo.

— Acho que ela prefere a mim... — sorriu.

— O olhavam com inveja e rancor no último baile, meu caro.

— Bem, fui eu quem consegui sua atenção. E até alguns beijos...

— Ela é para casar, Tristan! — advertiu o amigo — Mesmo sendo diferente das moças da corte, nota-se que tem berço!

— Sem dúvida. E vou cortejá-la seriamente.

— Mal conhece a moça! — Jake riu.

— Temos tempo para conhecer-nos. Não disse que vou casar amanhã, seu tolo!

— Outro dia mesmo estava reclamando que sua mãe exigia que encontrasse uma noiva!

— Então! Não te parece perfeito que encontre a coisinha mais linda que já vi para me encantar e ainda satisfazer os desejos de lady Clarissa? Ela ficará feliz em saber que Juliet é sobrinha de um conde, e filha de um almirante bem estimado por Vossa Majestade.

— Está mesmo decidido? — surpreendeu-se Jake.

— Sim. Farei tudo de modo tradicional, galantear, noivar, casar...

— Está apaixonado!

— Não disse isso, Jake, mas creio que acontecerá em breve. Nunca pensei numa moça do modo como penso nessa, desejando estar com ela sempre, fazendo planos para o futuro.

— Essa notícia pede um bom cálice de conhaque! Vamos lá, Tristan, se sua dama chegar, logo saberemos!

Bebiam seu conhaque conversando animadamente quando lorde Shakman, um nobre empertigado da alta sociedade, que havia cursado Oxford com eles, aproximou-se:

— Ora, ora, Tristan e Jake! Sozinhos até uma hora dessas?

— E você também, ao que parece. — retrucou Jake.

— Sim. Tinha esperanças que aquela beldadezinha que dançou com vocês outro dia pudesse me dar a mesma honra hoje. Quem sabe se ela poderia ser tão gentil comigo quanto foi com Tristan nos jardins...

— Não sei o que quer dizer, Grayson. — respondeu Tristan, apertando seu copo com força.

— Ah, Tristan, todos nós sabemos o que faz com as mocinhas que se deixam levar por você...

— O mesmo que vocês fazem, nada de mais.

— Não foi o que ouvi dizer...

— Ah, não acredite em tudo que falam por aí, caro Grayson. Ademais, sua fama superou a nossa. — intercedeu Jake.

Grayson deu uma risadinha:

— Ninguém melhor do que vocês sabe quanto um boato pode ser devastador. Sou apenas uma vítima, como também foram...

Jake e Tristan deram uma boa risada.

— Essa conversa não levará a lugar nenhum, tantos homens inocentes apenas se defendendo! — exclamou Jake, risonho.

— Está bem, Grayson, assim é, se o dizes. E já que as mulheres não nos querem hoje, bebamos em nome dos velhos tempos! — disse Tristan, terminando seu drinque e logo pegando outro.

Os outros dois rapazes se serviram, e voltaram seus olhares ao salão, apreciando os dançarinos e algumas moças solitárias e impacientes. Moças essas que esticavam seus olhos aos três belos e ricos moços, que com sua fama de devassos, apavoravam pais e damas de companhia.

— Quanto mais desesperadas ficam, mais fácil a conquista... — comentou Grayson, ao que Jake concordou, fitando intensamente uma moça que escondia o rosto parcialmente atrás de um leque, e sorria nervosamente para ele.

Tristan limpou a garganta antes de voltar a falar:

— Grayson.

— Sim? — desviou o olhar de uma mocinha loura que o admirava de longe, impressionada com os olhos cor de âmbar dele, e os cachos reluzentes de sua cabeleira um tanto rebelde.

— Eu o vi no baile da lady Adelaide, falando com a senhorita Fiennes.

— Ela recusou-me uma dança. Disse estar cansada. — deu de ombros, distraidamente, voltando a encarar a moça.

— A senhorita Fiennes comparecerá em vários bailes dessa temporada, mas não quero que se meta com ela.

— Ora! Por acaso é seu tutor? — sorriu, esquecendo a loura.

— Eu a vi primeiro, e não é moça para carícias e beijos roubados no jardim!

— Compreendi. Só tu podes fazer isso.

Os três riram.

— É sério. Pretendo firmar compromisso com essa moça, e ela está aceitando minha corte. Sei que gosta de uma disputa, mas não quero indispor-me com você desnecessariamente, já que tens horror a idéia de casar-se.

— Se a coisa é séria, não serei eu a intrometer-me, tem minha palavra. — garantiu, com sinceridade. Então voltou-se para Jake — Porque não trouxe sua prima à Londres antes?

— O pai dela é botânico. Não ficam muito tempo em um mesmo lugar. — retrucou, e os dois observaram a bela prima de Jake bailando com um dos vários tios.

— Quando a sua família vai permitir que ela dance com algum rapaz de fora do seu círculo, eu, por exemplo?

— Espero que não lhe dêem chance, Grayson. Minha prima não é para você!

— Sou um par do reino! — reclamou.

— Beba seu uísque, Grayson. — avisou Tristan — Não vê que Jake não permitiu nem que eu dançasse com a moça?

— Egoísta! Fique sabendo que uniões carnavais entre primos é o mesmo que incesto! Deixe que eu o livre dessa tentação, carregando sua priminha linda para bem longe dos seus olhos. — replicou o jovem lorde.

Tristan e Grayson juntaram-se para caçoar de Jake, enquanto faziam elogios quase obscenos sobre a beleza da prima do amigo, até conseguirem fazê-lo rir.

\*\*\*\*\*

Juliet deveria estar se sentindo grata por lady e lorde Chase, seus vizinhos londrinos, terem se oferecido a acompanhá-la até o baile no palacete dos Brown, já que sua dama de companhia ainda estava acamada, e desejava muito reencontrar Tristan, mas a lady Elizabeth demorara tanto na escolha de seu traje, que Juliet achara que quando chegassem a seu destino, todos já teriam ido embora. Além disso, os dois idosos fizeram tantas recomendações sobre os rapazes ingleses, e pareciam ter na ponta da língua o nome de todos os jovens solteiros da cidade, que ela achou que jamais conseguiria um minuto de tranquilidade a sós com seu galante instrutor de dança. Certamente o casal não veria com bons olhos que ela dançasse apenas com a mesma pessoa, ainda mais sendo um rapaz mal afamado. Ficou tão ansiosa que começou a questionar se a escolha do vestido de musselina amarelo pálido fora mesmo o mais adequado, ou se o verde teria sido melhor. E o arranjo floral na parte de trás da cabeça, ficara mesmo bonito? Estava tão imersa em si mesma que adentrou o palacete ainda se inspecionando, olhando os sapatos de ponta arredondada, forrados de cetim amarelo. Devia ter colocado os pretos com bordados? Mal chegaram no salão e fora abordados por um elegante homem, de olhos azuis reluzentes. Juliet o olhou distraída, e voltou sua atenção ao salão, tentando não pensar em sua roupa, buscando Tristan.

— Boa noite, lady e lorde Chase. — cumprimentou ao casal, com voz profunda, e depois voltou-se a Juliet com uma mesura — Senhorita.

— Boa noite, marquês. Juliet, esse é o marquês de Brighton, Robert Andersen Barker. — falou polidamente o lorde Humbert Chase, chamando a atenção da moça.

— Sua graça... — ela flexionou rapidamente os joelhos, tocando a barra do vestido e curvando a cabeça.

— Essa é a senhorita Juliet Fiennes. — começou a falar o lorde, mas foi cortado pelo marquês:

— Eu sei, a filha do almirante Vincent. Seu pai era amigo de meu irmão mais velho.

O marquês fitava Juliet com olhar divertido, e completou:

— Sim, lembra um pouco a mãe.

— Maggie era a jovem mais bonita de Londres no ano em que debutou. — lembrou a lady, sorrindo.

— Como eu poderia esquecer? — retrucou Robert, tocando a mão da moça — Conceda-me essa dança, senhorita. Não aceitarei um não como resposta, já que sou o primeiro da fila.

O casal que a acompanhava trocou um rápido olhar e concordou que ela fosse. Juliet, apanhada de surpresa, se deixou conduzir, ligeiramente apreensiva. Antes que o nobre a envolvesse pela cintura, avisou, sem encará-lo:

— Devo avisá-lo que não danço bem, ainda estou aprendendo.

Ela escutou uma suave risada vindo dele, e o encarou. Sentiu um leve tremor ao dar-se conta que não havia o observado devidamente. Era um homem de aproximadamente trinta anos, de pele levemente bronzeada, e extraordinariamente bonito. Mais até do que Tristan, reconheceu. Ele se deixou observar um pouco, e então respondeu, ainda com expressão risonha:

— Acha que somente Tristan é um bom professor?

\*\*\*\*\*

— Pobre mocinha...é um ímã para os depravados.

Lady Elizabeth e lorde Humbert Chase voltaram-se espantados para a voz feminina atrás deles.

— Como vai, viscondessa? — sorriu lorde Chase, para a mulher de olhar severo e vestimenta exageradamente cara, que postou-se ao lado deles.

— Querida Domenica, o que ia dizendo? — indagou lady Elizabeth, com voz educada, mas olhar preocupado.

— Bem, a jovem é a filha de Vincent e Margareth, não é? Sobrinha-neta do lorde de Greenville?

— Sim. — respondeu, com cautela.

— Essa mocinha causou um furor semelhante ao causado pela mãe dela, em sua época, embora não tenha o tipo de beleza tradicional de Maggie. Lembro que Margareth foi intensamente disputada, anos atrás, mas Vincent foi o ganhador de seu coração. Recordo-me também que Robert naquele tempo já começava a fazer sua fama de libertino, que piorou muito até hoje.

— Não seja injusta, milady! Robert naquela época era um menino. Está confundindo com o irmão mais velho, o primeiro marquês, que morreu de tifo. — retrucou o homem, que antipatizava com a viscondessa.

— Ah, sim Reynold... São farinha do mesmo saco, seguiu os passos do irmão devasso!

— Um nobre solteiro, rico e bem-apanhado, tem certos direitos, viscondessa. — tentou defender o lorde.

— É? Mas vi o olhar que o senhor trocou com sua esposa quando esse solteirão bem-apanhado levou a mocinha para a pista. Não gostou, estou certa.

— Bem... É uma juvenzinha adorável e inocente, e viemos durante o percurso até aqui relacionando para ela todos os jovens bons partidos que poderia encontrar hoje. O marquês de Brighton nem é um habituê das temporadas... Não entendo o que faz aqui se dizem que não quer casar. Espero que ele não tente monopolizar a atenção da moça. — retrucou preocupada a lady que trouxera Juliet.

— Que bom pensarem assim. Ponham juízo na cabeça da dama de companhia da moça, pois todos os rapazes no baile da condessa Adelaide a devoraram com os olhos, e a tal senhora que deveria protegê-la nem sequer percebeu. E vi a sua juvenzinha conversando com lorde Grayson Shakman, dando gargalhadas com Jake Rae e dançando praticamente a noite toda com Tristan Wagner Smith!

Lady Elizabeth levou a mão ao peito, e gemeu. O gemido se repetiu quando viu-se rodeada de outras senhoras da alta sociedade, ávidas para lhe relatar tudo que haviam visto acontecer no baile passado.

\*\*\*\*\*

— Tristan, sua senhorita finalmente chegou — retrucou Jake, olhando os dançarinos no salão — porém está acompanhada... perigosamente mal acompanhada, eu diria.

Tristan virou-se para o salão imediatamente. Ficou lívido quando viu Juliet dançando com o marquês de Brighton.

— Barker agora vai rivalizar conosco e disputar as donzelas? — rosnou Grayson — Isso é um absurdo! E quase uma covardia conosco...

— Tirarei Juliet dos braços do marquês na próxima dança — respondeu Tristan, tentando aparentar calma. Seu ciúme o golpeou com violência ao ver sua futura noiva dançando com outro homem, ainda mais um com a aparência de Barker, que provocava suspiros entre as damas, por sua beleza, riqueza e poder. Seu olhar rapidamente buscou a senhora Ellen, mas ao não encontrá-la, deduziu que Juliet houvesse sido trazida por outra pessoa. Teria vindo acompanhada de Robert? Bebeu rapidamente o restante de seu conhaque e ficou a postos, aguardando o fim da dança com olhar atento, lembrando dos elogios que o marquês havia tecido à jovem na noite anterior. Já devia ter previsto que em algum momento surgiriam rivais, pois Juliet era mesmo muito atraente, mas não imaginaria que teria que disputá-la até com seus próprios amigos. Felizmente Barker não lhe era assim tão chegado, e poderia socá-lo sem remorso se fosse o caso.

\*\*\*\*\*

— E o que tem achado de sua temporada em Londres, senhorita? — perguntou o marquês, em tom suave.

— Agradável, senhor marquês. — ela respondeu educadamente. Finalmente Juliet avistou Tristan, e seu olhar para ela não parecia muito simpático. Mordeu o lábio.

O marquês acompanhou seu olhar e sua reação, e sorriu mais uma vez.

— Prometeu também hoje dançar o tempo todo com Tristan? No último baile ele já não deu chance a mais ninguém... Claro que Jake não conta...

Juliet o fitou, surpresa. O homem realmente havia prestado atenção nela durante o baile passado. Espantou-se com o fato, pois um homem tão bem apessoado, certamente rico, um nobre além de tudo, não poderia sentir nada a mais do que uma mera curiosidade em relação a uma moça tão provinciana como ela, afinal seus pais tinham posses, seu pai mantinha um alto cargo na marinha, mas não faziam questão nenhuma de envolver-se com os altos círculos da sociedade, e pouco vinham fazer em Londres, preferindo manter-se comodamente numa ampla propriedade perto dos portos, para facilitar a vida do almirante e dos seus filhos. Já havia sido bem surpreendente atrair a atenção de um rapaz bonito e bem sucedido como Tristan, mas quanto ao marquês... bem, ou era uma lisonja e tanto, ou ela já havia adquirido má fama por haver passado uma boa parte do baile de lady Adelaide na companhia de um rapaz com fama de devasso. Será que sorrir com facilidade no baile passado, quando de fato se divertia com Jake e Tristan, a fizera parecer uma moça fácil? Em sua cidade nunca se preocupara muito se podia ou não dar risadas quando tivesse vontade, mas ali entre aquela gente pomposa e julgadora... Encarou ao marquês com cara feia, disposta a logo estabelecer limites.

— Dancei duas ou três vezes com o senhor Smith, com permissão de minha tutora. Só isso, nada mais.

— De alguma forma parece que a ofendi. — disse o marquês, ao ver a expressão rancorosa de Juliet — Por que?

— Por que o senhor prestou tanta atenção ao que eu fazia no baile passado? — indagou, erguendo o queixo.

O marquês a encarou por algum tempo, com os intensos olhos azuis, e uma sombra de sorriso na boca. Juliet acabou desconcertada, e não conseguiu sustentar-lhe o olhar. Estava ansiosa para que a dança acabasse.

Finalmente ele respondeu com voz cálida:

— Prestei atenção em você porque é linda. Se não estivesse tão enfeitiçada pelo senhor Smith, teria percebido o quanto foi admirada pelos homens. E hoje acontece o mesmo. É a moça mais bonita da temporada, minha cara.

Juliet ficou ruborizada, olhando-o furtivamente.

— Agradeço o elogio, mas não o mereço. Há várias moças muito mais bonitas do que eu aqui mesmo a nossa volta.



— Não é o que a opinião masculina pensa. Tem uma beleza rara, senhorita. Acredite em mim, tenho boa experiência em admirar ao sexo feminino. — sorriu, mostrando-se ainda mais bonito.

Ele enfatizara a palavra “sexo” ou ela estava imaginando coisas? Por via das dúvidas, prosseguiu com a postura defensiva.

— Fico feliz que minha aparência possa entreter o olhar cosmopolita de Vossa Graça e livrá-lo do tédio que um simples baile da sociedade pode causar. — retrucou, secamente.

O marquês deu uma risada:

— Agora entendo mais plenamente porque Tristan não permitiu que outro homem se aproximasse, reservando-a ao máximo possível para ele. Não é apenas uma beleza exótica, mas tem personalidade e muito atrevimento. Geralmente as pessoas se inibem em provocar um nobre do parlamento.

— Citar sua posição no parlamento é algum tipo de ameaça, ou apenas um aviso? — o encarou, dessa vez disposta a não mais baixar os olhos. Seu rosto estava novamente corado, mas dessa vez sentia-se irada, e queria deixar bem claro que não era uma presa fácil para diversão masculina — Não tenho interesses políticos, como seus pares ou quem mais o rodeie, marquês, não preciso adular ninguém. Deixo isso para seus colegas parlamentares e suas alianças lucrativas e quem sabe duvidosas.

— Cada vez sua doçura me encanta mais! De forma alguma eu tentaria coagi-la com minha posição social, senhorita Fiennes, e estou certo que não teria sucesso se tentasse fazê-lo. — respondeu, visivelmente divertido, a ponta dos dedos acariciando gentilmente sua cintura — Bem se vê que sofreu grande influência de lorde Charles em sua educação e na sua afiada linguagem. Adoraria conversar mais tempo, pena que a dança está chegando ao fim e seu companheiro está a espreita para tirar-lhe de meus braços. Diferentemente dele, eu não a tentarei retê-la só para mim.

Aproximou sua boca do ouvido de Juliet, à distância máxima que o decoro permitia, e sussurrou:

— Pelo menos não hoje.

Ela franziu o cenho, e afastou o rosto.

Logo que a dança acabou, Tristan aproximou-se, e os dois homens se cumprimentaram com cordialidade. O marquês voltou-se para Juliet:

— Agradeço a adorável companhia, senhorita. E embora não acredite em si mesma, dança bem. — sorriu e afastou-se.

Juliet arqueou as sobrancelhas. Na verdade havia até esquecido que estava aprendendo a dançar. O marquês a havia distraído eficazmente. Tristan tomou-a nos braços, com expressão ligeiramente carrancuda.

— Está linda mais uma vez, Juliet. Estava ansioso para rever-lhe.

— Muito obrigada, você também está muito bonito! — estava, inacreditavelmente, ainda mais elegante que na noite passada.

Tristan finalmente abriu um sorriso:

— Por que demorou tanto?

— Minha dama ainda está se sentindo mal. Vim com um casal de vizinhos, lady e lorde Chase.

— Ah! — ficou aliviado por ela não ter vindo com o marquês. Também, por que ela viria com aquele homem? O ciúme era mesmo um veneno perigoso, que mexia com a imaginação das pessoas.

Dançaram um pouco antes que ele voltasse a falar:

— E que tanto conversava com o marquês? Ele lhe faltou com o respeito?

— Oh, no momento em que dançávamos pensei que estava me provocando, mas depois tive a impressão que só tentava me distrair para que não errasse nenhum passo .

— E porque ele a escolheu para dançar? Quero dizer, sei que é a moça mais bonita do baile, mas convenhamos, ele deve ter uns vinte anos a mais que você!

Ela deu uma risadinha do exagero, e emendou uma pergunta:

— Está com ciúmes?

— Eu? Claro que não! — fez cara de ofendido, depois sorriu — Claro que estou! Eu a estou cortejando, e não gosto de concorrência! Ainda mais de um nobre elegante, mais rico que eu!

— Tristan! Acha que estou interessada apenas em dinheiro e que aceitarei a corte do homem mais rico? Meu pai tem um bom salário como almirante, e minha mãe uma boa herança de sua família! Vivo satisfatoriamente e não preciso casar-me para fugir de dívidas! Nem aspiro um título de nobreza! — franziu as sobrancelhas.

— Não quis ofendê-la! Perdoe-me se assim pareceu, Juliet! — prendeu-a mais firmemente em seus braços, preocupado que fugisse.

Ela assentiu, ainda contrariada:

— Vai me sufocar se continuar me apertando desse modo. — resmungou, os olhos castanhos fitando o contraste do colete negro acetinado com a gravata imaculadamente branca que ele usava, ressentida demais para encará-lo. Perguntava-se o que ia na cabeça desses homens.

— Ah, doce Juliet, o casal Chase não permitirá que dancemos mais do que duas vezes juntos, então, por favor, não fique aborrecida comigo, vamos aproveitar esse momento... — correu os dedos delicadamente pelas costas dela, provocando um arrepio.

— Tristan... — ela murmurou, colando-se mais a ele.

Ele respirou fundo, sentindo-a tão próximo, distinguindo seu perfume de flores. Felizmente não ressentira-se a ponto de rechaçá-lo. Seria mais cuidadoso com as palavras, principalmente agora que sabia ter rivais também entre o grupo de homens maduros. Era mais difícil conseguir travar uma batalha justa com adversários com muito mais tempo de experiência na arte de cortejar e seduzir, então não deveria deixar nenhuma brecha. Pensando nisso, começou a traçar novas estratégias para garantir-se que Juliet só tivesse olhos para ele.

— Queria beijá-la agora, minha Juliet... — encostou seu rosto no dela, mas logo afastou-se, ao ver-se observado por lorde Chase. — Ouça-me, querida: estou certo de que seus vizinhos farão questão de contar à sua dama de companhia que está sendo assediada por vários cavalheiros libertinos, e não poderei mais ficar a sós com você... Amanhã, pela manhã, antes que a senhora Ellen receba o relatório sobre nossa conduta, e antes que se recupere de vez para que possa nos acompanhar, desejo ir buscar-te para um passeio. Assim aproveitaremos um pouco antes que passemos a ser constantemente vigiados. O que acha?

— Adorei a idéia!

— Então estamos combinados. E quanto às danças, não se preocupe, pois está realmente indo bem. De qualquer modo, ficarei por perto, e embora não possa ser seu par constante esta noite, voltaremos a bailar juntos. — assegurou-lhe.

E assim, quando a música parou, Tristan conduziu Juliet gentilmente até lorde Chase. Felizmente o velho gostava dele, e era frequentador assíduo de uma das suas tabacarias, e amigo de seu falecido avô. Sabia que o rapaz era vítima no escândalo das duas irmãs

Wallace, mas também sabia que era verdade o fato do jovem Smith adorar distribuir beijos em moçoilas nos jardins de Londres. Sendo desse modo, o lorde estava de olho no casal, e não tinha intenção de abrir a guarda quando se responsabilizara por Juliet àquela noite. Avisou aos jovens que não deveriam deixar o salão sem seu consentimento, e obviamente, não pretendia autorizar que ficassem a sós sob o luar.

Tristan e Juliet educadamente concordaram, e sentaram-se ao lado do casal de idosos, logo entabulando uma conversa. Lady Elizabeth, que antes parecia um tanto ressabiada com a presença do rapaz mal afamado, em pouco tempo deixava cair por terra suas desconfianças, mostrando-se um tanto simpática, principalmente depois de perceber que o dono das tabacarias e confeitarias estava seriamente interessado na jovem Fiennes, já que preferia manter-se sentado em sua companhia do que embebedando-se com os amigos em algum canto do palacete. Ficou um pouco mais tranquila, e decidiu que não teria pressa em conversar com a senhora Ellen sobre os novos amigos de sua pupila, apesar do que a viscondessa havia falado, e outras nobres matronas — surgidas como um enxame alvoroçado de abelhas — haviam corroborado veementemente enquanto viam a mocinha Juliet passar das mãos do marquês para as do neto de lorde Smith. Afinal, o almirante Fiennes, apenas um capitão na época em que conhecera Maggie, era também um rapaz bem “arteiro”, e mesmo assim cortejara com sucesso e comprometera-se com a sobrinha do conde Charles de Greenville, e antes do fim da temporada a jovem já ostentava um lindo anel de noivado no dedo. Quem sabe a história se repetiria? O jovem Smith tinha a aparência e a conta bancária de um príncipe, só precisava de um pouco juízo em relação às mulheres, e a mocinha bonita a quem ele olhava com admiração podia ser a solução para seu comportamento frequentemente inadequado. Jamais admitiria, mas ficou aliviada quando viu a menina trocar de par na pista de dança do salão, mesmo passando de um libertino a um desregrado. Notara que seu marido nem sequer piscava enquanto a senhorita Fiennes era conduzida por Barker, mas soltara um sonoro suspiro quando enfim a música mudou e o jovem Smith a tomou pela cintura.

Tristan percebeu que seu carisma dera frutos, e convidou Juliet para outra dança, sendo aprovado pelo casal Chase. Habilmente colocou-se no centro da pista e aproveitando-se de um passo que, semelhante à quadrilha, fazia os casais saírem à galope de um lado para outro, deslizou com a jovem para o terraço, passando rapidamente por uma das grandes portas do palacete.

— Só o tempo suficiente para roubar-lhe um beijo, senhorita!

Juliet ainda estava surpresa demais para esboçar qualquer reprimenda. Deixou-se beijar, segurando-o firmemente pela nuca. Como ansiara por estar assim, refém dos braços fortes de Tristan, tendo seus lábios cobertos pelos dele! Sentiu as pernas bambas quando ele começou a beijar seu pescoço.

— Não podemos demorar, se a musica acabar e nós não... — ela murmurou, sendo logo calada por mais um beijo, e sentindo uma quentura descer pela barriga até o quadril, mas precisamente onde o senhor Smith estava firmemente encostado.

Tristan sorriu maliciosamente quando terminou de beijá-la, e ficou observando enquanto ela ainda se refazia dos beijos, os olhos semicerrados, e o peito ofegante.

— Poderia ficar aqui a noite inteira lhe admirando, Juliet, mas temo que a dança acabe e nós percamos a confiança que seus acompanhantes depositaram em nós... — olhava diretamente na direção do decote dela, vendo o busto subir e descer em cadência acelerada.

Ela o empurrou, contendo um sorriso diante da provocação:

— Vamos voltar, assanhado!

Meteram-se no meio dos outros casais, como se nada houvesse acontecido. Jake, perto deles, dançando com uma linda jovem ruiva, sorriu-lhes:

— Que tal uns refrescos depois dessa dança?

Tão logo a música cessou, e antes que outra começasse, os dois casais deixaram o centro do salão, e serviram-se de refrescos, os rapazes gentilmente acompanhando as moças no que elas bebiam.

— Senhorita Juliet, quero apresentá-la à minha prima Suzanne Lucilla Cunningham, recém chegada de Edimburgo.

A moça, cumprimentou Juliet amigavelmente. Era deslumbrante, dona de um par de olhos verdes imensos como os do primo, e uma boca que parecia estar sempre sorrindo. Simpatizaram uma com a outra instantaneamente, e em pouco tempo já estavam rindo, excluindo os acompanhantes da conversa. Os homens não se importaram muito, apenas observando as duas beldades. A conversa só terminou quando Grayson surgiu e convidou Suzanne para dançar, sob o olhar desconfiado de Jake Rae.

— Certo. Isso me autoriza logicamente a dançar com a irmã de Grayson. — resmungou, fazendo Juliet e Tristan rirem. — Qual a graça? Não gosto de ver minha prima dançando com um rapaz que encabeça a “lista de risco” londrina, mesmo que eu também faça parte dela!

Tristan e Juliet só fizeram rir mais alto ainda.

### CAPÍTULO III

Juliet já havia se lavado, usado dentifrício e vestido a camisola, e escovava os cabelos antes de dormir, quando ouviu o ruído de algo batendo contra sua janela. Aproximou-se da sacada e abriu logo a porta envidraçada quando conseguiu enxergar Tristan parado lá embaixo, perto das roseiras, prestes a lançar mais uma pedrinha contra a sua janela.

— Juliet? — ele parecia em dúvida. Ela logo adivinhou que ele devia estar estranhando seus cabelos.

— Não, querido, Rapunzel! — ela respondeu, rindo.

— Ah, que bom, Rapunzel! Jogue as tranças! — respondeu, divertido.

— Nem pensar, caro príncipe! Estou certa que é muito pesado!

Tristan não se incomodou e começou a escalar a treliça da trepadeira, até chegar ao segundo andar, e debruçar-se na sacada de Juliet. A jovem se surpreendeu com a habilidade dele, muito ágil para um rapaz tão grande, que trabalhava com contabilidade e administração. Provavelmente estava habituado a exercitar-se, ou, acostumado a escalar janelas de outras moças. Franziu o cenho com essa perspectiva.

— Está doido, Tristan?

— Acho que sim. Doido por você. Pulei o muro, dei a volta na casa e procurei ansiosamente descobrir seu quarto. Como vi luz aqui, imaginei que estivesse lendo até tarde, já que revelou ter esse hábito. — olhou sua camisola, os cabelos soltos que desciam até a cintura — mas acho que me enganei. Já ia dormir, não é?

— Sim. Mas o que o traz aqui a essa hora? Precisamos cancelar o passeio de amanhã? — deu-se conta que ele ainda estava pendurado do lado de fora, na friagem, e fez um sinal para que entrasse, correndo para passar o ferrolho na porta a fim de não ser descoberta por nenhum empregado recebendo visitas masculinas de madrugada.

— E então? — perguntou ela, cruzando os braços na altura dos seios, percebendo, tarde demais, que o tecido de sua camisola era muito fino e revelador. Tristan pulou para dentro

do quarto, e aproximou-se, olhando seu cabelo solto. Esticou a mão e reteve uma das madeixas castanhas.

— Não sabia que era tão comprido... é muito bonito, Juliet. — murmurou, quase para si mesmo. Então a encarou e sorriu, encantadoramente — Não pude dar-lhe um beijo de boa noite.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Teve todo esse trabalho para um beijo de boa noite?

— Sim, Juliet. Mas você vale a pena.

Envolveu-a nos braços, e admirou-a um minuto antes de depositar seus lábios sobre os dela. Juliet foi engolida por uma onda de desejo como nunca sentira antes, seu corpo pareceu flutuar de encontro ao de Tristan. Ele gemeu ao beijar-lhe o ouvido, sussurrando seu nome:

— Estou louco por você, Juliet...

O rapaz era habilidoso nos beijos e nas carícias, e Juliet emergiu rapidamente nas águas profundas pelas quais ele a havia levado a mergulhar. Fechou os olhos, aproveitando o momento perigosamente transgressor. Mas, subitamente, como se a tivessem tocado com um ferro em brasa, afastou-se, tremendo.

— Não, não, Tristan, não podemos ...

— Eu saberei me conter, Juliet, juro... Mas não nos prive desse momento juntos... — envolveu sua cintura, beijando-a apaixonadamente.

Tão rapidamente quanto escalara a treliça, Tristan a conduziu até o chaise lounge estofado que ficava próximo a cama, e inclinou-se sobre ela. Juliet não protestou. Ao invés disso, apertou-se ainda mais contra ele, sentindo uma febre crescer com velocidade impressionante. Não foi tão surpreendente quando a barra de sua camisola subiu o suficiente para que suas coxas se colocassem em volta do corpo que agora estava deitado sobre o dela. Tristan começou a se movimentar languidamente sobre Juliet, sem deixar de beijá-la. Os gemidos de ambos começaram a ficar mais audíveis assim que Tristan desceu seus lábios pelo pescoço e pelo colo da moça, provocando-a com a língua, os corpos mais ansiosos, em movimentos mais desesperados.

O rapaz desceu lentamente a boca sobre a camisola de Juliet, beijando seus seios cobertos. A jovem arqueou o corpo num forte espasmo de prazer, e quase gritou quando o cavalheiro abocanhou um deles, com tecido e tudo. As mãos de Tristan se colocaram nas

nádegas de Juliet e suspenderam seus quadris, e ela vibrou ao senti-lo tão intensamente através do pano fino. Não conseguia pensar com clareza, desejava apenas que ele se aprofundasse mais nela, e continuou contorcendo-se excitadamente, até que os movimentos dele diminuíram e subitamente parou de mover-se, levemente ofegante, encostando sua testa na dela e fechando os belos olhos, que por alguns momentos haviam ficado numa adorável tonalidade azulada.

— Esse foi o melhor beijo de boa noite da minha vida. — sussurrou no ouvido de Juliet. Ergueu um pouco o corpo, e seus olhos deslizaram com lentidão até os seios da jovem. O tecido havia ficado transparente onde antes sua boca havia estado, e era possível ter uma generosa visão dos mamilos rosados. — Suspirou sonoramente — Tem certeza que não posso pôr as mãos neles?

Juliet empurrou-o de cima dela com tanta força, que derrubou-o no chão. Ela pôs-se de pé, com olhar furioso.

— Opa, acho que quebrei o encanto... — disse ele, sentado no chão, sem esconder uma ponta de diversão. Levantou-se e ajeitou as roupas com naturalidade — Para uma moça tão pequena, é bem forte, senhorita Fiennes.

— Já deu seu beijo de boa noite. Fora, senhor Smith!

Tristan ignorou os olhos raivosos, e puxou-a pela cintura, dando-lhe um beijo rápido na boca:

— Então até amanhã minha querida. Venho buscá-la bem cedo. Sonhe comigo.

Antes que ela tivesse tempo de estapeá-lo ou responder com algum desaforo, Tristan escapuliu pela sacada.

Dentro de seu coche, que havia ficado, sabiamente, estacionado a uma certa distância da casa dos Fiennes, Tristan sorriu consigo mesmo, apesar de saber que havia sido mais atrevido do que planejava a princípio. Deu de ombros.

Se o marquês de Brighton pensa que vou facilitar as coisas para ele, está muito enganado. Juliet é minha, e garantirei que só queira saber de mim, e de mais nenhum outro, pensou, satisfeito por ter feito sua dama vibrar intensamente diante de suas carícias, relutante a princípio, mas depois quase suplicando para que fizesse amor com ela. Só de lembrar, excitava-se novamente.

\*\*\*\*\*



O caleche de Tristan chegou realmente bem cedo, e Juliet saiu correndo, sem dar tempo que Arthur anunciasse a chegada do senhor Smith aos quatro ventos, como certamente tencionava fazer, pela sua expressão contrariada ao vê-la passar voando pelo vestíbulo. Deixou um recado para a senhora Ellen e entrou rapidamente na elegante carruagem conversível.

— Bom dia, querida! Está magnífica essa manhã. Acordou de bom humor?

Juliet encarou Tristan um tanto desconfiada, depois o acontecido na noite passada. Inclinou um pouco a cabeça ao cumprimentá-lo, apreciando sua habitual elegância: a cartola cinza era do mesmo tom do lenço que usava no pescoço, o casaco azul escuro de botões pretos e lapela chumbo completavam o conjunto. Seria o homem dos sonhos de qualquer moça, se não fosse tão mal comportado. Adoravelmente mal comportado, suspirou Juliet, resignada por estar totalmente apaixonada por ele.

— Bom dia, senhor Smith. Acordei muito bem, obrigada.

— Hoje a levarei para conhecer a minha confeitaria em Westminster. É maior do que aquela em que fomos ontem, e tem maior variedade de doces e biscoitos amanteigados. E para que não torne a bater a cabeça no teto, troquei de veículo... — sorriu e apontou o teto completamente aberto.

— Se não falasse sobre a troca de veículos, jamais teria notado. — ironizou, tentando não ficar tão enfeitiçada pelos fantásticos olhos cinza cravados nela. Como controlar um homem que a abalava com um simples olhar?

Tristan pegou sua mão:

— Ah, mentiste... está mal humorada, Juliet.

O toque quente a desnorteou, mas não tinha intenção de admitir:

— Só estou com fome. Vou melhorar depois de um bom café. — brincou com os lacinhos da saia do vestido azul, distraidamente.

— Então resolverei isso. Deus me livre ser vítima de sua ira, senhorita.

— Até agora não demonstrou nenhum tipo de temor pela minha ira. Ou respeito. — resmungou.

Ele sentou-se ainda mais próximo dela, acariciando sua mão com o polegar.

— É que não consigo resistir quando estou perto de você. Mas está segura no caleche. — murmurou, olhando para seus dedos, com uma certa timidez.

— Agradeço por isso. — falou suavemente. Talvez até ele soubesse que precisavam moderar-se, imporem-se limites, e viajar num carro aberto era uma certa forma de evitar maior intimidade. Mas, inexplicavelmente, isso também a desapontara, pois não teriam mais direito a privacidade nos próximos dias, e Tristan, mais do que ninguém, sabia disso. Então porque ir numa confeitaria mais distante, se não poderiam sequer trocar um beijo no caminho? Podiam conversar em qualquer lugar. Juliet era prática demais para aceitar que seu par, um homem de negócios atarefado com a administração de várias lojas, desejava apenas dar uma volta com ela à beira do Tâmis. Olhou-o um tanto desconfiada, e ajeitou o chapéu na cabeça, como para desviar o pensamento das idéias estranhas que estavam formando-se em sua mente. Lamentava agora ter dado tanta atenção à conversa de lady Elizabeth na noite passada, contando o que os rapazes da alta sociedade londrina faziam para divertir-se com as jovens debutantes.

— Está escondendo-se de mim? — ele brincou, pondo-se no ângulo de visão dela, por baixo do delicado chapéu. Juliet sorriu, sem conseguir ficar aborrecida com ele por muito tempo.

— Como eu poderia, Tristan?

Ele rapidamente a beijou nos lábios. Depois perguntou, ligeiramente apreensivo, olhando em torno:

— Será que alguém me viu beijá-la?

— Não dou a mínima. — respondeu simplesmente, aceitando o fato de que aquele poderia ser o único beijo que trocariam o dia todo.

Então Tristan a beijou novamente, dessa vez de forma mais demorada. E assim foi, roubando-lhe beijos pelo caminho, atraindo olhares curiosos e mexeriqueiros, e regozijando-se com isso.

\*\*\*\*\*

A confeitaria que Tristan escolhera para essa manhã era realmente maior que a primeira, da Grosvenor Square. As vidraças, impecavelmente limpas, o mármore rosado do piso, e a predominância do dourado no balcão, vitrines e molduras dos espelhos e quadros, davam um ar de especial requinte ao ambiente. Até o letreiro com o nome Smith parecia mais vistoso. Havia vários clientes, e ficou claro para Juliet que a maioria eram homens ricos, aparentemente a nata da nobreza londrina, que frequentava o palácio, ou tinha escritórios em Westminster.

— Salão principal para nós hoje, minha querida. Não quero mais que passe pela sua cabeça a idéia de que a levo para locais reservados às amantes. — esclareceu Tristan, sorrindo, tirando a cartola e a as luvas, depois de ajudá-la a sentar-se.

Por um momento Juliet teve dúvidas se era mesmo uma boa idéia tomar café da manhã com Tristan num local público, sem acompanhante, sendo que ele próprio havia confessado sua fama de libertino, embora essa fama fosse motivada mais pelas fofocas do que pela realidade.

Depois de ser apresentada a barões, viscondes, e até um duque real, e ser cumprimentada animadamente pelos nobres mais velhos, que conheciam seu tio-avô e lembravam de vê-la ainda bebê, tornou-se óbvio que a loja era um ponto de encontro dos membros do parlamento, próximo dali. A percepção do fato e o significado disso, atingiu Juliet de uma forma incômoda. Tomou um gole de seu café, engolindo com dificuldade um pedaço de bolo, a imaginação voando solta, para o pior. Tristan a observava atentamente.

— O bolo não é de seu agrado, Juliet?

Ela o encarou, e seus olhos pareciam tristes.

— O bolo está ótimo. Infelizmente perdi o apetite.

— Ah... Mas experimente, por favor, os croissants. Mesmo sem apetite estou certo que terá prazer em saboreá-los. — empurrou em sua direção, com gentileza, um prato com belos croissants.

Juliet olhou vagamente a mesa farta. Quanto tempo demorariam para comer metade do que lhes havia sido oferecido? Certamente aquele café da manhã seria bem longo.

— Não tem obrigações a cumprir hoje, Tristan?

— Claro que sim. Mas podem começar depois que eu a devolver à madame Ellen.

Juliet voltou a encará-lo:

— Gostaria de voltar para casa agora mesmo.

— Por que? — espantou-se ele.

— Sabe porque, senhor Smith. Está claro que virei um prêmio saboroso para vocês, degenerados londrinos, e agora estou sendo exibida como uma conquista sua. Veio aqui para que o marquês de Brighton, o lorde Shakman, e qualquer outro dos seus amigos nobres vissem que estamos juntos. Até fez com que eu viesse sem dama de companhia, num carro aberto, para que não houvesse dúvidas de que já tem o absoluto controle nas mãos. Me expuseste com clara deliberação!

— Juliet... — os olhos cinza estavam tremendamente claros e arregalados — Não é assim!

— Então negue, olhando nos meus olhos, que não me trouxe aqui para tripudiar do marquês Robert, e afastar de vez qualquer concorrência. — falou com voz trêmula.

Tristan titubeou por um instante, antes de responder:

— Não tem idéia de como certos homens podem ser inconvenientes, Juliet. Quero sim que todos saibam que sou o seu escolhido, e que não está disponível. — deu de ombros — Exibi-la é um indescritível prazer, deveria sentir-se lisonjeada!

—Lisonjeada? Por ser apresentada como um troféu de caça? Podia ter ao menos me falado que pretendia fazê-lo, teria escolhido uma roupa que valorizasse mais os atributos pelos quais lutou, seu hipócrita! Não tem um pinga de consideração pela minha reputação? — lançou um pãozinho com fúria contra ele, que rapidamente levantou um pires como escudo, protegendo o rosto. Alguns nobres, das mesas próximas, observaram a trajetória do alimento, ricocheteando no pires e fazendo um piparote até cair no chão, tão surpresos quanto Tristan.

— Está louca! — exclamou, aturdido.

Juliet levantou-se com rapidez, arrastando sua cadeira com estardalhaço, e pegando sua bolsinha, pronta para sair do local.

Vários rostos moveram-se em direção a eles, e Tristan tomou o pulso de Juliet com firmeza, não a deixando afastar-se.

— Acalme-se e sente-se novamente. — sussurrou.

— Não me sentarei. Se quiser ver mesmo o que é um comportamento escandaloso, mantenha-me aqui presa pelo pulso e então logo descobrirá! — retrucou, em voz baixa, mas ameaçadora.

— Só está piorando a situação. Amanhã todos saberão que um casal brigou em público diante dos membros da Câmara dos lordes. Entende? Todos saberão do seu escândalo, e as notícias podem ir longe. — frisou.

Ela sentou-se, com os olhos ardendo de fúria, sabendo que ele falava de seu pai, seus irmãos, e, o que era pior, seu tio-avô Charles. Imaginou as fofocas distorcidas: que fora uma briga de amantes, que Tristan, o cafajeste, escolheu uma Fiennes como par, e que ela era uma histérica... Juliet gemeu de frustração e raiva.

Tristan chamou um dos funcionários, e falou em voz alta o suficiente para que a maioria dos clientes, curiosos com o desentendimento entre o dono do estabelecimento e a jovem que o acompanhava, os ouvissem:

— Troque, por favor, o café da senhorita por um bem quente. Ela quase me agrediu por servir-lhe café frio.

Ouviu risadas abafadas em volta, e ficou satisfeito quando o garçom afastou-se com um sorriso compreensivo. Todos os clientes entenderam que a discussão nada mais era do que caprichos de uma garota mimada, e retornaram às suas conversas.

— Muito cavalheiresco de sua parte me fazer parecer uma menina boba. — ela resmungou, entredentes. A raiva em seus olhos era intensa, e seus lábios tremiam ligeiramente.

— Longe de mim acha-la boba, mesmo que quase tenha se comportado como uma. — falou calmamente — Quero que se acalme e pare de agir como uma fera selvagem. Apaziguei os fofoqueiros, e ninguém dará mais atenção a nós dois, só isso.

O semblante de Tristan estava irritantemente divertido, e a mão que antes segurava seu pulso com firmeza, afrouxou, e passou a brincar com os delicados dedos dela:

— Por Deus, Juliet, que exagero! Teu tio-avô é um nobre sem papas na língua, mas estou certo que é tradicional quando se trata de você, e não se agradaria de sua explosão escandalosa...

— Não diga mais nada, Tristan. — respondeu, friamente, batendo um dos pés irritadamente no chão. Desviou os olhos dele, porque encará-lo fazia mesmo pensar que estava exagerando, e que ele era inocente na história. Inocente era o último adjetivo possível para Tristan! E o cínico mantinha aquela expressão de que achava toda a situação muito engraçada. Engraçada? Ah, sim, ela estava realmente morrendo de rir... Procurou controlar-se, contendo-se para não gritar.

— É impressionante como seu rosto é tão expressivo, meu bem. Pude ver as emoções passando todas pela sua face...

— Não provoque... — avisou Juliet.

Tristan sabia que não devia estar provocando quando pedira que ela se acalmasse, mas simplesmente não conseguia conter-se. Era irresistível ver aquela leoaquinha tão brava esforçar-se para não gritar com ele. Era óbvio que a moça não estava habituada a engolir desaforos, e devia falar de igual para igual com os homens de sua família, sem inibir-se, mas também sabia o quanto inadequado seria fazer isso diante dos amigos de seu tio-avô,

lorde de Greenville, que mesmo a distância dos parlamentares, mantinha sua forte influência política. Juliet não desejaria, de forma alguma, um escândalo que pudesse envolver o nome do idolatrado ancião.

Mas Tristan era sábio o suficiente para entender que havia tocado em um nervo sensível, e que de nada adiantava ostentar Juliet durante o dia, se à noite ela nem quisesse olhar para ele. Então, muniu-se de seu melhor sorriso, e disse a única coisa que poderia, já que a deliciosa moça a sua frente estava basicamente certa em suas suposições:

— Desculpe-me, Juliet.

Juliet preferiria que Tristan não se desculpasse àquele momento, pois sua raiva seria dissolvida, e o que poderia dar lugar à ela, enquanto sentia suas emoções tão confusas e intensas? Ela sentiu-se ruir, e esforçou-se para engolir o choro que queria chegar até seus olhos. O rosto ficou logo quente, e sabia bem que Tristan notaria seu nariz rosado.

O rapaz pôs as duas mãos sobre a dela, e repetiu, com mais ternura e preocupação:

— Desculpe-me, minha querida. Não quis de forma alguma magoá-la. Por favor, Juliet, não chore.

Oh, Senhor... Tristan agora se sentia um monstro, ao vê-la passar da irritação para a frustração, e enfim para a tristeza total. Ah, ela levava aquilo mais a sério do que ele poderia imaginar... e agora ele também levava, arrependido. O que passara em sua cabeça ao querer expô-la dessa forma, quando nem havia ainda posto um anel em seu dedo? Quem ele achava que era ao arriscar a reputação dela levando-a para sair sem sua dama de companhia, e ainda por cima beijando-a em carros abertos, quando todos de Londres sabiam que era um mal-afamado? Sim, a estivera ostensivamente exibindo como se fosse propriedade sua, consciente que muitos estariam supondo que já a havia seduzido! Que ato egoísta praticara, comportando-se como um animal que demarca seu território, para garantir-se a não perder sua fêmea...

Beijou seus dedos, desejando estreitá-la nos braços. Ficou aliviado quando ela assentiu com a cabeça, olhando-o com olhos úmidos e brilhantes. Como ela era encantadora, com aquele lindo rosto ao mesmo tempo tão suave e exótico! E como ele arriscara-se em perdê-la, por causa de orgulho e ciúme!

— Por favor, Tristan, leve-me para casa agora.

Ele assentiu, levantando-se, e puxando a cadeira para ela. Recolheu sua cartola e as luvas de ambos, e conduziu-a para fora, sendo cumprimentados por alguns conhecidos pelo caminho. Muitos olhos estavam atentos a eles.

Subiram na carruagem em silêncio, e Tristan fez algumas tentativas de aproximação. Juliet respondeu vagamente, sem agressividade, mas também sem qualquer sentimento. A angústia no peito dele começou a crescer. O que ela estaria pensando? Terminaria o namoro que mal estava começando? Não desculparia seu ato tolo de macho exibido?

— Juliet, você realmente me desculpou? Só desejava que todos soubessem que você aceitou minha corte, e somos namorados. É tão ofensivo?

— Se for só isso, não é. Mas se não se importou com o que pensariam de mim, ou se o que eu mesma poderia sentir, então é muito ofensivo. — respondeu lentamente — E agora que está feito, não se poderá apagar.

Tristan sentiu um peso sair de cima dele quando a ouviu falar o que realmente sentia. Adivinhar o que Juliet podia estar pensando era impossível! Suspirou, e tomou as duas mãos delas entre as suas, enquanto a caleche se balançava pelas ruas, em movimentos quase cadenciados:

— Meu amor... É ridículo que já esteja tão louco por você apesar de nos conhecermos há tão pouco tempo? É tão absurdo que eu cometa insanidades só para mantê-la ao meu lado? É possível que um homem como eu, de repente se torne um menino inseguro e tome atitudes que pareçam um tanto egoístas? Por você sou capaz de coisas absurdas...

Ela ergueu os olhos lentamente. Não parecia com a moça de respostas rápidas, pronta para uma boa discussão. Havia uma sombra de dúvida em seu rosto, e ele era o responsável por essa sombra ter surgido.

Juliet lastimava-se ainda mais por ter ouvido tão atentamente os avisos de lady Elizabeth sobre o tipo de diversão que mais agradava aos rapazes londrinos, as apostas, os jogos de sedução maldosos, o regozijo em ver uma moça que não fosse de seu restrito círculo cair em desgraça. Estaria salva por causa de seu parentesco com lorde de Greenville? Supunha que não, pela conversa irônica com o marquês de Brighton, e pelo atrevimento no olhar de vários rapazes com quem dançara por sugestão de lorde Chase no baile passado.

— Por favor, Tristan, diga-me que não sou somente algo que você deseja ostentar por uma temporada, que não sou o prêmio da aposta de um grupo de devassos. Garanta-me que não quer apenas ter a experiência de seduzir a filha de um almirante para sua cama... — murmurou tão inaudivelmente, que Tristan precisou aproximar-se mais para ouvi-la. As lágrimas ainda estavam presas ali, prestes a derramar-se. Ele podia ver-lhe o temor, a insegurança, a ansiedade que estava guardada dentro daquelas palavras — Jure que não estou sendo uma tola inocente ao aceitar sua corte...

Tristan sufocou um gemido, sentindo uma dor no peito. Ela pensava tudo aquilo dele? Podia ser um sem-vergonha, mas não era um homem sem escrúpulos, e que Juliet pensasse isso dele era um terrível golpe. Logo ele, que ironicamente nunca havia desvirginado donzela alguma! Mas talvez fosse justo que ela assim pensasse, depois do que Tristan havia acabado de fazer. Praticamente gritou, numa resposta desesperada:

— Garanto-lhe, Juliet, que a adoro! Que não há nenhuma aposta, que levo a sério você e sua família! Só tive medo, medo de perdê-la, medo de perder-me sem você! — respirou fundo, tentando controlar sua voz — De onde saíram essas idéias terríveis sobre mim? Já fui chamado de cretino, libertino, lascivo, mas nunca fui acusado de crueldade! E não sou um mentiroso! Perdoe-me se ofendi seus sentimentos, mas esclareço que os meus em relação a você são de fato os mais intensos!

O rosto dela iluminou-se, e as lágrimas rolaram, mas não de tristeza, e sim de alívio. Ele próprio sentiu os olhos umedecerem quando ela o abraçou e afundou o rosto em seu ombro. Tristan beijou-lhe a testa.

— Sei que não será fácil para você estar comigo, Juliet, mas acredite-me, quando disse a você que não é uma aventura, disse a verdade. Confie em mim e ignore os comentários negativos a meu respeito. Sou melhor do que pareço.

\*\*\*\*\*

Juliet entrou em casa sentindo-se radiante. Toda a revolta que sentia na confeitaria havia se esvaído mediante as palavras de Tristan. Não importava mais se falassem dela, pois tinha o homem mais maravilhoso ao seu lado! Sua dama de companhia a aguardava folheando um jornal na sala de visitas. Ergueu os olhos assim que ela entrou, e sorriu animadamente.

— Bom dia, minha querida! Saiu apressadamente de manhã, heim?

— Oh, senhora Ellen, vejo que está bem disposta essa manhã! Recuperou-se, finalmente.  
— sentou-se ao lado da amiga.

— Graças aos Céus por isso. Veja, querida, chegou algo para você. — mostrou um pequeno invólucro retangular, que vinha com um cartão.



Juliet olhou desconfiada, e lentamente desfez o embrulho. Abriu a caixa preta em seu interior, e, assim como a senhora Ellen, soltou uma exclamação de espanto. Havia uma linda e delicada pulseira de ouro e brilhantes em seu interior. Juliet pegou avidamente o cartão:

“Por me dar o inigualável prazer de sua bela companhia, na dança mais agradável da temporada. Seu amigo e admirador, Robert A. Barker.”

— Marquês da Galhofa! — resmungou Juliet, fechando a caixa, e levantando-se, com expressão contrariada.

Ellen arregalou os olhos.

— Deus...não me diga que este é o famoso...

— Sim, é o marquês de Brighton.

— Juliet... — murmurou a senhora Jacomini — Encorajaste este homem de alguma forma?

— De forma alguma! Achei, inclusive, que havia sido desagradável o suficiente para desanimá-lo até de convidar-me a dançar novamente!

— Este homem é persistente quando se fixa em um objetivo. Sua fama de conquistador não se restringe só a Londres.

— Oh, eu sei... — Juliet lamentou.

— Isso não é presente que se dê por cortesia ...

— Ele tenciona ofender-me, fazendo-me uma proposta veladamente indecorosa, e por isso devolvarei a pulseira imediatamente, sem qualquer cartão de resposta!

— Muito bem. Diga-me, como é esse homem atrevido? — indagou, curiosa e irritada ao mesmo tempo.

— O maldito deve ser o homem mais bonito de Londres. Muito conhecido e influente politicamente. — respondeu.

— Ah, já vejo! Um parlamentar poderoso, que deve estar acostumado a ter todas e todos aos seus pés, o indecente. — Ellen resmungou. Esse tipo perigoso sempre existiu, e era uma preocupação extra para pais e tutores, temporada após temporada.

Juliet tocou a sineta, e logo o mordomo apareceu:

— Arthur, faça-me o favor de pedir a um dos criados que leve de volta esse... esse presente, ao marquês de Brighton. Há um endereço no cartão que acompanha a caixa. De minha parte, não há nenhum recado ou resposta. Somente a devolução.

— Sim, senhorita. — o homem saiu com a caixinha nas mãos, segurando-a com a ponta dos dedos, desdenhosamente, como quem carrega lixo. Não queria saber o conteúdo, mas se havia ofendido sua jovem ama, então também ele estava ofendido.

\*\*\*\*\*

Juliet havia acolhido com alegria a visita de Suzane depois do almoço, e seu convite para passearem em Hyde Park. A senhora Ellen as acompanhou, apenas para sentar-se em um dos agradáveis bancos do parque, admirando a paisagem e as elegantes senhorinhas desfilando seus lindos trajes para o dia. Suzane e Juliet, no entanto, não apresentavam essa placidez. Riam, corriam entre as árvores e fofocavam já como velhas amigas. E quando Juliet correu com os dois sorvetes que Suzanne havia lhe sugerido tomarem, a amiga não conseguiu alcançá-la para pegar o seu de volta. Juliet enfiou-se entre os arbustos, rindo satisfeita da sua molecagem, e saindo em outra alameda, oculta dos olhos da prima de Jake, com ímpeto suficiente para trombar em um homem que vinha passando em outra direção. Os sorvetes caíram no chão, não sem antes deixarem duas grandes manchas coloridas no casaco preto do cavalheiro.

— Oh, mil perdões, senhor! — exclamou Juliet, puxando um lençinho do bolso, e tentando limpar desajeitadamente as manchas de morango e abacaxi no traje elegante.

— Não precisa se preocupar, senhorita Fiennes. — respondeu o dono do casaco manchado.

Juliet ergueu os olhos lentamente, ao ouvir a voz familiar, para encontrar o azul celestial do olhar do marquês de Brighton.

— Ah, senhor marquês... — fez uma rápida reverência — lamento mesmo esse incidente! Talvez queira entregar-me seu casaco. Providenciarei a limpeza e mandarei devolvê-lo o quanto antes.

— Só aceito se a devolução for feita pessoalmente por você, e se estiver disposta a tomar um chá comigo em seguida. — apoiou-se em sua bengala, displicentemente.

— Sabe que não posso fazê-lo. Não seria adequado. — sobressaltou-se.

— Então esqueça o casaco. Estava indo para casa, e minha criada é apta o suficiente para tirar manchas de uma roupa. — respondeu, com um sorriso — E a não ser que lhe agrade

realmente estar me tocando com tanto afinco, pode parar de usar seu lenço em mim. Se continuar, poderá acabar me suscitando idéias...

Juliet guardou o lenço rapidamente, constrangida por não ter notado que continuava esfregando o pano insistentemente no casaco dele. Havia ficado, por alguns instantes, distraída por seus olhos hipnóticos. O maldito era o homem mais bonito que já vira, não podia negar.

O marquês fez um pequeno gesto de assentimento quando Juliet parou de tocá-lo. Então voltou à conversa:

— Permita-me comprar-lhe outros sorvetes, senhorita.

— Ora, teria algum sentido nisso? Eu fui descuidada, sujei seu traje e o senhor ainda me daria outros sorvetes em troca? Não, de jeito nenhum. — ela sorriu, surpresa.

A boca de Robert formou um pequeno sorriso em retribuição.

— É a primeira vez que sorri para mim. Estou encantado.

Ele a olhava de uma forma que Juliet já havia assimilado como o olhar de um sedutor, como se ela fosse única. Sua mãe já lhe havia dito que alguns homens sabiam fazer isso espantosamente bem. E Juliet, mesmo já sendo cortejada por Tristan, não pode evitar sentir-se lisonjeada com aquela demonstração de charme e atenção, vinda de um homem tão distinto. Mas, em breve Suzane ou a senhora Ellen surgiriam atrás dela, e não desejava ser flagrada conversando com aquele cavalheiro. Resolveu afastar-se o quanto antes, mas antes precisava lhe dizer algo:

— Recebi seu presente, senhor marquês.

Ele continuou olhando fixamente seu rosto, prevendo que ela falaria algo mais.

— Eu devolvi. E agradeceria se não me enviasse mais nada.

— Por que? Não foi do seu agrado? O vendedor me garantiu que qualquer moça ficaria feliz com aquela pulseira.

— Deve ter sido muito caro. O senhor sabe muito bem que não é presente que se dê por causa de uma mera dança!

— Quando a dança vem acompanhada da jovem mais bonita da noite, é o presente certo.

— É o presente adequado para dar a sua amante! — retrucou ela, pronta a dar-lhe as costas, aborrecida. Rapidamente o marquês pegou a mão dela, entrelaçando seus dedos.

— Então não tenho a menor chance?

Ela tentou puxar sua mão da dele:

— Seu atrevido!

— Julga que Tristan é melhor amante que eu? Como pode saber sem sequer me dar uma oportunidade? Deixe-me mostrar minhas qualidades também e não irá se arrepender... — chegou mais perto, fitando-a como um felino fitaria um pássaro.

Juliet sentiu o rosto ficar vermelho:

— Não sou amante de Tristan! — os olhos começaram a arder.

O olhar do marquês mudou, ficando suave imediatamente.

— Ah... Mas devo dizer, bela senhorita, que seu comportamento gera dúvidas...

— O senhor me ofende deveras, e não entendo que prazer isso lhe dá.

— Ah, não sinto prazer nisso, mas vejo a necessidade de alertá-la sobre os jogos perigosos que ocorrem ao seu redor, já que simpatizei com sua pessoa e não desejo ver sua vivacidade perder-se por causa de intrigas mesquinhas. Não está entre os amigáveis nobres do condado de Hampshire, amigos de seu tio Charles. Aqui não é Portsmouth, minha querida. Se continuar na companhia constante dos mal afamados, como acha que será classificada?

— Temo, Sua Graça, que o senhor também está me comprometendo. Largue já a minha mão. — tentou soltar-se, sem sucesso. A mão firme dele a mantinha cativa.

— Vê como se importa? Teme que seu nome seja vinculado a um notável libertino?

Puxou-a para tão perto, que ela podia aspirar seu agradável perfume. Juliet estava de olhos arregalados, as pernas começando a tremer. Embora o marquês não parecesse cruel ou perigoso, teve medo dele. O que teria em mente aquele homem?

— Não é tão rebelde ou transgressora como aparenta ser, senhorita...

— Solte-me. — quase suplicou. Se alguém a visse com o marquês e contasse a Tristan, ai...

— Só se prometer me escutar até o fim. — falou, gentilmente.

Ela concordou a contra gosto, e ele a soltou, bem devagar.

— Quantos anos tem?

— Já fiz dezoito.

Ele suspirou, com o olhar um pouco distante, e parecia tomar fôlego antes de começar a falar:

— Preenche muito bem um vestido de noite, senhorita, e eles diabolicamente mascaram sua idade... Mas quando notícias sobre você vieram aos meus ouvidos ainda há pouco, ficou óbvio sua juventude e inexperiência no campo masculino. Seu repúdio aos meus avanços confirmaram isto.

— O que... o que quer dizer? — ela gaguejou.

— Sei que desagradaria sobremaneira vossa família sua total falta de cuidado com as convenções e seu descaso com os mexericos que possam resultar de seus atos. Não pode se dar ao luxo de ser alvo deles, minha querida, muito menos com tão pouco tempo na cidade. Enquanto o senhor Smith não anunciar publicamente seu compromisso, deve evitar andar sozinha em carruagens com ele, e certamente não deve permitir que ele a carregue para os jardins escuros a cada oportunidade. E por favor, não faça mais nenhum escândalo em confeitarias lotadas!

Juliet pôs a mão no peito. Já haviam falado tanto assim dela? Não precisou perguntar, pois ele respondeu:

— Obviamente não é a única moça de quem falam, mas incomoda-me que esteja tão inocente nessa história, quando seu namorado já sabe muito bem como os daqui são. Parece-me que deliberadamente ele a expôs, e sinto que talvez tenha acontecido isso por temer que a roubassem dele. — olhou-a de modo significativo — Não sou eu que deve temer, senhorita, mas sim os anseios de seu querido Tristan. Creio que ele se conscientizará de que a ostentou em demasia, mas se não acontecer, então seja habilidosa o suficiente para refreá-lo, antes que seus familiares tenham que tomar uma providência.

O marquês fez uma pausa, observando a reação de Juliet, e completou:

— Sua dama de companhia pode ser uma viúva que conhece bem os homens, e pode até saber manipulá-los — ele sorriu — mas é também uma senhora ingênua e inapta para cuidar de uma debutante e seu ávido pretendente, visto o modo como permite que vocês a façam de tola com tanta facilidade.

— O que o senhor pretende, afinal?

— Não deixá-la cair em desgraça, simplesmente. Se for preterida, embora não creio que algum homem sensato a deixasse escapar, e Tristan, apesar de tudo, tem juízo, bem... Se ele não a quiser mais, estará em sérios problemas para conseguir um pretendente decente se continuar se comportando como uma... coquete.

— Quem o senhor pensa que é?

— Sou seu amigo, acredite-me. — olhou-a com expressão gentil, quase fraternal — Pense bem no que eu lhe disse.

— Agradeço a preocupação. — retrucou, afastando-se — Boa tarde!

O marquês ficou observando Juliet afastar-se, e suas sobrancelhas arquearam quando a viu acelerar o passo em direção a uma moça de cabelos soltos e fartos numa explosão impressionante de cachos vermelho sangue, que a acolheu com um sorriso capaz de derreter o Sol, de tão caloroso. No entanto o sorriso franco de seus lábios logo transformou-se em um pequenino e perfeito coração assim que a amiga chegou mais perto, e os imensos olhos claros demonstraram preocupação.

\*\*\*\*\*

Quando Juliet voltou para junto de Suzane, as lágrimas já brotavam em seus olhos.

— Onde estava? — indagou Suzane, mas ao perceber a expressão da outra, assustou-se — Juliet, está chorando?

— Derrubei os sorvetes. — conseguiu dizer.

Mesmo suspeitando que aquela não fosse a verdadeira razão das lágrimas, puxou-a pela mão:

— Então compremos outros já. — respondeu, suave — Bolas duplas!

A alegria contagiante de Suzanne fez com que Juliet se esforçasse para afastar sua tristeza e preocupação. Concordou com a amiga, num movimento veemente de cabeça.

Saíram correndo entre as pessoas que caminhavam devagar, desvencilhando-se delas como duas crianças sapecas fariam, com risos soltos e altos gritos, sem se importar com os olhares severos e curiosos a sua volta.

## CAPÍTULO IV

Juliet admirou-se em frente ao espelho, mais uma vez. Optara por um vestido branco de anágua cor de vinho, e com detalhes da mesma cor. Nos cabelos, meio oculto por cachos bem feitos pela experiente e dedicada criada, um fio de cordão de ouro brilhava,

combinando com delicados brincos. Pegou uma bolsinha de contas brilhantes bordadas com esmero, calçou as sapatilhas com pedrarias douradas e avermelhadas, e aprovou o resultado. Aspirou o aroma das rosas e lírios do imenso buquê que Tristan havia lhe enviado, possivelmente ainda sob o efeito da consciência pesada por havê-la exposto tão acintosamente. Não pôde sorrir, no entanto, pois as palavras do marquês continuavam a martelar-lhe a cabeça. Havia pensado que não se importaria com comentários maldosos, mas a existência deles lhe tocara de forma incontestável, de modo que agora sentia-se até grata pela forma crua com que lorde Brighton havia lhe contado o fato. Seria mais cuidadosa daqui para adiante.

A senhora Ellen, gloriosa em um vestido verde escuro decotado, a aguardava tranquilamente, e suspirou ao ver sua pupila:

— As outras moças não terão chance!

— Senhora, eu... eu já aceitei a corte de Tristan. Só ele me interessa — abaixou os olhos, aguardando uma reprimenda.

— Compreendo... — ela respondeu, pensativa — No entanto, enquanto não há nada oficial entre vocês, não posso permitir que dê atenção apenas a ele. Sabe, Juliet, lady Elizabeth esteve aqui hoje, enquanto você estava com o senhor Smith. Ela foi muito gentil, mas pude ler nas entrelinhas que não aprova muito seu comportamento, e me julga distraída quanto aos cuidados que dedico a você. Disse-me que o seu jovem acompanhante é um rapaz encantador, um moço de bom coração, mas também é conhecido por suas aventuras amorosas. Estou um pouco preocupada... Sinto que foi um erro deixá-la sair sozinha com ele. Seu Tristan é um namorado de marca maior, e isto pode ser comprometedor para você, compreende? Sei mais do que ninguém que você é capaz de prender a atenção de um rapaz, mas não sabemos se ele realmente quer levá-la a sério, então peço que seja cautelosa. Não desejo que sofra se no final das contas se tornar apenas mais uma para ele...

Juliet assentiu, mesmo sem concordar realmente, pois estava certa de que Tristan a levava muito a sério. Sairiam para mais uma noite de danças, dessa vez no Almack. O senhor Smith as aguardava na sala de visitas, admirando os quadros e a decoração de bom gosto. Quando as damas entraram, ele ficou genuinamente encantado:

— Estou sem ar, senhoras. Jamais estive acompanhado de tão estonteantes beldades!

Elas sorriram, e fingiram timidez e recato diante do elogio.

A carruagem de Tristan os aguardava e ele as ajudou a entrar, dispensando o auxílio do laiaio. Sussurrou no ouvido de Juliet:

— Não existe, no Reino Unido todo, moça mais bela do que você.

Ela sorriu mais uma vez, extasiada.

\*\*\*\*\*

A primeira dança era um minueto, e Tristan galantemente convidou a senhora Ellen para dançar. Ela tentou recusar, protestando timidamente, mas enfim cedeu, e deixou-se conduzir ao centro do salão.

Em um segundo o marquês de Brighton havia se materializado ao lado de Juliet e a tomou pela mão, levando-a a dançar a uma certa distância de Tristan. O ressentimento em relação aos comentários do nobre havia sumido depois de muita reflexão, dando lugar a uma quase simpatia em relação a ele, sustentada por seu indiscutível carisma e sorriso desarmante. Além disso, rechaçar o poderoso marquês em público despertaria mais comentários do que simplesmente deixar-se levar, e ele obviamente sabia disso, dada a segurança com que a conduziu, sem sequer pedir primeiro. Então Juliet resolveu tentar ser amigável, disposta a tornar a dança o mais agradável para ambos.

Melhor ser amiga dos lobos do que inimiga, pensou Juliet, com resignação.

Os casais se cumprimentaram com uma mesura antes de começarem a bailar.

— Ainda aborrecida comigo ou sua ira já passou? Pergunto apenas porque desejo saber se dançaremos ou devo preparar-me e proteger-me de uma possível batalha. — ele provocou.

— Dançaremos.

— Ah, dessa vez mostra-se mais solícita, e aceita-me sem reclamações. Posso me sentir encorajado? — sorriu o marquês, quando se aproximaram.

— Encorajado a quê? Meu caro senhor, não confunda as coisas, eu apenas desejava dançar. — respondeu, com um ligeiro arquear de sobrancelhas — E essa dança eu já praticava em Southsea.

Afastaram-se, em mais um movimento do bailado.

— Céus, está me dizendo que eu poderia ser qualquer um! Há muito tempo não me via menosprezado desse modo... — replicou, fingindo-se triste, as palmas tocando-se com delicadeza, enquanto davam uma meia-volta.



Ela deu uma risada suave:

— Perdão! Que indelicadeza de minha parte... Lamento se pareceu que fiz pouco caso de Sua Graça, jamais o faria.

— Faria sim. — ele replicou, rapidamente.

— De qualquer modo... — afastaram-se e aproximaram-se mais uma vez — o senhor não precisa de nenhum tipo de encorajamento extra.

Dessa vez foi ele quem riu:

— Bem, isso é um fato!

Juliet lembrou das palavras do marquês, dizendo que se ela não estivesse tão encantada por Tristan, perceberia os olhares a sua volta. Olhou em torno, tentando aparentar descaso, e notou muitos olhares sobre eles, as damas com inveja, os homens com cobiça.

— As damas em volta estão aborrecidas comigo por ter sua atenção. Me coloca numa situação difícil, meu senhor. É melhor que pare de sorrir tão ostensivamente. — ela achou graça.

— Estamos quites, minha linda bailarina, pois hoje está mais esplendorosa do que nas noites anteriores, e sou alvo do ódio de todos os outros cavalheiros do baile. — tocou sua cintura, num movimento lânguido da dança, circulando um em volta do outro — Como resposta a eles, sorrirei cada vez mais...

— O senhor é incorrigível...

— A senhorita é uma combinação perfeita de pureza e sedução, e isso atíça a imaginação dos homens... inclusive a minha, obviamente. — completou ele, com ar divertido.

Em seguida, retomando a postura sedutora que era sua característica, provocou:

— Qual homem não desejaria perder-se nessa mistura tão deliciosa , tão profundamente quanto lhe fosse permitido?

— O senhor não tem outra dama para atormentar, marquês? — indagou, encarando os incríveis olhos azuis.

— Talvez, se a senhorita colaborar... Por que não me apresenta aquela sua amiga ruiva de hoje à tarde?

— Ora, então finalmente revelou-se! Só me tirou para dançar porque desejava chegar até minha amiga... Que coisa tão pouco lisonjeira vinda da parte de um marquês! Que feio, meu senhor, que feio! — ela riu mais um pouco.

— Se continuar me provocando desse modo, senhorita Juliet, revidarei. Será que resistirá às minhas provocações? — sua entonação deixava margem a duplo sentido, com evidente malícia.

— O senhor não é infalível. — o desafiou, pousando o olhar intencionalmente nos belos lábios do nobre, e depois fazendo cara de desdém.

— Cuidado, senhorita. Nunca lhe disseram que é perigoso brincar com fogo? — o sorriso dele se ampliou, e Juliet vislumbrou o quanto ele poderia ser irresistível.

— Sinto muito, mas não lhe farei o favor de apresentar minha linda amiga, por quem tenho muito apreço. Não a colocarei em semelhante perigo. O risco é evidente! — respondeu.

— Meu bem, julga-me perigoso? Que dano acha que eu poderia causar a sua linda amiga?

— Céus, posso pensar em alguns tipos de danos que me fazem corar... — revirou os olhos.

O marquês jogou a cabeça para trás, numa boa risada:

— Ah! Se não confia em mim, terei então que apresentar-me sozinho... Embora seja indevido.

Afastaram-se em mais um dos movimentos do minueto, para depois se tocarem novamente.

— E devo esclarecer que só faço a uma dama o que ela me consentir fazer, minha cara... — ele provocou, com olhar galante.

— O senhor é irritante.

— É mesmo? Pois acho que já somos amigos, e gosta de minha companhia. Pelo menos sou mais divertido do que a maioria.

— É mais petulante do que a maioria, quer dizer.

— O mesmo pode se dizer de você.

Ela concordou com a cabeça, de modo gracioso, como se recebesse um elogio:

— Touché!

Ele voltou à carga:

— Não quer me apresentar às suas amigas porque pretende me manter como reserva para o caso de seu compromisso com Tristan não acontecer?

— Ora, o marquês usa golpe baixo! — riu gostosamente, no que ele a acompanhou — Acha que vou aceitar esse tipo de jogo de sua parte? Sou jovem, mas não sou tola para cair nesse truque provocativo.

— Valeu a tentativa só para ouvi-la rir.

— Não perca seu tempo procurando por minha amiga aqui. — avisou — Preferiu uma partida de uíste a companhia dos nobres londrinos empregados...

— Ah, agora a senhorita me magoa de forma deliberada! É uma moça muito cruel.

Se cumprimentaram frente a frente, com cara de riso. A dança havia acabado.

Tristan logo tomou Juliet pelo cotovelo, afastando-a das outras pessoas, de modo possessivo:

— Por que aceitou dançar com o marquês?

— Estava sozinha no salão, Tristan, e ele foi muito amigável. — fez um gesto vago.

— Então ser amigável é o novo termo para galantear uma moça que já tem par? Estou certo que sabe dizer a palavra “não”, Juliet. Esse marquês está virando uma pedra no meu sapato! — passou a mão pelos cabelos, contrariado.

— Não seja tolo, Tristan. — ela sorriu. Podia explicar que era constrangedor negar-se a dançar com um nobre de alta hierarquia quando estava no salão, aguardando realmente para ser convidada por alguém, mas não se explicou, querendo testar-lhe a paciência.

— Moças de família devem ter cuidado redobrado com quem aceitam dançar, senhorita Fiennes!

— Se essa prerrogativa se aplicasse realmente, jamais ficaríamos juntos, senhor Smith!

Ele soltou um grunhido incompreensível, e Juliet viu claramente que o rapaz continha uma explosão furiosa. Cruzou os braços, olhando-o desafiadora. Era novidade ver Tristan tão fora de si, e muito fascinante.

— Vocês estavam muito risonhos, muito mesmo. — Ele retrucou.

— Descobri que ele é divertido.

— Divertido? Ah, sim, todas as damas de Londres hão de concordar com você. As solteiras e também as casadas. — resmungou, pegando licor para ambos. — Robert é um devasso, Juliet, um devasso de verdade, profissional.

— Não como você ou Jake? — indagou, suavemente.

Tristan a olhou de esguelha:

— Nem se compara! Não lhe menti sobre quem sou, ou melhor, sobre quem eu era até conhecê-la. Mas, diferentemente do nosso amigo marquês, não tentava levar todas as mulheres do mundo para minha cama! E sempre respeitei as comprometidas.

Ela bufou, aborrecida:

— Não confia em mim, Tristan?

— Não confio nele.

— Ele não é seu rival, senhor Smith... Pare com esse ciúme descabido. Não deixarei de dançar ou falar com o marquês só porque o considera uma ameaça, pois não o é! — inclinou o busto para frente, irritada, com as mãos nos quadris.

Ele a fitou intensamente, mirando primeiro o decote, depois os lábios, e finalmente os olhos de avelã herdados da avó indiana. Juliet controlou-se para não intimidar-se diante de Tristan, mantendo a postura de desafio. Mas na verdade, ele a intimidara bastante, e foi difícil conter um ligeiro tremor de insegurança.

— Então é assim? — perguntou ele, com suavidade, o cinza de seu olhar faiscando.

Juliet se sentiu incomodada com a mudança no tom de voz, e pressentiu uma ameaça velada, mas não voltou atrás:

— É.

— Certo, minha doce Juliet. Agora vamos dançar. — dirigiram-se ao salão, misturando-se aos outros casais, e ele conduziu-a na dança, como sempre de forma magistral, porém inquietantemente silencioso. Logo que a música acabou, ele a levou para perto de sua dama de companhia e com um floreio afastou-se.

Jake viu o amigo se aproximar com expressão sombria, e conhecendo-o bem, sabia o quanto estava irritado.

— O que foi?

— Robert Barker, é o que foi. Aquele matreiro mudou seu estratagema em relação a Juliet, mostrando-se agora como um amigo divertido.

— Sabe que esse truque funciona bem. Ele ganha a confiança dela através da amizade, e depois parte para o ataque...

— Sei, conheço o truque. E sei que se eu a proibir de manter essa amizade, aí é que ele ganha terreno mais rápido. Com os diabos, ele é um maldito muito esperto!

— O que pretende fazer, confrontá-lo?

— Para que ele faça pouco caso e negue tudo? Não lhe darei essa satisfação.

— O empobreça um pouco mais na mesa de jogo, como sempre faz, então. — riu Jake — Vamos, Tristan, não leve isso tão a sério! Se vê longe que Juliet te pertence...

Tristan deu de ombros, apertando os lábios. Olhou em torno, e escolheu a moça mais bonita que estava por perto para uma dança, sendo prontamente aceito. Rodopiou com ela pelo salão, alegremente, mostrando-se o mais gentil que sua irritação permitia. Ao devolvê-la à sua tutora, foi agraciado com um olhar quente de aprovação. Inclinou-se, cordial. Repetiu o gesto de retirar outras jovens para dançar, sucessivamente, galanteando-as gentilmente, em flertes inocentes.

Juliet observava Tristan tentando ser discreta, com raiva crescente. Dançava também com outros rapazes, porém mal os ouvia, tão imersa estava em seus próprios pensamentos. Os cavalheiros não a deixaram parada, animados com o fato de vê-la dançar primeiro com Barker, e incentivados também pelo fato de Smith tê-la deixado de lado para dançar com outras. Quando seu pretendente a procurou novamente para mais uma dança, a fúria de Juliet estava prestes a ganhar vida própria.

— O que está fazendo, Tristan?

Ele pareceu confuso:

— Eu? Dançando, acho.

— Não seja cínico. Está flertando com todas as moças do baile!

— Ah, Juliet... Que bobagem... Eu só estava sendo “divertido”. — ergueu uma sobrancelha, desafiando-a.

Juliet quase sorriu. Ele não estava cortejando outras, e sim deliberadamente provocando-a.

— Você é um crápula!

— O que acha de provar um pouco do próprio veneno? Ciúmes, querida? — ironizou, com um sorriso malicioso nos lábios.

— Está bem, Tristan, não dançarei mais com o marquês. Mas não vou deixar de falar com ele.

— Parece bom para mim. — tomou-a pela mão, olhando em torno, dirigindo-se a uma das sacadas que cercavam o amplo salão. Juliet estacou.

— O que pretende?

— Levá-la ao terraço, para admirarmos a noite, a sós. — seus olhos brilhavam como estrelas, e seu sorriso era tão bonito que Juliet precisou refrear um sonoro suspiro de admiração.

— Não, senhor. Já fizemos demais por hoje. A senhora Ellen já me deu ordens expressas sobre isso. — sabiamente ocultou o fato do marquês também haver influenciado em sua decisão.

Tristan ficou sério.

— Ah, Juliet... Está falando sério? Não ganharei nenhum beijo seu hoje?

— Já nos beijamos hoje. Esqueceu dos beijos pela manhã, na caleche? — olhou-o severamente.

— Está me punindo?

— Não. Estou me protegendo.

— Está certo. Então apenas conversaremos aqui, no meio de todo mundo. — retrucou, com expressão desgostosa. — Você é uma moça muito cruel.

— Já me disseram isso... — ela sorriu.

Logo um rapaz de farda vermelha e botões dourados convidou Juliet para dançar, e ela o acompanhou, sorrindo de modo inocente para Tristan, que tinha os olhos fuzilantes sobre o rapaz de uniforme, que a afastara dele sem o menor constrangimento. Além de não poder estreitá-la nos braços, e beijá-la como era seu desejo, ainda tinha que assisti-la usar os conhecimentos de dança que ele havia ensinado com todos os rapazes e lordes do salão! Que afronta! Ora, jamais deveria tê-la levado ao Almack, um reduto famoso para quem procurava um par de alta classe, e um casamento vantajoso. Era o mesmo que expor Juliet numa vitrine!

## CAPÍTULO V

Juliet estava sentada em frente à penteadeira, escovando vigorosamente os longos cabelos, já preparada para dormir. Sorriu lembrando a cara de fúria de Tristan quando ela retornou para ele, após mais uma dança com um dos oficiais de Sua Majestade. Deu-lhe o braço para conduzi-la até a mesa de lanches, e logo em seguida sussurrou que gostaria de levá-la para casa. Quando indagado sobre a pressa em partir, afirmou que não podia vê-la

dançar nem mais uma vez com outro homem, e que as expressões nos rostos masculinos que bailavam com ela faziam merecer um açoite de florete bem no meio do traseiro, e que ele estava disposto a dar-lhes a lição a qualquer momento. Algo no tom de voz dele fez com que Juliet engolisse a vontade de fazer qualquer provocação. Afinal ela também não havia ficado quase possessa por demônios ao vê-lo dançar todo risonho com moças que pareciam mais bonitas e elegantes que ela? Aceitou o pedido para irem embora, e foram acompanhados pela senhora Ellen prontamente.

Estava tão imersa em seus pensamentos que teve um sobressalto ao escutar um baque surdo em seu quarto. Tristan havia pulado pela sacada, e agora a olhava com um sorriso gentil nos lábios. Havia tido tempo suficiente para passar em casa e trocar de roupas. Abandonara a camisa engomada, colete e plastron, substituindo por uma blusa de linho fino, simples, com botões abertos, mostrando uma boa parte dos pelos negros do peito. As calças escuras de festa foram trocadas por calças caqui de montaria, e os sapatos elegantes e lustrosos tinham dado lugar a longas e másculas botas de couro marrom bem escuro. Completando o conjunto, um sobretudo azul marinho de lapelas largas, próprio para usar em cavalgadas, davam-lhe o ar de cavaleiro rústico. Os cabelos, agradavelmente desgrenhados, confirmavam que havia vindo a galope.

Juliet havia ficado tão impressionada com a figura viril em seu quarto, ainda mais belo sem o traje confeccionado na Bond Street, que a escova de cabelos caiu de suas mãos sem que sequer percebesse. Só deu-se conta quando Tristan abaixou-se para pega-la, e devolveu-lhe, com o sorriso ainda mais amplo ao constatar a admiração no rosto dela.

— Vênus sentiria inveja de sua beleza, senhorita Fiennes. — seu olhar aprovou o cabelo liso e longo caindo sobre a camisola branca cheia de botões de pérolas, frufus e transparência discreta, que atiçavam a curiosidade.

Pegou a moça pela mão e sentou com ela na beira da cama. Passou a mão pelos longos cabelos de Juliet, e prendeu uma boa mecha entre os dedos, tocando-os com carinho, e com um suave puxão trazendo-a mais para perto. Seus olhos se encontraram.

— Veio dar-me o beijo de boa noite — ela conseguiu finalmente falar.

— Também. A verdade é que comprei uma coisa, e só pretendia entregar quando o almirante, seu pai, voltasse à Southsea. Mas estive pensando que é algo que diz respeito a nós dois, e não precisamos esperar pelos outros. — Pegou uma pequena caixa do bolso, e pôs o joelho esquerdo no chão, flexionando o outro enquanto o pé direito apoiava no piso. Juliet levantou-se de um pulo, o coração a ribombar, as pernas tremendo de modo incontrolável.

Tristan abriu a caixinha, deixando a mostra o anel de diamante, grande e perfeito, cercado de pequenos rubis dilapidados em formato de coração. Ele respirou fundo, enquanto ela levava a mão ao peito, emocionada.

— Senhorita Juliet Fiennes, aceita tornar-se minha esposa?

O sorriso dela era tão lindo e arrebatador que Tristan sentiu seus olhos ficarem úmidos.

— Ah! Sim, sim, sim! — Juliet respondeu, sacudindo a cabeça em afirmativa.

Pôs o anel em seu dedo.

— Oh, é lindo, Tristan... e do tamanho certo... — ela murmurou.

— Sim. Fiquei com suas luvas no outro dia... Então ficou mais fácil medir... — ele explicou, também num murmúrio, emocionado.

Então levantaram os olhos da aliança e se encararam, enquanto Tristan erguia-se do chão. Os lábios se aproximaram bem devagar, até se encontrarem num beijo manso e gentil.

Tristan pegou uma das mãos de Juliet e levou-a até o próprio peito, para que ela percebesse as batidas de seu coração:

— Sou um homem perdido de amores por você, Juliet...

Juliet tomou a outra mão dele, colocou por dentro do decote de sua camisola, e permitiu que pousasse perto do seio esquerdo, e o rapaz sentiu as palpitações dela.

— Meu coração dispara ao reconhecer quem é seu dono.

Tristan sentiu o próprio coração acelerar ainda mais, captando os batimentos de Juliet, e assim ficou, apenas mirando-a, por alguns minutos. Depois sua mão deslizou o suficiente para fechar em concha sobre o seio dela, e a outra mão buscou a nuca da moça, trazendo-a mais para perto. Foi como acender fogo próximo de um combustível, num arder súbito e surpreendentemente forte.

Beijou-a ardorosamente, sendo correspondido, enquanto Juliet punha a mão em seu sobretudo, tentando retirá-lo.

Tristan segurou as mãos dela, detendo-a:

— O que está fazendo?

— Tirando seu casaco. Despindo-o. — os olhos transpareciam o desejo inegável e crescente, e Tristan estava certo que os dele diziam a mesma coisa.

— Juliet... Devemos mesmo fazer isso?



— Sim... — ela respondeu suavemente. Sua voz nunca soara tão linda a Tristan como naquele momento.

— Deseja entregar-se a mim, meu amor? — ele sussurrou, ainda retendo-lhe as mãos.

— Já sou tua, Tristan, não vê?

— Então vou tomar tudo que é meu, minha preciosa Juliet...

Ele deixou que o sobretudo deslizasse de seus braços até caírem a seus pés, e ela desabotoou sua camisa de linho por completo, retirando-a. Juliet perdeu o fôlego ao deparar-se com o peito forte de Tristan, seus braços e ombros poderosos, seu embriagante aroma. Ele arrancou as botas, jogando-as longe, e abriu os botões laterais de suas calças, que escorregaram rapidamente pelas pernas. Logo também as ceroulas foram arremessadas ao chão, e Juliet viu-se diante de um Apolo de carne e osso, que parecia ter saltado de um de seus livros de pintura. Ela ficou estática, olhando-o com tanta admiração e amor, e tão embevecida com a nudez completa de Tristan, a masculinidade exibida em sua plenitude, grande e rígida, que só fez aumentar a paixão do homem a sua frente.

— Não tem medo, minha noivinha? — os olhos pareciam pedras preciosas, de tão brilhantes.

Juliet sacudiu a cabeça em negativa achando que o coração pularia de dentro do peito a qualquer instante. Seu noivo era lindo, e ela estava ansiosa para perder-se em seus braços:

— Fui tua amante desde o primeiro dia em que nos conhecemos, lembra? Confio em ti...

— Serei cuidadoso, minha amada... — sussurrou.

Ele empurrou gentilmente sua noiva para a cama, enquanto beijos quentes alcançavam cada parte do corpo feminino, a medida que a camisola ia sendo aberta, incendiando ambos, deixando-os trêmulos de desejo.

— Ah, maravilhosa Juliet, eu a amo, e quero-a tanto...

— Tristan... Também te amo, também eu o quero demais!

Olhou-a apaixonadamente antes que suas bocas se tocassem mais uma vez, e Tristan seguiu distribuindo com sua língua carícias ardentes que desciam pelo pescoço, pelo colo macio, pelo busto ofegante de Juliet. Demorou-se em cada um dos seios, em beijos, roçar de dentes e lambidas sensuais, enquanto Juliet retorcia-se, gemidos ansiosos escapulindo de seus lábios, os quadris mexendo-se sem controle, a virilidade de Tristan comprimindo-se contra ela com ferocidade.

Tão linda, disse Tristan a si mesmo, os seios mais maravilhosos que já vi ou toquei, admitiu, sentindo o corpo quente como nunca sentira, a sensação de ser o primeiro a roçar a boca naquele campo virgem o deixando eufórico e envaidecido como jamais poderia supor, numa demonstração primitiva e quase vergonhosa de machismo, de domínio e posse. Ansiava penetrá-la, marcar seu território, fincar-se nela como um pioneiro desbravador, fazê-la render-se totalmente, como terras selvagens aguardando um dono, prestes a entregar tudo, solo e riquezas, corpo e alma.

Enquanto suspiravam nos braços um do outro, e Tristan, com dedos trêmulos, ainda lutava contra os inúmeros botões da camisola de Juliet, uma batida na porta os assustou.

— Juliet, está tudo bem? Parece-me que ouvi uns barulhos estranhos... — a voz da senhora Ellen se fez ouvir.

Quando a porta que Juliet esquecera-se de trancar por causa do ardor da paixão ao qual sucumbia, abriu-se subitamente, Tristan só teve tempo para puxar o lençol sobre eles, com tanta força e rapidez que os dois rolaram um sobre o outro, indo parar embolados no chão, com estardalhaço, ao lado da cama.

Uma senhora Ellen incrédula os fitava de olhos arregalados. Juliet levantou do chão em um salto, ajeitando a camisola atabalhoadamente, os cabelos alvoroçados e o rosto muito rosado, esticando a mão que ostentava o anel de diamante e rubis:

— Olha, senhora Ellen, fiquei noiva!

Tristan levantou-se também com rapidez, enrolado no lençol como um imperador romano, tentando manter a dignidade e forçando-se a sustentar o olhar sério ante o assombro da guardiã de Juliet.

\*\*\*\*\*

Tristan bocejou, com enfado evidente. Há quanto tempo ele e Juliet estavam sentados na beira da cama, ouvindo o sermão da senhora Ellen? Mais uma vez, depois de repetir dezenas de vezes a mesma frase, ele bufou:

— Pelo amor de Deus, já disse mil vezes que não consumamos o ato!

Ele ainda estava nu, com um travesseiro estrategicamente pousado em seu colo, o lençol escorregando pelo ombro, o ar de tédio fazendo lembrar a figura de um jovem deus grego retratado por um renascentista.

— Eu não sei o que fazer! Não sei mesmo! Acabaram de se conhecer, e... se eu obrigá-los a se casar por causa desse deslize, em tão pouco tempo juntos, seus pais me esganam, Juliet! Ah, certamente me esganam... sua filha caçula... ai... sua menininha... e depois, nunca mais quererão olhar-me à cara novamente.

A senhora Ellen continuou a ignorar as tentativas de defesa dos jovens, andando de lá para cá no quarto, como um bicho feroz enjaulado em exíguo espaço.

— A senhora está certa, muito certa. — replicou Juliet, sentindo-se já um pouco sonolenta.

Como a senhora não parasse de reclamar, Tristan elevou sua voz, esperando que dessa vez ela o ouvisse:

— Eu juro que não deflorei Juliet!

— Ah, mas queria fazê-lo! — a senhora dessa vez voltou sua atenção a eles.

— Sim, é verdade. — respondeu, com naturalidade — Mas vamos casar, e farei isso mais cedo ou mais tarde.

— Senhor Smith, estou muito decepcionada! Já haviam dito pra mim que era um libertino, mas não quis acreditar que envolveria Juliet na sua imoralidade!

Tristan arqueou as sobrancelhas:

— Sou tão libertino e imoral que até pedi Juliet em casamento!

— Não deveria ter ofertado um anel de noivado a Juliet sem minha autorização primeiro! Muito menos invadir o quarto de uma senhorita no meio da noite para seduzi-la. Seu comportamento é imperdoável, rapaz...

— Senhora Ellen, em defesa de Tristan, devo lembrar-lhe que ele não faria nada sozinho... — replicou Juliet, tendo sua mão envolvida pela mão do noivo.

— Juliet — ele pediu num murmúrio — não piore tudo, senão ficaremos aqui para sempre...

— Oh, Juliet, se teus pais ouvissem isso! Vocês são dois jovens muito assanhados, e precisarão ser vigiados bem de perto de agora em diante! — ela grunhiu.

Eles assentiram, dispostos a concordarem com tudo, apenas para se livrarem daquela interminável ladainha.

— Na verdade, penso até que Juliet e eu deveríamos partir de Londres imediatamente e encerrarmos essa história! Não estou certa se poderei dar conta de vocês... — a mulher estava visivelmente abalada.

Tristan jamais aceitaria isto. Pôs a mão no peito, solenemente.

— Senhora Ellen, se meu noivado com Juliet depender disso, então estarei disposto a jurar que não mais passarei dos limites com ela. — Tristan respondeu apressadamente, preocupado, tentando levantar-se, porém desajeitado demais com a toga improvisada. Desejou imediatamente ter mordido a língua por se dispor a fazer uma promessa que simplesmente não sabia se poderia cumprir. Felizmente ela exigiu algo mais concreto:

— Jure que não entrará mais pela sacada de Juliet durante a noite, senhor Smith!

— Eu juro! — respondeu prontamente, pensando qual caminho usaria para chegar até Juliet novamente, nas próximas noites, mesmo que fosse apenas para ficarem de mãos dadas, conversando sobre Homero e sua Odisseia até o amanhecer.

— E que se comportará! — a senhora Ellen o fitava de sobrancelhas erguidas.

— Me comportarei.

“Isso mesmo, jure coisas que não poderá cumprir, seu idiota!” — pensou Tristan, exalando um suspiro, derrotado.

— Por favor, vista-se, meu rapaz. Vá para casa, reflita sobre essa noite e muna-se de juízo. — a senhora Ellen também parecia estar ficando cansada.

Tristan levantou-se, o travesseiro caiu junto com o lençol e ele mal conseguiu cobrir-se. A senhora Ellen imediatamente virou-se de costas, constrangida e ruborizada:

— Por Deus! Essa é a situação mais absurda com que me deparei...

— Vai contar para meus pais? — indagou Juliet, que havia se postado ao lado dela, os olhos castanhos muito preocupados.

— Ah, minha querida... Não sei... — acariciou seu rosto.

— Estamos apaixonados, senhora. — murmurou Tristan, já parcialmente vestido — Por favor, perdoe nosso deslize... Creia, vou casar com Juliet!

Ela voltou-se para encará-lo, e viu sinceridade nos olhos claros. Suspirou, e moveu lentamente a cabeça:

— Está bem. Vou levar em conta a paixão e a emoção pelo noivado, e não direi nada aos Fiennes, mas vocês também devem colaborar conduzindo-se de forma adequada daqui pra frente!

Eles concordaram com a cabeça, animadamente. Mas não fizeram nenhuma promessa.

\*\*\*\*\*

Na manhã seguinte, apesar de ter dormido mal depois da reprimenda não sem razão da senhora Ellen, Juliet estava feliz, admirando seu anel. Arthur entrou com um buquê de gardêneas no braço, e entregou a ela. Juliet sorriu, lendo o cartão de Tristan, escrito com letra bonita e palavras carinhosas. Suspirou. Agora sim as coisas entravam nos eixos, ela estava noiva, ia conhecer a futura sogra no chá da tarde, e no fim do mês, quando o almirante voltasse de viagem para Southsea, o noivado seria oficialmente anunciado. Estava um tanto aliviada, pois sua mente trabalhara contra ela a maior parte do tempo desde que conhecera o senhor Smith. Apaixonara-se quase de imediato, e o fato do objeto de seu afeto ser um cafajeste redimido não ajudava. E os comentários a volta, sobre a inconstância de Tristan com as mulheres, e as histórias picantes e absurdas ligadas a ele, mesmo que Juliet tivesse se esforçado para não escutar, minavam um bocado sua segurança. Ouvir advertência sobre sua reputação até da boca do maior hedonista de Londres, o marquês de Brighton, era mesmo para derrubar o ânimo de qualquer moça.

Logo Arthur entrou novamente, dessa vez com um buquê delicado de flores do campo. Sorriu, julgando que Tristan estava exagerando, mas surpreendeu-se ao ver que o cartão era do marquês: “Cara Juliet, espero que esse presente seja adequado. Não aceito devoluções. Sempre seu amigo, Robert.”

Arqueou as sobrancelhas vendo o cartão assinado apenas com o primeiro nome, como se fossem muito íntimos. Juliet deu uma risada, achando mais sensato jogar o cartão no fogo da lareira. Descarado e manipulador, esse marquês, ela pensou, enquanto colocava os dois buquês em belas jarras sobre a mesinha de encostar, perto da janela, achando tudo a sua volta muito mais divertido e bonito nessa manhã. Seus pensamentos voltaram-se para Tristan ao admirar as gardêneas, e começou a pensar qual traje seria mais adequado ao chá, e qual impressionaria mais seu noivo quando fossem ao sarau na casa dos tios de Jake Rae ao fim do dia. Outros buquês chegavam, provenientes de admiradores conquistados no Almack, mas a jovem nem deu-se trabalho de lê-los. Só a admiração de seu noivo importava.

\*\*\*\*\*

Tristan jamais poderia imaginar que o simples ato de poder envolver a cintura de Juliet em público, sem que estivessem dançando, ou repousar o queixo no alto da cabeça dela enquanto conversavam com amigos fosse tão agradável. E até um pouco inebriante. Aspirou o aroma floral de sua noiva, sem inibições, fazendo-a encolher-se meigamente e sorrir-lhe. Ninguém agora os olhava com desconfiança ou reprovação. Tudo mudara da noite para o dia... Rememorou todos os fatos daquela manhã, desde que mandara a carta à residência de sua mãe, avisando que pedira autorização para cortejar a senhorita Juliet Fiennes, e que ficaria noivo oficialmente em até dois meses no máximo, da sobrinha-neta do lorde Charles de Greenville. Lady Clarissa Smith saíra para o encontro matinal com suas amigas da alta sociedade munida da feliz notícia enviada por seu filho, espalhando a novidade. Maior comoção aconteceu quando nora e sogra se conheceram no chá da tarde, acompanhadas pela senhora Ellen e Tristan, na confeitaria preferida da lady, próxima ao St James Palace, com várias senhoras da nobreza sentadas estrategicamente em volta, participando discreta e indiretamente da conversa. Tristan já imaginara que isso aconteceria, e avisara a Juliet, que provavelmente sua mãe orgulhosamente comunicaria suas amigas sobre o encontro. Por essa razão havia uma grande plateia em torno deles, atentas aos gestos entre noivo, noiva e futura sogra. Felizmente a empatia entre as mulheres foi instantânea, e pouco depois lady Clarissa apresentava Juliet alegremente a todas as suas amigas presentes, dizendo que ganhara uma filha. Imediatamente o modo como todas as damas olhavam para Tristan modificou-se. Foi alçado a rapaz respeitável, adorável, gentil, distinto, e todos os adjetivos que as mulheres podiam conceber, e felicitado efusivamente por todas as senhoras. Uma ponta de dor de cabeça instalou-se quando pensou o que a família de Juliet poderia achar dessa apresentação tão ostensiva dos noivos, sem que a autorização oficial para a união fosse dada pelo almirante Vincent. Tudo à revelia do lorde Charles, que as revistas de fofocas e as colunas sociais dos jornais não deixariam passar em branco, sendo o noivo um conhecido milionário, e provável herdeiro de um baronato. A senhora Ellen pareceu ler seus pensamentos e deu-lhe um tapinha amistoso na mão:

— Cumpra a sua parte sendo um rapaz respeitador, e eu resolverei a questão da aliança com os Fiennes. Desde que o senhor mostrou-se interessado em Juliet, tenho relatado à mãe dela seus encontros. Não estão às escuras em relação a você, não se inquiete. De

qualquer modo, depois do que eu presenciei, é necessário que se casem. Aproveitem o tempo que tem para se conhecerem melhor. — segredou-lhe.

Tristan assentiu, aliviado. Por mais aborrecida que a senhora Ellen tivesse ficado na madrugada passada, ainda continuava sendo uma aliada de suma importância.

Voltando ao momento presente, Tristan procurou prestar mais atenção às palavras de Jake, que estava agora diante dele e Juliet:

— Eu perguntei-lhe, Tristan, se não teme que a qualquer momento surjam atrás de você o almirante e seus filhos, qual é mesmo a patente dos rapazes? — voltou-se ligeiramente a Juliet.

— Um é tenente e o outro, major. — ela sorriu.

— Que maravilha! Então, não teme que surjam o almirante, o tenente e o major, munidos de sabres e pistolas, pra tomar satisfação pelo seu atrevimento de colocar um anel de compromisso no dedo da senhorita Juliet sem pedir permissão à família dela primeiro?

Tristan riu, apertando delicadamente a cintura da sua noiva, sedutora no vestido de cetim florido, as mãos sem luvas exibindo o grande anel:

— Confesso que a possibilidade me faz estremecer, mas já que a senhora Ellen é responsável por Juliet e nos deu permissão...

— Certo, certo. Mas agora deixe que sua noiva assente-se com as outras damas e vamos procurar algo para beber. Nos dá licença um pouco, senhorita? — indagou Jake.

— Sem problemas. — ela sorriu, quando Tristan beijou-lhe a testa e deslizou sensualmente os dedos em suas costas.

Então subitamente ele voltou, e a olhou mais uma vez, demorando-se no decote. Os mamilos de Juliet não se deixavam dominar por aquele tecido mais fino e se destacavam quase agressivamente, pontudos. Ele percebeu, deliciado.

— Está com frio, meu bem? — cochichou ao ouvido dela, provocante. Talvez seja melhor eu pegar seu xale...

— Não se preocupe. — Juliet cruzou os braços sobre os seios, acompanhando seu olhar — Sabe que é você que causa essa reação.

— Eles se exibem pra mim, como me convidando, e não posso sequer tocá-los! É injusto...

Juliet ruborizou, baixando os olhos:

— Pare de me embaraçar desse modo e vá logo com Jake!

— Guarde um lugar para mim ao seu lado. Trarei um ponche para você. — beijou-lhe dessa vez nos lábios, rapidamente, e afastou-se ainda olhando para trás, sorrindo maliciosamente, como se lhe custasse deixá-la mesmo que fosse por alguns minutos.

Juliet sorriu para si mesma. Sim, seu corpo reagia a Tristan de um modo vergonhoso...

O sarau na mansão do duque, tio de Jake, não era para muitos convidados, mas lá estavam algumas das personalidades mais ricas e influentes de Londres. Logo, não se surpreendeu quando o marquês de Brighton se aproximou, acompanhado de um amigo tão bonito, elegante e atlético quanto ele. Ela ainda tinha o rosto ligeiramente ruborizado pelos comentários de Tristan, e desejou muito que a dupla não notasse nada. Empertigou-se, tentando parecer séria. Eles vinham sorrindo, e Juliet relaxou.

— Senhorita Fiennes! Que prazer encontrá-la!

— Vossa graça. — ela inclinou-se numa medida suave. Em seguida não resistiu e aproximou-se dele, mostrando-lhe a mão com o anel de noivado — Tenho uma novidade!

O marquês ampliou o sorriso ao ver o brilho de felicidade no rosto da jovem.

— Ah, Tristan se mostrou o cavalheiro inteligente que achei que fosse! — beijou-lhe a mão, com carinho, e a reteve. — Estou com inveja! Este anel poderia ter sido dado por mim, se a tivesse visto primeiro!

Juliet deu uma risada, puxando a mão:

— Não se emenda, marquês!

— Sempre dançaremos essa valsa, senhorita, não se iluda.

— O marquês é que me ilude com promessas vãs. Não creio que dance muito tempo com a mesma mulher, caro senhor. — respondeu, inclinando-se ligeiramente para frente, e fazendo os olhos dele brilharem, deleitados.

— Mas abriria uma exceção no seu caso, prazerosamente. — pronunciou lentamente a última palavra, fazendo-a arquear as sobrancelhas e segurar uma gargalhada, levando a mão à boca.

— Isso! Comprometa-me diante da sociedade, e do meu noivo, marquês!

— Sempre às ordens!

— Já lhe disse alguma vez que ser dissoluto não é uma qualidade louvável?

— Ah, adoro quando me adula tão docemente... — curvou-se em agradecimento.



Ele piscou-lhe, então voltou-se ao homem que estava ao lado deles, ouvindo a conversa, com expressão risonha.

— Quero apresentar-lhe um amigo. Este é lorde Timothy Flanagan, visconde de Alvoy. Esta senhorita é Juliet Fiennes, noiva de Tristan Smith.

— Milorde. — inclinou a cabeça, baixando os olhos no cumprimento usual.

— Senhorita. Estou de fato encantado em conhecê-la.

O homem não disfarçou o sorriso sensual com que a avaliava. Era natural nele, pensou Juliet, assim como a forte masculinidade que emanava e devia atrair mulheres como mariposas para postes de luz. Reconheceu de imediato mais um mulherengo londrino. Este lorde devia estar junto com o marquês encabeçando a lista dos mais eficientes devassos do reino Unido. Apesar disso, não conseguiu antipatizar com ele. Os cafajestes eram mesmo sempre os sujeitos mais simpáticos! Ela devia sofrer de algum sério desvio moral, pensou, achando graça, pois sempre divertia-se quando algum deles estava por perto: Jake, o marquês Robert, lorde Grayson... E acima de todos: Tristan!

A senhora Ellen, que agora não afastava os olhos de Juliet por mais de cinco minutos, aproximou-se logo que avistou os dois lordes perto da moça. Estava firme no propósito de evitar que qualquer descuido seu provocasse um desastre, depois do que quase acontecera no quarto da mocinha noite passada.

— Boa noite, senhores — passou o braço por baixo do de Juliet, enquanto sustentava ativamente o olhar analítico e aprovador dos dois homens.

— Boa noite! — responderam a uma só voz, admirando a viúva.

— Perdoem-me, mas a senhorita Juliet está sendo requisitada pelo nosso anfitrião. Com licença. — disse, com frieza.

— Tem toda. — responderam juntos, mais uma vez, estampando sorrisos cativantes.

Ela não se deixou levar pelos sorrisos encantadores, e nem sorriu em resposta. Sua desaprovação a eles era clara.

Juliet meneou a cabeça em direção aos nobres, e afastou-se de braços dados com a dama:

— Desculpem-me, senhores! — deu-lhes um sorriso jovial e espontâneo, recebendo um cumprimento gentil em resposta.

## CAPÍTULO VI

Juliet estava nas nuvens. Tivera permissão para passear a tarde com Tristan, sozinha, no novo faetonte que o noivo comprara e quisera imediatamente mostrar-lhe: preto com rodas e base claras, confortável e para deleite da dama de companhia da senhorita Fiennes, com ampla visão de quem estava dentro dele. A senhora Ellen, ansiosa por um chá com sir Edward, deixou-se levar mais uma vez pela fala mansa e gentil de Tristan, com a garantia de que se comportariam decentemente. Juliet sentiu-se vencendo uma batalha. Depois de muitos dias — e muitas noites, óbvio — de constante vigilância, ficar absolutamente a sós com o amado era um grande alívio. E pareceu muito natural a eles que ao invés de ficarem rodando por Kensington Gardens, como o combinado com a senhora Ellen, acabassem indo parar na mansão luxuosamente decorada do jovem Smith, em Mayfair, a mansão W, como alguns chamavam já a algumas gerações. Tristan achava graça no jeito misterioso que soava, esclarecendo que na verdade a casa só indicava mesmo os sobrenomes dos donos: Wagner Smith, mas com o tempo as pessoas foram cortando palavras e letras, até a Wagner Smith House se resumir ao simples “W House”.

Havia evidentemente uma boa pitada feminina da mãe do rapaz no ambiente, que lhe dava um ar mais familiar, mas a presença máscula do dono da casa também se fazia sentir na madeira escura, nas cortinas austeras, nos belos quadros de cavalos, animais que ele adorava montar e assistir correr em campeonatos, em pinturas tão vívidas e bem retratadas que pareciam em movimento. E no agradável aroma que emanava de cada cômodo meticulosamente organizado e limpo pelos criados. Em todo canto da residência havia a marca de Tristan, de forma vibrante e quase embriagadora, e conhecer o santuário do homem a quem amava era impressionante para Juliet.

O dono do casa abriu uma porta de carvalho muito rústica, no fim de um corredor, e de imediato um latido os saudou. Tristan e Juliet abaixaram-se ao mesmo tempo para acarinhar o cachorro frenético aos seus pés.

— E esse é o Bóris, de quem tanto ouvi falar. — ela sorriu, diante da eletricidade da bola preta e peluda, que corria e abanava o rabo desvairadamente.

— Sim, esse é o Bóris, que invadiu minha tabacaria da Bond Street e acabei sendo obrigado a adotar. Mas tem sido um bom companheiro desde que chegou, há alguns meses.

— Excetuando-se o fato de ter o mau hábito de roer os tapetes...

— Ah, fora isso ... Mas tem aprendido a se comportar, heim, amigo?

O cachorrinho logo sumiu para o jardim novamente, atrás de borboletas, e Tristan tornou a fechar a porta. Seguiu mostrando a casa à sua noiva.

— Vivo aqui sozinho desde que fiz 21, há cinco anos, e minha mãe resolveu procurar um lugar sem a lembrança do falecido marido. Fui moldando a casa ao meu jeito a partir de então. — explicou ele, enquanto lhe mostrava seu lar — E esta é a parte da casa que com certeza você gostará mais, e da qual mais me orgulho.

Tristan pôs a mão na maçaneta, e Juliet por um segundo imaginou que ele falasse de seu quarto, mas quando a porta abriu-se para uma enorme e bem arrumada biblioteca, e o cheiro dos livros a atingiu, a moça ficou sem fôlego.

— Magnífica, Tristan!

— Às suas ordens, minha noivinha...

Juliet parou, embevecida, diante das prateleiras de mogno que iam até o teto, uma escada deslizante permitia que alcançasse os livros guardados no alto.

Tristan dirigiu-se para uma mesinha com várias garrafas e taças, serviu-se de um copo de uísque e encheu um cálice de xerez para Juliet.

— Escolha algo e fique ao meu lado. — pediu, ao entregar-lhe o vinho, que ela pôs sobre a escrivaninha. Tristan aproveitou para roubar-lhe um beijo, puxando-a de encontro ao seu corpo.

Juliet pôs as mãos no peito do noivo, tentando contê-lo:

— Comporte-se.

— Tentarei... — respondeu, sorrindo, soltando-a a contragosto e contemplando-a com cuidado. O vestido de cor creme, vaporoso, fazia Juliet parecer uma ninfa, adorável e pura. Estava tão orgulhoso de tê-la como noiva, tão satisfeito de ter sido aceito como seu par, que as vezes duvidava de sua sorte. Afinal, nos últimos dias vira o efeito que ela causava nos homens, o olhar de admiração discreta no sarau do duque, a reação à sua presença nos bailes, e a acintosa galanteria dos jovens solteiros na ópera da noite anterior, em que a moça se apresentara com um estupendo vestido de peitilho vermelho e saia furta-cor, toda bordada em pedraria rubras. Tristan tremeu com a visão e agradeceu o fato de estarem acompanhados de lady Clarissa e a senhora Ellen, pois do contrário não poderia manter a palavra de manter a moça intacta. Quanto aos cavalheiros mais impertinentes, assumira uma postura rígida e agressiva para afastá-los, surpreso com o atrevimento que alguns demonstravam, mesmo com ele presente, e com Juliet ostentando um vistoso anel de compromisso. De fato já suspeitava que um pretendente de peso estimulava a cobiça

alheia. Porém ela mal olhava aos outros homens, mesmo os mais elegantes e prósperos, e isso fazia inflar o ego de Tristan ainda mais, assim como o deixava a cada dia mais apaixonado, e consequentemente sequioso por beijos intensos e carícias íntimas. Manter as mãos quietas era um suplício...

E agora, contrastando com a luxúria evocada na ópera, ela estava ali, virginalmente trajada. Tentadora das duas formas, mas dessa vez, acessível, pensou ele, embora houvesse se comprometido a manter um comportamento decente. Tristan sentou-se em uma das confortáveis poltronas negras que completavam o ambiente acolhedor, próximas a lareira crepitante, tentando desviar os pensamentos impuros que se formavam com insistência em sua mente. O calor que sentia o fez tirar a casaca e afrouxar a gravata.

Pegou um jornal e o folheou quase distraído, a presença de Juliet, sozinha no recinto com ele, queimando-lhe as entranhas. Pousou os olhos na figura de costas para ele, as ancas movendo-se sinuosas de lá para cá, enquanto lia os títulos e separava volumes. Tristan remexeu-se na poltrona até não poder mais conter-se. Levantou-se e ficou atrás dela, envolvendo-lhe a cintura.

— Precisa de ajuda? — a voz saiu quase rouca.

Juliet sobressaltou-se com o abraço. Não respondeu.

— Sabia que procuraria esses primeiro. — comentou ele, vendo os livros de Shakespeare empilhados — Escolha um e venha cá.

Juliet pegou um exemplar de Romeu e Julieta, encadernado luxuosamente, com letras brilhantes em auto relevo na capa.

— No meu colo. Vamos ler juntos. — disse Tristan, pondo-a junto a ele. Juliet aconchegou-se, e ele abriu o livro.

No entanto, quando liam a parte em que o casal de protagonistas se conhece, no baile de máscaras, Juliet fechou o livro de súbito, escondendo o rosto no pescoço de seu noivo.

— O que foi, meu amor? Sente-se mal? — ele perguntou, assustado.

— Não. Não quero mais ler, Tristan!

— Está bem, então não leia. — acariciou seus cabelos — O que houve?

— É tão triste, e tão assustador... Veja, ela tem o mesmo nome que eu, se apaixonou também por um rapaz em um baile...

— Prometa que não vá tomar nenhuma poção estranha como a que Julieta tomou, que nada de ruim acontecerá! — brincou ele.

— É sério, Tristan, tenho medo! Não vê o quanto o amor deles também era perfeito, tudo estava maravilhoso e de repente virou de ponta a cabeça e uma coisa horrível aconteceu? — encarou-o com olhos grandes e tristes.

— Meu bem, é um livro, só uma história...

— Aí está o pior... Se uma história, que pode tripudiar da realidade o quanto quiser, e que deveria ter a obrigação de nos brindar com um final feliz, não o faz, por que a realidade se mostraria melhor?

— Juro que não tomarei nenhum veneno e nem me esfaquearei se seu pai não gostar de mim. — respondeu Tristan.

— Não me leva a sério... Tenho medo porque tudo entre nós é tão perfeito e maravilhoso, e estou tão feliz com você, que isso me apavora. Não se vê uniões como a nossa facilmente. As pessoas se unem por interesse, por questões financeiras ou acordos familiares. Quando há um grande amor, vem atrelado muitas vezes à tragédia... Vi acontecer com a senhora Ellen. Ela era feliz com o marido, até que um belo dia ele sofreu um horrível acidente de carruagem e tudo acabou!

— Juliet! Não pense mais nessas coisas! Disse para mim uma vez que seus pais são apaixonados, e casaram-se por amor. Estão juntos até hoje, não estão? — puxou-a para que o encarasse.

Ela assentiu. Tinha lágrimas nos olhos.

— Então, quer melhor exemplo do que este, tão próximo de você? — ele sorriu, vendo que ela se acalmava.

— Jura que não me deixará?

— Juro.

— Jura que não me trocará por outra?

Ele não pôde conter uma risada:

— Juro. Jure também, mocinha!

— Juro que não vou trocá-lo por outro. — ela sorriu.

Tristan pôs o exemplar de Romeu e Julieta de lado.

— Venha, Juliet, escolha outro livro. — levantaram-se e foram até a pilha de livros que a jovem havia separado — Este aqui, sim!

Mostrou-lhe um volume de “Noite de Reis”.

— Este é o ideal para lermos, minha noivinha. É divertido, romântico, instigante.

Juliet tentou pegar o livro das mãos dele, mas Tristan o reteve, puxando-a até que se encostassem um no outro.

— Dê-me um beijo em troca que eu lhe entrego. Junto com o livro, posso dar um jeito de acabar com seus temores, minha querida... — sussurrou, os olhos transparecendo desejo.

Juliet ergueu-se na ponta dos pés, lentamente, o coração disparando, antecipando o que viria. Sabia do perigo de entrar no território do lobo, e aceitara o risco, porque na verdade era uma coisa que desejara, mas agora temia as consequências:

— Tristan... — murmurou, cativa nos olhos cinza dele, onde haviam promessas de prazeres indescritíveis. Como resistir?

Ele calou-lhe com o beijo, íntimo e devassante. Juliet viu-se logo encostada na escrivaninha, tendo os quadris apertados contra os do noivo. Como sentira falta daqueles momentos íntimos... As mãos de Tristan ergueram-lhe e a puseram sentada sobre a madeira de lei, sem que seus lábios se afastassem.

— Não... — ela pediu, quando as mãos deslizaram para suas pernas, e ela pressentiu o que ele faria.

— Shhh...Tenha calma ... — sussurrou ao seu ouvido.

Juliet não conseguiu afastá-lo, e rendeu-se quando os beijos no pescoço a deixaram quase febril. Cravou as unhas nas costas de Tristan, desejando arrancar-lhe a camisa, coisa que fez em seguida, ajudada por ele, que lançou longe também sua gravata.

Em seguida, de dorso nu, Tristan voltou sua atenção à Juliet. As várias camadas de crepe foram subindo uma a uma, com rapidez impressionante e um tanto alucinada, até as coxas da jovem ficarem expostas, as peças íntimas visíveis. Ele a puxou até que ela ficasse na ponta da escrivaninha, e colou-se ao corpo da noiva, enlouquecendo-a com movimentos ora gentis, ora violentos.

— Diga sim, Juliet...

— Sim...

Juliet gemeu, e Tristan gemeu junto, puxando as mangas de seu vestido, agitadamente, desfazendo laçarotes de cetim, encontrando um corselete que o encantou, pois abria na frente:

— Por Deus... É perfeito! — abriu os fechos tão rápido, que Juliet não teve tempo de impedi-lo.

Ah, estava perdida, de fato! — ela ofegou, quando a boca de Tristan desceu ávida sobre um mamilo, mordiscando e sugando forte, o outro sendo acariciado intensivamente, depois ele inverteu as carícias, circulou o outro mamilo com a língua bem devagar, com uma premeditada e torturante lentidão, e em seguida o abocanhou.

Juliet foi nas alturas, gritando o nome de Tristan, puxando o rosto do noivo como se ele pudesse enterrar-se em seu peito ainda mais do que já estava. Todas as recomendações da mãe, as promessas feitas à senhora Ellen, os receios e advertências, tudo caiu por terra diante da força incontrollável do desejo e da paixão que sentia naquele instante.

Os quadris haviam enlouquecido, os dela e o dele junto, a barra de aço em que havia se convertido o sexo de Tristan quase rompendo as calças. Juliet não tinha mais controle algum sobre o próprio corpo, tremia e sentia-se quente e úmida em lugares indizíveis!

— Ah, deliciosa, Juliet... deliciosa... Entregue-se para mim, entregue-se...

Ela gemeu alto quando a mão dele a tocou bem embaixo, onde parecia ferver. Retesou-se num movimento involuntário.

— Minha Nossa, está pronta! — ele gemeu também quando seus dedos escorregaram sem esforço dentro dela, e estimulou-a ainda mais, desejando continuar a ouvir seus gemidos delirantes, seus gritinhos atordoados e atordoantes. Ela tremeu forte quando não aguentou mais os movimentos que ele fazia, rendendo-se num espasmo incontrollável e libertador. Ele sorriu, beijando-a mais e mais — Vamos para meu quarto, vamos agora, meu amor.

Tristan tentou puxá-la da mesa, encontrando resistência. Encarou-a surpreso, a dúvida estampada nos olhos brilhantes:

— Não quer?

Juliet pensou que se saíssem dali, perderia a coragem. Envolveu-o com as pernas, prendendo-o:

— Não importa aonde seja, contanto que seja com você. Vamos fazer tudo que desejar, aqui e agora.

Tristan estava tão excitado que não se deu ao trabalho de questionar. Sua única dúvida era se conseguiria ser gentil como deveria, pois sua lascívia era tão grande que desejava afundar-se nela de uma vez só, ouvi-la gritar e ele mesmo uivar como um lobo quando enfim alcançasse o clímax.

— O que você quiser, Juliet ... — beijou-a mais uma vez, libertando-a das calças rendadas. Não desperdiçou a oportunidade quando a viu sem nada por baixo, e ajoelhou-se entre as pernas bem torneadas. Admirou os delicados cachinhos que marcavam a porta de entrada onde estava o tesouro que ele tanto ansiava possuir, e sua língua tocou a passagem, aprofundando-se o quanto pode, enquanto Juliet lhe arranhava os ombros com tanta força que ele estava certo de que iriam arder intensamente depois, mas no momento pouco importava, a não ser provar aquele doce mel. Suspirou profundamente enquanto se erguia, encarando-a apaixonadamente ante a iminente conclusão que viria a seguir. Juliet seria sua, completamente sua naquele momento... Tristan sentiu-se trêmulo e emocionado, como nunca lhe havia acontecido antes de fazer amor. E era maravilhoso!

Estava prestes a despojar-se de suas calças e enveredar-se naquelas profundezas quando bateram na porta.

Os dois olharam em direção à entrada, espantados. Em segundos Juliet fechava o corpete, e recolocava as mangas do vestido no lugar.

— Não, não! — ele tentou impedi-la de se vestir, meio desesperado.

Ela desceu da mesa, repôs a peça íntima, ignorando os apelos dele, os olhos grudados na porta que poderia abrir-se a qualquer momento. Flagrados novamente, em situação comprometedor, seria demais!

— Maldição! Alguém vai pagar caro por isso! — ele rosnou, caminhando a passos largos até a porta, e abrindo-a, furioso, para dar de cara com seu mordomo, que parecia inocentemente surpreso com o olhar raivoso que recebeu.

— O que é? — vociferou Tristan.

— Senhor, há um cavalheiro na sala de visitas. Deseja lhe falar. — estendeu a bandeja com o cartão de lorde Grayson Shakman.

Tristan pegou o cartão e caminhou até onde estava Juliet, perto de uma janela.

— É Grayson. Deve estar querendo saber o horário que iremos cavalgar amanhã. Que tal eu mandá-lo pro inferno e eu e você nos enfiarmos em meu quarto até amanhã de tarde? Esqueçamos compromissos, corridas, jogos, qualquer coisa! Quando sairmos daqui amanhã, ninguém ou nada poderá nos impedir de ficarmos juntos pra sempre. Casaremos logo e seremos felizes para sempre, como se vê nas histórias que tanto gosta! — tomou-lhe a mão — Basta dizer sim.



Ela o olhou com ternura, acarinhando seu rosto. Tristan percebeu que perdera mais uma chance. A frustração era tão intensa que fazia seu corpo doer, seu sexo mais ainda. Abaixou os olhos com tristeza, sem querer mais encarar a noiva.

— Venha. Vou levá-la para casa. — falou, com tom de voz frio e olhos cor de chumbo.

Juliet percebeu a raiva e a frustração.

— Tristan, está com raiva porque não fomos até o fim? — ela pegou seu rosto, forçou-o a encará-la — Somos só isso?

— Não! — ele manteve seu olhar firme. Seus olhos suavizaram, prateando. Enlaçou sua cintura, suspirando alto. — Não. Eu a amo. Sabe disso.

— Então não fale comigo tão friamente. Me faz mal. Eu o amo, e sofro se me trata com desprezo!

— Perdoe-me, não foi minha intenção. — beijou-a, pondo a camisa de volta — Espere um pouco aqui, vou avisar a Grayson a hora que correremos amanhã de manhã e já volto. Será melhor que ele não a veja, para evitarmos mais mexericos. Está bem?

— Sim. — esforçou-se para tirar os olhos do peito másculo que ia sumindo sob a camisa de linho, enquanto Tristan fechava os botões — Vocês sempre correm juntos?

— De vez em quando. Apostamos, e o grupo tem crescido. O vencedor ganha uma bolada em dinheiro. Posso ficar um pouco mais rico nesse sábado! — sorriu, vendo o olhar desejoso dela acompanhar o abotoamento da sua roupa — Volto já.

Ela sorriu de volta, e aguardou por ele, que voltou poucos minutos depois, e partiram no faetonte até a casa de Juliet.

Algum tempo depois Juliet se arrependeria amargamente de ter deixado W House aquela tarde. Era uma pena que o tempo não pudesse retroceder como os ponteiros de um relógio, pensaria depois.

\*\*\*\*\*

— Tem certeza que prefere o recital dos Bennett ao jantar na casa da viscondessa Domenica? —Tristan provocou Juliet, andando a sua volta, analisando cada detalhe de sua elegante e delicada vestimenta, seda verde clara no peito, seda verde escura da cintura para baixo, toda bordada com tramas minúsculas, que formavam um mosaico primoroso.

— Certamente! Quando conheci aquela mulher horrível ela olhou a você e Jake como se fossem Calígula e o marquês de Sade, e a mim como se fosse Messalina!

— Mas agora a viscondessa deseja redimir-se, convidando-nos a casa dela... Nos tornamos respeitáveis depois que noivamos. Ah, vamos, será divertido sermos apontados como dois degenerados que se curaram da sede de prazer carnal! — ele mordiscou-lhe um ombro, que a roupa deixava parcialmente livre, fazendo Juliet esticar-se em um arrepio de prazer — É só ela não saber que não estou curado...

A jovem terminou de colocar as luvas, enquanto aguardava pela dama de companhia na sala de visitas. Olhou-o de soslaio:

— Tristan...

— Entenda, Juliet, não haverá nenhum escândalo nos Bennett. A lady provavelmente não convidou nenhum dos nossos amigos devassos e divertidos. Será um tédio! — revirou os olhos.

— Agora tenho certeza que não está falando a sério que prefere o jantar da viscondessa a um recital amigável na casa dos Bennett!

— Claro que não! — Tristan deu uma risada. — Preferiria ficar jogando xadrez em casa do que encarar aquela fofoqueira da Domenica!

Juliet bateu o leque no peito dele:

— Quase me enganou. Achei que estava endoidando.

— Sou doido por você. — inclinou-se e beijou-a ardorosamente, mantendo-a presa pela cintura.

A senhora Ellen entrou na sala e pigarreou.

— Não podem se comportar? — depois, como se não valesse a pena a repreensão, sorriu levemente — Vamos, pombinhos?

— Ah, quase ia me esquecendo.... — Tristan puxou do bolso da casaca uma caixa e entregou a Juliet.

Juliet abriu a embalagem e encantou-se com o delicado colar de esmeraldas lá dentro. O sorriso espontâneo era a maior prova de que havia gostado, e Tristan ficou feliz em ter perguntado mais cedo que cor ela usaria para a reunião, pois se tivesse comprado safiras, ela não poderia colocá-las para combinar com o traje.

— É maravilhoso, Tristan! Obrigada!

— De muito bom gosto, senhor Smith. — concordou a senhora Ellen.

— Posso? — perguntou ele, adiantando-se para Juliet e retirando-lhe a jóia das mãos.

— Por favor. — virou-se de costas para ele, deixando que lhe colocasse o presente, desejando muito um beijo na nuca, que não viria, graças ao olhar atento da senhora junto a eles.

Cada braço de Tristan foi ocupado, e os três saíram para o recital oferecido pelo casal Bennett.

\*\*\*\*\*

A senhora Alelia Bennett, era americana, o que já dizia muito de sua personalidade e seu modo de falar. Jovem e esfuziante, apresentando sua sobrinha e sua afilhada à sociedade, a jovem senhora alegremente valorizou as moças presentes, fazendo cada uma delas cantar, tocar piano ou harpa, exibindo todas, num recital que parecia um baile, surpreendentemente abarrotado e irreverente. Embora Tristan tivesse dito que não haveriam amigos devassos e divertidos, lá estavam os solteiros de sempre, incluindo Jake e vários membros da lista de indesejáveis para mães e tutoras. Alelia não se importava com a má fama, segredou a Juliet e Ellen, pois seu próprio marido, Seeley, era um calhorda da pior espécie até que ela lhe pôs uma bela coleira e uma boa dose de juízo. Depois disso afirmou que todos os homens podiam se emendar quando apaixonados, mesmo os mais promíscuos e cafajestes, e ao dizer isso em alto e bom som, de braços dados com Tim Flanagan, e Robert Barker, e lançando a cada um deles um olhar de desafio, quase fez a dama de companhia da senhorita Fiennes cair pra trás. Os dois notórios mulherengos, no entanto, deram boas gargalhadas, sem se importar com a provocação da amiga, e se portaram notavelmente bem diante das mocinhas, com respeito e sem nenhum olhar inadequado para qualquer uma delas. Era óbvio que tinham ido lá apenas por amizade ao anfitrião, parceiro de pôquer e das apostas de cavalos, e membro da Câmara dos Comuns. Se juntaram a eles, para fumar charutos, beber e falar sobre política, sir Edward, que agora já tratava a senhora Jacomini como posse, para diversão e surpresa de Tristan e Juliet, e irritação total da viúva.

— Alguns passeios, e umas noites juntos, e Edward acha que pode me considerar sua esposa! — ela bufou — Já tive um marido e foi o bastante!

— Querida, se só desejava um amante, devia ter sido mais clara! Pobre Ed! Devia ter escolhido Lorde Timothy para sua aventura, ele jamais a sufocaria com amor, só com sexo! Muito sexo! — riu Alelia, velha amiga da escola de pintura de Ellen.

— SHH! As crianças vão ouvir! — Reclamou Ellen.

— Que crianças?

Ellen apontou Tristan e Juliet, perto delas.

— Crianças? Está brincando? Juliet está perto de ser colhida, como fruta madura, e Tristan está debaixo da videira como o lobo que anseia pelas uvas daquela fábula, babando, de boca aberta! – Alelia deu uma risada — Suspeito até que já vem passando a língua nos frutos... Olha como os dois resplandecem quando se olham, estão pegando fogo!

— Ah, o primeiro amor é lindo, porém perigoso... — suspirou — E esses dois são impossíveis mesmo...

— O que esperava quando permitiu que o senhor Tristan Smith cortejasse Juliet? É o mesmo que entregá-la a Dom Juan para passear num bosque e achar que ficarão apenas de mãos dadas! Devia ter se informado primeiro antes que ele chegasse tão perto. Não se iluda, meu bem, ela será deflorada antes do casamento....

— Não se eu puder impedir! — Ellen estava escandalizada com a naturalidade com a qual a amiga falava.

— Não seja tola! Eles vão casar, certo? Deixe o casal se divertir um pouco! Que mal pode haver? Eu não casei virgem...

— Toda a Inglaterra sabe, querida.

As duas riram e calaram-se quando alguns jovens se aproximaram para conversar.

\*\*\*\*\*

— Viu, Juliet? Sou um lobo faminto e você um lindo cacho de uvas... —Tristan cochichou para a noiva. Estavam prestando atenção à conversa da senhora perto deles. Juliet deu uma risadinha.

— Que era um lobo já sei faz tempo...

— E sobre a sua amiga querer só uma aventura carnal, já sabia? —perguntou, malicioso.

— Que surpresa! Quem diria que a senhora Ellen e o sir Edward já estavam dormindo juntos... Como será que ela arranja tempo e lugar?

— Meu bem, esse homem deve estar indo dormir todas as noites em sua casa, sem que você perceba... O que me faz ter uma idéia.

— Qual? — Juliet voltou-se para ele. O vestido de seda verde de dois tons fez um movimento súbito no decote, revelando um pouco mais do que devia, e Tristan perdeu-se um instante, esquecendo as palavras.

O rapaz pigarreou, dizendo a si mesmo que hoje não se afastaria um centímetro de Juliet. O olhar profundo de lorde Tim, o sorriso sempre cínico do marquês Robert, e a expressão faminta de mais uma dúzia de rapazes em volta já o havia alertado que não era só ele que achava que sua amada estava mais excitante essa noite do que de costume. Flagrou até Jake olhando-a discretamente! Será que eles farejavam o quanto ela poderia ser ardente? Ou a sedução empregada por ele a estava desabrochando a ponto de se tornar visível a todos os olhos o que ela lhe deixava que o noivo fizesse? Segundo o comentário de Alelia Bennett, era bem óbvia a tensão sexual entre o casal, e de fato sabia que sua noiva emanava paixão por todo os poros. Surpreendeu-se ao descobrir que era muito ciumento, possessivo até.

— O que estava dizendo? — ela insistiu, os olhos castanhos intensos nem piscavam, e os lábios róseos pediam beijos sem fim. Tristan beijou-a de modo rápido, sem poder resistir. Juliet ficou com as faces cor de rosa — Estamos em público, cavalheiro.

— E daí? Sou teu noivo e posso. E digo mais, já que sua guardiã tem ocupado suas noites divertindo-se na cama, poderei entrar no seu quarto sem que ela nem lembre que nós existimos.

— Prometeu que não entraria mais pela minha janela. — ela lembrou-lhe.

— E cumprirei a palavra, mas não prometi que não iria entrar pela porta.

— Como assim?

— Que vou comprar meu bilhete de entrada para seu quarto, meu bem. Então, qual dos criados pode ser corrompido mais facilmente?

— Céus, não faço a menos idéia! Acha que com um punhado de xelins um dos meus criados lhe dará a chave de minha casa? E me entregará de bandeja a você? — sentia-se um pouco ofendida pela idéia de que seus empregados pudessem ceder em sua proteção a ela por causa de algumas moedas.

— Eu tenho certeza disso. Se os xelins não funcionarem, creia-me que as libras o farão. — os olhos cinza agora pareciam muito azuis — Vou tê-la por completo amanhã de noite — terminou de falar já meio rouco, sentindo-se endurecer entre as pernas, ante a possibilidade de finalmente poderem deitar-se juntos.

Juliet espantou-se de como um rosto praticamente angelical pudesse esconder uma alma com tantas idéias libidinosas. Não se agradava nem um pouco dos pensamentos que Tristan estava formulando, nem sobre seus criados, nem sobre ela.

— Não acredito que algum deles aceitará suborno. — retrucou.

— Subestima o valor do dinheiro.

— E você o superestima.

— Não, mas sou um homem de negócios, e bem realista. E garanto-lhe que praticamente tudo na vida tem preço.

— Até eu? — franziu as sobrancelhas.

— Não, bobinha. Mas o caminho até o seu leito sim.

— Estou um pouco desconfortável com a idéia de que um dos meus criados poderia vender-me assim... — replicou, com um traço de irritação na voz.

— Vendê-la? — Tristan franziu as sobrancelhas também.

— Foi que me pareceu, em essência, o seu plano.

O tom de voz do casal começou a subir.

— Não é o caso! Sabem que somos noivos, e que não vou estuprá-la, Juliet! Está se focando no ponto errado...

— É mesmo, senhor Smith? Pois parece estar colocando minha casa no mesmo patamar em que colocaria os prostíbulos que frequentou até hoje. Afinal pagará para fazer amor com uma mulher em sua alcova...

Tristan ficou chocado com as palavras de Juliet. Ela era a moça, sem dúvida nenhuma, mais desconcertante que já conhecera na vida! Como tinha coragem de falar aquelas coisas? Como uma donzela tinha coragem de sequer pensar tais absurdos? Sua voz saiu vacilante na hora de responder:

— Essa conversa é, sem dúvida, a mais inacreditável de todas que já tivemos!

— Nisso nós concordamos.

— Eu só pensava que poderíamos arranjar um aliado, um facilitador na sua casa...para chegar até você. — Tristan replicou.

Juliet começou a bater o pé no chão, impaciente. Como Tristan não percebia o peso de suas palavras? Juliet bufou:

— Sabe o que soa quando fala de um “facilitador” para chegar até meu quarto? Parece que não sou sua noiva e sim sua...

Ele ergueu a mão imediatamente, antes que ela terminasse a frase:

— Pelo amor de Deus, cuidado com o que pensa, Juliet! — Puxou-a para o mais distante possível das pessoas, temendo que os escutassem. Pareciam já estar chamando atenção.

— Não é o que EU penso de mim, mas sim o que VOCÊ pensa de mim! – fechou os olhos, com raiva.

— Não, senhora! Eu quero estar com você, não estou comprando um passe para o bordel da esquina! — ele estava sério agora — Disse que era minha, que me desejava, mas agora que temos uma oportunidade, ergue uma barreira, como se eu fosse um bandido por querer você!

— Ah, que ótimo, então agora eu sou a responsável por essa discussão descabida! — afastou-se, aborrecida, indo para o centro do salão, onde a festa parecia borbulhar, lamentando que a amiga Suzanne, que tinha o dom de animá-la, tivesse se ausentado da cidade com seus pais por alguns dias.

Logo alguns rapazes a cercaram, e Tristan teve que abrir caminho aos empurrões, pegando-a pelo braço e afastando-a dos admiradores inoportunos:

— Senhores, porque não vão atrás de uma moça solteira? Essa já tem noivo! — vociferou, parecendo ainda maior do que sua já exagerada estatura de um metro e noventa, e assustando os concorrentes.

— Tem dono, quer dizer? — um deles provocou, mas fugiu ao se ver frente a frente com Tristan, e notar a diferença física entre eles, bem como seu olhar perigosamente gelado.

— Algum problema? — Jake aproximou-se do casal, acotovelando-se entre os rapazes e abrindo espaço como um aríete, auxiliando Tristan a proteger Juliet, os dois corpanzéis servindo como escudo.

— Está cheio demais aqui — retrucou Tristan, mantendo Juliet, emburrada, presa a ele — E nos foi dito que seria uma reunião de pequeno porte!

— A outra opção era a casa da Viscondessa Domenica... Seeley e Alelia são muito mais divertidos, há de convir. E o recital é um sucesso, não acha? — Jake respondeu, olhando de um para o outro, sem saber exatamente o que dizer, quando chegaram a um canto menos tumultuado.

— Se fosse um recital. — respondeu Tristan, mal humorado — Mal se pôde escutar os instrumentos!

— Que tal uma bebida, Tristan? Acho que precisa relaxar...

— Não vou deixar Juliet sozinha de jeito nenhum. — resmungou, segurando-a ainda mais firme ao perceber que ela tentava fugir — Os homens parecem meio loucos aqui, nessa noite.

— Ah, ensandecidos mesmo! — replicou Juliet, olhando Tristan acusadoramente.

— Tem um garçom passando com uísque e conhaque. — Jake esticou-se para pegar dois copos.

— Eu também quero. — afirmou Juliet. Os dois rapazes a olharam, surpresos.

— Não. — respondeu Tristan, afastando o copo que Jake oferecia à moça e bebendo o líquido âmbar no lugar dela — Se quiser, espere passar um ponche ou um refresco.

— O quê? — ela pôs as mãos nos quadris, e Tristan sorriu, sorvendo mais um gole, satisfeito por irritá-la cada vez mais, um braço ainda em volta da sua cintura, apesar das tentativas dela em desvencilhar-se.

Jake coçou a cabeça loura, vendo a expressão furiosa de Juliet, e a provocação de Tristan. Bebeu seu conhaque e olhou em volta, procurando escapulir dali com uma boa desculpa. De fato parecia impossível encontrar uma moça para dançar ou apenas conversar sem precisar disputar com um monte de rapazes, e estava se sentindo um tanto preguiçoso para empenhar-se em uma conquista, porque passara a noite anterior copulando com uma dama encantadora e planejava encontrá-la novamente mais tarde para outra animada sessão, mas se a opção no momento era aturar uma briga de casal, então precisava escapar de alguma forma. Avistou o anfitrião rodeado de homens que riam e fumavam e resolveu que a conversa lá devia ser mais divertida, mesmo sem nenhuma mulher junto.

— Bem, meus amigos, a conversa com vocês está extremamente divertida, mas acho que não cumprimentei o senhor Bennett ainda. Com licença. — Jake meneou a cabeça e afastou-se rápido.

— Você vem comigo — Tristan praticamente arrastou Juliet para fora do salão, para um jardim bonito e perfumado, ocupado com alguns casais. Procurou distanciar-se um pouco dos outros, passando por canteiros pouco iluminados e arbustos sombrios, até encontrar a área mais escura possível para deter-se — Aqui parece bem adequado para conversarmos.



— Escute aqui, senhor Smith... — ela apontou um dedo para Tristan, que o segurou e beijou, deixando-a desconcertada.

— Adoro quando fica brava. — Queria um dia possuí-la quando estivesse assim, com esse brilho selvagem nos olhos. Mas, é claro, desejava possuí-la de qualquer forma, irritada ou mansa. Beijou-a na boca, empurrando a língua pelos lábios que Juliet logo fechou, fazendo birra. Ele mordeu-lhe levemente, e ela entreabriu o suficiente para que ele a invadisse e provocasse até ser correspondido. Mesmo contra a vontade, as mãos da jovem logo enterraram-se nos cabelos macios dele. Tristan podia sentir a briga interior que ela travava, e se excitou ainda mais, apertando-a contra ele, empurrando uma perna entre as coxas da noiva, fazendo-a senti-lo potente e rijo.

— Pare de resistir, Juliet, sei que quer...

— Você é um convencido! — ficou sem ar quando as mãos dele fecharam sobre seus seios, e gemeu baixinho.

— Não, não sou. Mas conheço o desejo e a paixão que nos une. Consegue negar? — mordeu-lhe a orelha.

Ela fechou os olhos. Gostaria de poder negar, de poder ser uma moça comum, casta, bem comportada e sem preocupações de que suas atitudes pudessem trazer consequências ruins. Lá estava ela, em mais uma situação comprometedoras, com seu noivo desavergonhado, apesar de todas as recomendações de dona Ellen. Suspirou, tentando em vão afastar-se e rechaçar Tristan.

— Porque está tão agressiva? Sabe que em momento algum quis te ofender — falou ele, suavemente.

Tristan pôs a mão no queixo dela, levantando-lhe o rosto. Viu a resposta nos seus olhos. Era tão límpida em suas emoções e sentimentos como um livro de fácil leitura.

— Está insegura... e com medo... — murmurou, enquanto permitia que ela se afastasse um pouco. Ficou pensativo. Talvez fosse mais fácil para ela que as coisas ocorressem de forma mais natural e inesperada, afinal não vira aquele pânico em nenhuma das vezes em que ela havia se rendido às suas carícias antes. De alguma forma a premeditação a assustava e ofendia, e isso era algo que ele não planejava, e jamais forçaria uma situação que envolvesse algo tão sério como sexo, muito menos com a mulher que escolhera para

casar. Estava sendo de fato muito dominador dessa vez? Resolveu aliviar a tensão, brincando — Tem medo, mas já me viu nu, e sabe que não tenho rabo, nem chifres...

— Desculpe... — ela respondeu, sussurrante.

— Não peça desculpas, meu amor. Se meus planos a constrangem e amedrontam, então não são bons. Esqueçamos isso por ora. Mas quero ver seu sorriso novamente. Posso encarar sua ira, mas não aguento vê-la triste. — tocou o rosto adorado e emocionou-se ao vê-la abrir um radiante sorriso.

Ela não conseguia falar, o que era um claro sinal de quanto estava nervosa. Tristan continuou:

— Juliet, nunca vou forçá-la a nada. Você é uma mulher para seduzir, não submeter. — afirmou, mantendo o rosto dela entre suas mãos grandes, os olhos dela o admirando cheio de lágrimas.

— Eu o amo ainda mais depois do que acabou de dizer! — respondeu, com voz embargada, ficando nas pontas dos pés para beijá-lo.

— A senhora Ellen está lhes procurando, meus jovens. Ainda bem que fui eu quem lhes encontrou primeiro! — Sir Edward sorriu amigavelmente, a uma certa distância deles.

Tristan acenou em resposta, sorrindo e puxando a noiva pela mão, de volta ao recital. Que sorte não estar mais com as mãos nos seios de Juliet quando o distinto homem se aproximou, ou teria que dar satisfação a mais um dos protetores da castidade da senhorita. De qualquer modo, deixaria que as coisas fluíssem naturalmente entre eles, e não mais se arriscaria a magoar Juliet insistindo em burlar as normas que a sociedade havia imposto para as moças. Se fosse preciso esperar até o casamento para tê-la por completo, assim seria. Estava certo que valia a pena aguardar o quanto fosse, pois sua noiva era preciosa.

## CAPÍTULO VII

Juliet havia tido um sonho sensual com seu noivo. E depois Tristan dava-lhe um beijo e pulava num límpido lago, e ia nadando, nadando para longe. Ela acordou com uma estranha sensação, como se tivesse se embriagado na noite anterior, o que não acontecera porque seu consorte não permitira que sequer tomasse um gole de uísque no recital, que dirá um porre! Então não entendia seu torpor... A sensação de estar meio bêbada passou logo. Restou-lhe a dor de cabeça, como a ressaca que seu irmão Alexander falava tanto.

Levantou-se, e juntou-se à senhora Ellen na sala de estar, pedindo que Arthur providenciasse junto à copeira um café preto e um pedaço de bolo. Tristan lhe introduzira o hábito do café preto para despertar, e ela o adotara, percebendo os benefícios. Esperava que hoje também funcionasse.

— Levantou-se tarde, querida. — comentou a senhora, e olhando seu ar um tanto abatido, preocupou-se — Não dormiu bem?

— Estou com um pouco de dor de cabeça, mas devo melhorar depois de um café.

Não melhorou com o café, como também não amainou nem um pouco após o chá que a cozinheira prestativamente lhe enviou. Estava debruçada sobre o livro de ervas medicinais escrito pelo pai de Suzanne, que a amiga havia lhe emprestado, quando o mordomo chegou, trazendo a bandeja de prata com dois cartões, avisando às damas que tinham visitas. Juliet ergueu-se sobressaltada. Visitantes antes do almoço, num sábado, sem aviso prévio? A senhora Ellen largou seu bordado, erguendo-se ao mesmo tempo que a moça. Olharam os cartões rapidamente, e Juliet correu como um raio até a sala de visitas.

Jake e Grayson não haviam se sentado, nem se servido de uísque. Estavam em pé, ainda os chapéus nas mãos, cada um amassando o seu com evidente ansiedade. Em seus rostos transparecia dor e infelicidade.

Encararam Juliet tão significativamente, e por alguns segundos os olhares ficaram tão presos uns aos outros, que não havia necessidade de dizer coisa alguma. Mas Jake deixou escapular as palavras, quase inaudivelmente, como se pronunciá-las fosse uma heresia terrível:

— É sobre Tristan...

Ela endureceu.

— Foi tudo... tão rápido... — balbuciou Grayson.

— Não! — Juliet não se deu conta que o grito havia escapulado da própria garganta, até que ele atingiu seus ouvidos.

— Juliet ... — Jake deu um passo a frente para tocá-la, e ela recuou ao mesmo tempo.

— Não, Jake, por favor não! — ela encolheu-se, e a senhora Ellen amparou-a por trás, evitando que caísse.

— Eu... sinto muito... — ele estava de cabeça baixa.

— Não, Jake... — soluçou, cobrindo o rosto.

Juliet ficou de cabeça baixa, tentando controlar-se. Ergueu os olhos devagar:

— Como foi? — a jovem conseguiu perguntar, num fio de voz.

— O cavalo dele quebrou a pata durante a corrida e o lançou ao chão. Mas, se fosse só isso, talvez ele... O pior é que o animal rolou sobre Tristan... — explicou Grayson, o timbre de voz rouco indicava o quanto era-lhe penoso falar.

A moça estava chorando, convulsivamente.

Jake tocou seus cabelos com carinho, os olhos vermelhos indicavam que havia chorado também:

— Juliet, ele não está morto...

Ela ergueu a cabeça, esperançosa.

— Está no novo hospital de Londres, porque Lady Clarissa se convenceu que lá seria melhor atendido que em casa, e... seu estado é grave... e bem... ele precisa de toda ajuda possível... embora... embora...

Percebendo que Jake não concluiria o que deveria ser falado, Grayson tomou a palavra:

— Lady Clarissa pediu que a chamasse com urgência porque... porque... — então sentiu-se ele mesmo também sem voz.

Ela engoliu em seco, assentindo. Completou a frase que o amigo não tinha coragem de completar:

— Porque devo despedir-me dele, não é?

Os dois rapazes concordaram com a cabeça, tristemente.

\*\*\*\*

O hospital estava cheio de amigos de Tristan, membros da nobreza e ricos comerciantes que não visitariam o novo e moderno centro médico, se não fosse por extrema consideração com o paciente que ali estava sendo atendido. Além dos cavaleiros que participavam da corrida, a notícia do acidente havia se espalhado, atraindo parentes e conhecidos em busca de notícias. Lady Clarissa parecia estar em choque, e quando viu Juliet, as duas se abraçaram como se fossem mãe e filha, e receberam juntas o breve resumo do médico:

— Estamos fazendo o que podemos, por favor, tenham paciência, o que importa é que ele está respirando bem, apesar do estado grave.

Os médicos não davam notícias animadoras, e a Juliet não fora permitida sequer a entrada no quarto onde o rapaz estava, então esperava a um canto, rodeada por familiares e amigos de Tristan, que também aguardavam novidades, mas não pareciam muito animados. Na verdade tinha-se a impressão de já se estar no velório do rapaz, e foi como se uma lufada de ar e luz entrasse no recinto quando viram passar, apressadamente, o marquês de Brighton acompanhado de um grupo de homens distintos e de fisionomia grave, indo diretamente até onde estava a mãe do acidentado, com o tio de Tristan, barão que lhe passaria o título no futuro. Cumprimentaram-se rapidamente e juntos se encaminharam até o longo corredor que dava para os quartos, e sumiram em algum ponto do caminho.

— O que está havendo? – a senhora Ellen indagou, vendo que à passagem do grupo erguia-se um burburinho, e as pessoas abriam-lhes passagem de imediato.

— É o duque de Cambridge, irmão de Sua Majestade, e mais um grupo de lordes influentes, entre eles o tio de Jake e meu pai, que também era amigo do falecido senhor Smith. — explicou Grayson, em voz baixa — Devem usar seu patronato no hospital para ajudar em alguma coisa. Além disso, a família de Tristan é muito tradicional e rica, há muitos títulos de peso que devem estar movendo montanhas para sua recuperação.

Grayson Shakman voltou-se para Juliet, que o olhava atentamente, já agradecida ao rapaz por ter chamado o pai e mais um punhado de nobres do parlamento em pleno domingo, para ajudar seu noivo no que pudessem, pressionando a equipe médica a se superar.

— Tenho certeza que naquele grupo estava o médico particular da família real. Tristan vai sobreviver, senhorita.

Juliet cobriu o rosto com as mãos e chorou mais ainda, sem palavras para expressar-se, sendo consolada por diversas senhoras imediatamente, enquanto Grayson e Jake se afastavam em busca de novas informações, com outros cavalheiros.

Demorou uma eternidade até que voltassem, acompanhados de Barker. O marquês a cumprimentou com cortesia, sem qualquer sinal da sua zombaria característica. Falou diretamente, num tom que devia usar quando estava nas tribunas:

— A vida de seu noivo se tornou agora questão de sobrevivência para o próprio hospital. Se algo acontecer com Tristan, e não vai acontecer, senhorita, os médicos daqui sofrerão sérias consequências. Não será admissível nenhum tipo de negligência com a saúde dele.

Juliet olhava aos homens a sua frente como se estivesse vendo algo de outro mundo. Levou a mão aos cabelos que roçavam no rosto, empurrando-os, só agora dando-se conta que corriam soltos, que saíra tão apressadamente, que o coque improvisado dentro da carruagem que a conduzira até ali havia se soltado. Prendeu as madeixas com um nó, automaticamente, enquanto os homens observavam cuidadosamente seus movimentos, esperando um comentário ou uma resposta, sem saberem se ela havia compreendido o significado do que estava lhe sendo dito. Logo ela, que tinha respostas rápidas para tudo, mantinha-se calada, e na opinião deles, provavelmente entorpecida. Estava mesmo. Os cabelos lisos não obedeceram e desabaram novamente sobre seus ombros, sem que ela parecesse notar, o olhar perdido em algum ponto distante.

Jake pegou sua mão, preocupado.

— Senhorita Juliet, está muito pálida. Venha sentar-se. — conduziram-na a um banco próximo.

Shakman providenciou-lhe um copo de água, e Juliet tomou um gole, antes de voltar-se para ele.

— Obrigada. Agradeço muito ao senhor e a seu pai, lorde Shakman.

— Por favor, não agradeça. Quero muito ver meu amigo voltar a cavalgar novamente. — sorriu.

Ela não conseguia sorrir de volta, mesmo que quisesse. Inclinou a cabeça, num cumprimento leve, e voltou-se para o marquês e para Jake.

— Não tenho como agradecer. Parece que todo o dinheiro de Tristan seria insuficiente aqui.

— A coação é uma arma poderosa. — respondeu o marquês, sorrindo bondosamente.

— Ainda mais quando vem do palácio... — brincou Jake.

— Por favor, agradeçam a Vossa Alteza e a todos os nobres amigos por mim. Sei que meu tio, lorde Charles, bem como o barão Willians, tio de Tristan, retribuirão a gentileza a qualquer um que está nos ajudando agora.

— Sua futura sogra está agradecendo, não se preocupe.

A senhora Ellen, que acompanhava a conversa a uma discreta distância, aproximou-se, dirigindo-se aos amigos que cercavam Juliet:

— Agradeço sua cortesia em nome dos Fiennes, senhores. — voltou-se para a moça — Vamos para casa agora, querida. As coisas já estão sob controle e precisa se alimentar, trocar de roupa...

A mulher olhou sua pupila, que parecia bem menor sentada num banco com aqueles homens altos em volta. O vestido simples, de uso doméstico, com busto de uma cambraia rosa pálida, a face delicada e sem cor, nenhum adorno nas orelhas ou no pescoço, e o cabelo escorrido que teimava em soltar-se em volta de seu rosto, fazia-a parecer ainda mais jovem e frágil, de um jeito desconcertantemente belo e puro. Certamente uma mocinha que os ansiosos cavalheiros ao redor gostariam muito de proteger e consolar. Por Deus, pensou a senhora Ellen, com um aperto crescente no peito, observando a cena. Os homens já a olhavam como uma viuvinha? Sabia o que isso poderia significar, um nova fonte de problemas e mágoas, pelos quais ela própria havia passado. Ah, sim, a fraqueza feminina atiçava as feras que viviam dentro dos homens, e eles viravam lobos astuciosos muito rapidamente...

Não, não permitiria que sua menina sofresse mais um revés. Seria como uma sentinela a sua volta, guardando-a até o retorno do seu dono por direito — o noivo que ela tanto esperava voltar — e ficaria atenta a qualquer ato inescrupuloso travestido de amizade para com uma jovem inocente.

Mas quando Juliet ergueu seu olhar e respondeu, não havia fragilidade em sua voz, nenhum sinal de indecisão nos olhos, nem mesmo a sombra de uma garota ingênua recém saída da escola:

— Eu não me movo daqui enquanto não puder ver Tristan.

Todos ficaram em silêncio, um tanto surpresos com a voz firme saída da garganta de uma figura tão delicada. Então, como se dando conta de que talvez houvesse sido ríspida com uma pessoa que amava, Juliet respondeu, dessa vez com doçura:

— Mas a senhora certamente pode ir. Fique tranquila, pois estou bem. Ficarei com meu noivo. — Era uma mulher falando, e deixou claro que ficaria por e com Tristan, independente dos que estavam a sua volta, não carecia de piedade e nem de ser pega no colo por ninguém.

Os olhares ainda estupefatos voltaram-se para a acompanhante. Ellen suspirou:

— Então também ficarei. — reprimiu um sorriso ao perceber que a moça não era uma tola, e que mesmo o sofrimento inesperado não minara seu estado de espírito. Era forte, e

aos homens em volta ficara patente que não haveria brechas para qualquer tentativa de aproximação indevida, estando algum deles pensando isso ou não.

Quando a noite chegou, trazendo o conde de Greenville junto, Juliet não se surpreendeu. Deixou-se cair nos braços do tio-avô por um longo tempo, reconfortada pelo abraço que ainda mantinha-se firme e vigoroso. Ele beijou o alto da cabeça da afilhada, e depois o rosto, paternalmente, as costeletas fartas e grisalhas fazendo cócegas do mesmo modo que fazia quando ela era uma criança:

— Vim assim que soube, pequena. Acompanhava teu flerte de longe, e estava em Berkshire, a caminho de Bath, quando me chegaram notícias do acidente com o neto de Walt. Voei como um raio para chegar aqui, mas assim que cruzei os portões contaram-me que Adolf já esteve sacudindo alicerces e cuspidos marimbondos sobre a equipe médica.

— Sim, o irmão de Sua Majestade veio aqui pressionar e trouxe o médico particular do palácio, graças a Deus! — ela sorriu, e parecia que não fazia isso a anos, embora fosse há apenas um dia — Conhecia o avô de Tristan?

— Ah, sim! Walt era um visionário, muito inteligente e engraçado. Estou certo que a comoção em torno do rapaz Smith deve-se muito à popularidade e ao carisma do velho lorde. Se ele estivesse vivo não duvido que o próprio Guilherme IV viesse aqui pôr o dedo na cara do médico-chefe. — deu uma risada — Também não descarto que o fato do sogro do moço ser almirante pode ter ajudado...

Era notório o quanto Sua Alteza admirava seus oficiais, tendo especial carinho com o almirantado, por ter sido também ele um almirante antes de assumir a coroa. Como tudo se sabia na corte, o noivado da filha do almirante Fiennes não passaria incólume.

— Não está aborrecido comigo, padrinho? — perguntou, cautelosa.

— Aborrecido? — continuava abraçado com ela — Por que estaria?

Ela mostrou o anel.

— Ah, isso. Bem, deixo a reprimenda por sua pressa ao encargo de teu pai. Vossa mãe soube e não reclamou, mas é uma romântica incorrigível, e aceitaria até se escolhesse um mendigo, contanto que o amasse... — sacudiu os ombros levemente — De minha parte, faço gosto na união. Conheço Tristan desde menino, quando corria pelado em sua casa lá em Bath, passando por todos os quintais e fazendo as criadas correrem atrás dele feito loucas para conseguirem pôr-lhe as roupas. Viajava com uma infinidade de primos e primas, mas era de longe o mais peralta e o mais esperto.

Ele riu, lembrando da situação.



Imaginar a cena também a fez sorrir. O garotinho devia ser impossível, um anjinho de olhos claros fugindo das babás... Já mostrava, desde cedo, sua natureza pouco afeita às convenções.

Lorde Charles continuou, com sua voz reconfortante:

— Apesar de ter adquirido uma reputação duvidosa, sei que metade do que dizem dele é só história fiada e pura maldade alheia. Pelo que conheço de seu caráter e da orientação que recebeu de seu pai e de seu avô, sempre honra seus compromissos, é independente financeiramente e honesto, então por mim está bem, pois desejo ver minha única sobrinha-neta feliz e cheia de filhos.

Colocou-a diante dele, e pôs as mãos em seus ombros:

— Mas, quero que tenha uma coisa em mente: se o rapaz, apesar de tudo, não resistir... não me interrompa... se ele não resistir, ou se nunca conseguir acordar, Juliet, deve seguir sua vida. Estou certo que esse seria o desejo dele.

Juliet ficou muito tempo encarando os olhos esverdeados do tio, que a fitavam com amor e uma ponta de piedade. Não respondeu a ele, porque não podia nem mesmo aventar a possibilidade de perder para sempre o homem por quem estava perdidamente apaixonada.

— Você já o viu, criança? — indagou, ainda frente a frente com ela. — Permitiram-lhe isso?

— Sim, depois que os lordes aqui estiveram, até falei com ele, mas... foi inútil...

— Entendo. Vamos então para casa, você dorme algumas horas e eu tomo um banho. Deus sabe que precisamos disso. Pela manhã estaremos de volta.

— Padrinho...

— Não vai poder fazer nada por ele nesse momento, e você e a senhora Ellen estão exaustas. — apontou a mulher, recostada num banco, conversando com a mãe de Tristan — Vamos já.

— E a lady Clarissa?

— Os parentes tomarão conta dela, da mesma forma que eu estou tomando conta de você. — respondeu de modo firme, e ela não pôde contestá-lo.

Conduziu-a para fora do ambiente asséptico do hospital e em pouco tempo já estavam em Burlington Gardens. E quando ela chegou em casa e viu-se diante do espelho de seu quarto, indagou-se porque recusara-se a passar a noite na cama de Tristan de sexta para

sábado, mandando ao diabo qualquer regra ou cuidado, e evitado dessa forma que ele tivesse acordado cedo e montado em seu garanhão para aquela fatídica corrida. Claro, pois se estivesse com ele, a fome voraz que tinham um pelo outro não o deixaria abandonar o leito para montar o maldito cavalo... Recriminou-se violentamente por não ter se rendido e ter permitido a ele tirar-lhe a virgindade na primeira oportunidade, porque assim então não teria a terrível sensação de que isso nunca aconteceria. E se ele, e se ele... não, não podia nem sequer pensar na palavra que começava com m... pois se o fizesse, quem feneceria seria ela própria.

Olhando a pálida sombra refletida, desconfiava que ela também estava ausente, comatosa, perdida naquele mundo de sonho, à beira do lago onde o vira mergulhar depois de acenar-lhe com um beijo de despedida, aguardando que retornasse. Fechou os olhos, sentindo tudo a sua volta rodar. E se ele nunca mais emergisse?

\*\*\*\*\*

— Estou muito agradecida, Jake, que possa ficar de olho nos negócios de Tristan enquanto ele está... ausente. — disse lady Clarissa, abatida, sentada diante do melhor amigo do filho, na mesa de um café em frente ao hospital londrino, onde quase morava ultimamente. — Nunca consegui acompanhar o ritmo frenético que movia Peter, e que move meu filho ainda mais que ao pai no mundo do comércio.

— Não tem problema, milady. Felizmente Tristan muniu-se de homens de confiança para trabalhar com ele, e pelo que vi até agora estão dispostos a colaborar. Tudo estará em ordem quando meu amigo voltar aos seus escritórios.

— No que precisar, também estarei ao seu dispor, minha senhora. —avisou lorde Charles, sentado com eles, Juliet à sua direita — Tirei alguns dias para ficar em Londres.

— Agradeço-lhe muito, milorde.

A senhora estava grata pela atenção, o cansaço evidente no rosto, no corpo, e até no modo de falar. De verdade até seu olhar, normalmente um espetacular misto de azul e cinza, havia perdido muito do brilho.

E Juliet estava mais do que agradecida ao tio-avô. A figura tinha um ar de autoridade que fazia calar qualquer comentário negativo pronunciado perto de lady Clarissa ou de Juliet, e se o olhar cortante fosse insuficiente, sua língua mordaz fazia os inconvenientes absterem-se de comentários maldosos. Protegia-as como um guarda-costas, e afastava de uma maneira absolutamente hábil qualquer presença indesejável. “Urubus”, dizia ele,

quando se afastavam. Gente que vinha ao hospital apenas para satisfazer uma curiosidade mórbida, ou para tentar tirar algum proveito ao oferecer um ombro amigo à família abastada e influente. Juliet ficava pasma, e surpreendia-se a cada vez que Greenville enxergava a situação se formando, e cortava rapidamente qualquer conversa que lhe parecesse perda de tempo ou interesseira. Era um homem prático e direto, e no momento, o mais útil de todos os companheiros que se podia imaginar.

\*\*\*\*\*

Mais uma noite Juliet tinha dificuldades para dormir. Os olhos inchados e doloridos não ajudavam. Correu para fora do quarto e foi buscar um consolo para seus receios. Encontrou-o na cozinha, roendo um sapato velho que a senhora Ellen havia alegremente cedido para distração do cachorro.

— Bóris, vem!

O cachorro de Tristan correu para seus braços. Já havia assimilado Juliet como sua nova dona, pois seu senhor havia lhe deixado há alguns dias. Trouxe-o para sua casa quando soube por lady Clarissa que o animal estava apático e não queria comer, desde que Tristan se accidentara. Juliet entendia. Abraçou o cão e o levou pra dormir em sua cama. Talvez juntos não sentissem tanta saudade.

— Ele vai voltar para nós — murmurou na orelha do cãozinho, antes de finalmente conseguir dormir.

\*\*\*\*\*

E as horas de espera no moderno hospital, em casa, em alguma confeitaria para um chá apressado, foram transformando-se em dias, numa agonia lenta e torturante. A aparência de Tristan melhorou muito, o que era um consolo. Estava assustador no primeiro dia, mas agora a face cinzelada que provocara admiração em Juliet ao conhecê-lo, e que sempre a encantaria, havia voltado ao normal. O corpo ainda parecia sofrido, e o coma prosseguia. E era angustiante a expectativa diante da situação, o mal estar se acumulando cada vez que um amigo surgia atrás de notícias. De modo que quando seus irmãos, Alexander e Anthony, usando suas fardas da marinha, cruzaram o vestíbulo da casa de saúde, Juliet não sabia

dizer se sentia-se feliz, porque já não os via há vários meses, ou absolutamente derrotada. Viriam apenas trazer apoio ou buscá-la para que voltasse a Southsea? Apertou as mãos à cadeira, lamentando que justamente naquele dia não estivesse acompanhada nem de seu tio-avô e nem da mãe de Tristan, e sem qualquer amiga para lhe dizer que devia manter a calma. Pior, sentados próximos a ela, conversando displicentemente, estavam dois amigos de seu noivo, que surgiram para fazer mais uma tentativa de visita, sem sucesso, e agora apenas aguardavam alguns minutos educados antes de escapar do ambiente opressor do hospital. Então, resumidamente, não tinha como fugir de um confronto direto com sua própria família. Coincidentemente os dois amigos resolveram envolvê-la na conversa, e puxaram as cadeiras para rodearem-na no exato instante em que Alexander e Anthony pararam diante dela. Olharam aos rapazes sentados em volta como quem avista animais nocivos, antes de encararem a irmã.

Alexander, longilíneo e aristocrático, abandonando por instantes a austeridade adquirida com o cargo de major, chamou-a pelo apelido de infância, abrindo-lhe os braços:

— Jules.

Ela levantou--se, sentindo alívio pela expressão amigável no rosto bonito do irmão, apesar do olhar frio que havia destinado às pessoas em torno. Alex abraçou-a, e em seguida a soltou para que fosse envolvida pelos braços fortes do outro irmão, que também mantinha o ar severo. Eles a afastaram das cadeiras.

— Como está o rapaz? — indagou Anthony.

— Melhorando. — Juliet respondeu, com cuidado.

— Já acordou? — perguntou Alex, com olhos perscrutadores.

— Não.

— Há alguma previsão de que isso aconteça?

— Não. — ela murmurou.

— Jules, já têm mais de dez dias!

— Eu sei!

— Mamãe está na Saville, aguardando que voltemos juntos, e amanhã partamos para Portsmouth. — falou Alex, como quem se dirige aos subalternos.

— Eu não vou! — gritou Juliet.

Alexander tomou fôlego, bastante surpreso com a reação da irmã, e emprestou um tom de voz suave à sua agradável figura, mais condizente com o que se esperaria de um jovem e garboso oficial:

— Irmãzinha, não é necessário se expor aqui, nem ficar distante de sua família nesse momento difícil. Vamos para casa. Se o rapaz acordar, irá até você. Não era esse mesmo o trato, que ele fosse até Southsea falar com nosso pai? Pois então!

— Alex, eu não vou. Quero estar aqui quando ele acordar.

Tony pegou sua mão e a encarou, com os olhos escuros e profundos que faziam muitas moças suspirarem. Perguntou, com o máximo de gentileza que podia:

— E quanto tempo esperará, minha doçura?

Diante do silêncio dela, Tony continuou, no mesmo tom gentil, mas como advertindo-a:

— Se não for por bem, mana, eu a colocarei sobre o meu ombro e a carregarei como quem carrega uma bagagem desajeitada. Sabe que o farei, não sabe?

— Por favor, Tony... Alex... — olhou-os, suplicante, e diante do silêncio deles, empinou o nariz — Pois vou falar com a mamãe e ela me deixará ficar!

Eles se entreolharam, com preocupação. Falar com a mãe era realmente um golpe muito sujo. A caçula sempre ganhava nesses casos. Alex respirou fundo antes de falar:

— Desde o início achei que sua vinda para Londres, sob os cuidados da senhora Ellen, era um erro. E que ela deixasse você se meter com um homem de reputação duvidosa, sem consultar nosso pai primeiro... Francamente! Já está na hora de acertarmos tudo antes que seja tarde demais para qualquer conserto. Volte conosco, Jules.

Juliet voltou-se para o outro irmão:

— Tony, também acha tudo isso?

— Você é muito jovem, Jules... — Tony estava constrangido — e se teu noivo não...

Mas então uma moça de cabelos pretos muito lustrosos se meteu no meio deles, sem a menor cerimônia, com rosto afogueado, e os olhos cinzentos quase saltando das órbitas:

— Juliet, minha tia mandou te chamar! Vai! Vai! Tristan está falando e sentou-se sozinho na cama!

Então Juliet saiu correndo, com os corações aos saltos, sem sequer olhar para trás ou agradecer à Caroline, prima de Tristan, que viera de Essex com outros familiares para

apoiar lady Clarissa, e se tornara uma companhia mais que agradável, constante nas tardes de vigília hospitalar.

Os irmãos também correram à porta do quarto, mas foram barrados junto com a prima de Tristan. Os três suspiraram alto, e finalmente a mocinha os olhou, e os dois belos irmãos cravaram também os olhos nela. Esqueceram o mal humor e o cansaço, e cada um deles abriu seu sorriso mais sedutor:

— Boa tarde, senhorita!

E para alívio posterior de Juliet, os irmãos esqueceram de incomodá-la por um bom tempo.... Uma distração perfeita, de fato.

\*\*\*\*\*

— Não, não reconhece ninguém. Delira. — admitiu o médico para as damas — Mas é um sinal de que reage. Se ficar coerente, então estaremos no caminho certo da completa cura.

— Tem uma infecção? — indagou lady Clarissa, apertando o braço de Juliet, que por sua vez apertava o braço da mãe — Sempre ouvi dizer que delírios são provenientes da febre.

— Não tem febre, como pode constatar, milady. Mas, em se tratando de pancadas na cabeça, a medicina ainda não sabe muito... E delírios... bem... acontecem quando o cérebro... — o doutor Turner parecia embaraçado.

— Diga que o rapaz ficará com algum dano no cérebro e veremos quem será o médico-chefe do hospital na semana que vem. — cortou o marquês de Brighton, que ouvia atentamente a conversa, e fitava ao médico com desprezo. Os olhos estavam tão gélidos que até Juliet se sentiu intimidada.

— Vossa Graça, como eu poderei...? — o homem passou a mão na cabeça.

— Dê o seu jeito e resolva isso. Não é admissível que o senhor Smith tenha passado a noite toda delirando e vocês não saibam dizer porque não nos vê mesmo tendo os olhos abertos e escutando a voz da mãe e da noiva! — o nobre fazia parte do grupo de amigos e familiares que estavam ao redor do cirurgião ouvindo o relatório médico da manhã, e como todos os outros, estava mortificado pelo fato de o que parecia ser a princípio uma evolução do quadro clínico de Tristan, ter dado em nada.

— Tenho me empenhado e continuarei fazendo o máximo possível! —defendeu-se o médico.

— Estou certo que sim. — retrucou lorde Charles.

Assim que o grupo se dispersou, e aproveitando que lorde Charles seguiu com Brighton e Shakman para uma sessão na Câmara, e Alex e Tony estavam entretidos em conversas e galanteios com as primas de Tristan, Juliet puxou a mãe a um canto, deixando lady Clarissa com algumas amigas.

— Mamãe, não pudemos conversar adequadamente a noite passada, mas veja que meu noivo está apresentando sinais de recuperação, e não desejo de forma alguma partir sem poder falar com ele primeiro. Por favor, deixe-me ficar.

A mãe ficou pensativa e depois a encarou, com os mesmos belos olhos castanhos e misteriosos da parte indiana da família, com quais sua filha também fora abençoada. Suspirou.

— Teu pai deverá chegar de viagem e se ressentirá que a família não esteja completa para recebê-lo, mas enfim... — deu de ombros a bela senhora.

Juliet a abraçou, agradecida.

— A senhora é a melhor das mães!

— Não, só a mais romântica delas. — sorriu — Ficaremos com você mais dois dias, depois voltará a ficar aos cuidados de Ellen. Seu tio deverá ficar um pouco mais aqui, pois o primeiro-ministro resolveu reunir-se com os parlamentares e solicitou sua presença para as pautas. — a mãe pigarreou — Bem, há uma coisa que incomodou teus irmãos ontem, e parece ter causado um certo desconforto a Ellen também...

— O que seria? — Juliet imaginava, mas queria confirmar.

— Oh, são os seus amigos, ou os de Tristan, não sei exatamente... são todos muito gentis. Até demais, na verdade. E Robbie, bem, sua gentileza com as damas é notória, mas... — ela não sabia como expressar-se — preocupa-me tantos rapazes sempre por perto de você, numa proteção e intimidade talvez... excessiva. Não me entenda mal, também tive amigos de reputação duvidosa quando debutei aqui, inclusive o antigo marquês de Brighton. E seu pai, minha querida, também não era nenhum santo, mas em se tratando da minha filha moça, eu... tenho meus receios.

— Não se preocupe com “Robbie” — referia-se ao marquês, que Margareth conhecia desde que era um menino, pois era irmão caçula do melhor amigo do almirante Vincent — os interesses amorosos dele não estão em mim, e faz tempo se mostra o mais caro dos amigos. E assim também os outros rapazes, apesar da fama ruim que atravessa fronteiras,

tem fidelidade canina por Tristan. São todos homens de bem, creia-me, mamãe, e anseiam pela cura do companheiro.

Juliet agarrava-se com todas as forças ao firme propósito de manter-se o mais próxima possível de Tristan, e não aceitaria que o preconceito aos amigos dele a obrigasse a partir e deixá-lo só. Nas raras vezes em que havia sido permitido seu ingresso ao quarto do amado, ele parecia pouco mais do que uma bela estátua inclinada sobre a cama, envolto em lençóis quase tão brancos como sua própria pele, alheio às súplicas que ela lhe fazia para que voltasse logo. Era assustador ver alguém tão intenso e vibrante naquele terrível estado, principalmente se esse alguém era o seu grande amor. E quanta saudade sentia de seus beijos, o toque de sua mão, suas brincadeiras provocativas... Não podia deixar que seus irmãos convencessem sua mãe a levá-la embora.

— Mamãe, acredite, eles me respeitam.

Sua mãe a fitava com atenção, e enfim respondeu:

— Mas prometa que tomará cuidado para que não surjam boatos sobre você graças ao amparo oferecido pelo círculo de amizade do senhor Smith, pois se acontecer, mandarei te buscar de imediato.

— Prometo, mãe.

— E tem mais.

— Sim, senhora – Juliet aguardou.

— Garanta-me que se alimentará, pois está ficando que é só pele e osso, e quando seu Tristan acordar e lhe der um forte abraço, dobrará sua coluna ao meio se não tiver pelo menos uma gordurazinha em volta da cintura para protegê-la!

Juliet deu uma risada, e só depois percebeu que já não fazia isso há muitos, muitos dias.

\*\*\*\*\*

O doutor Turner orgulhava-se muito do alto cargo que ocupava no moderno Hospital de Londres, e do fato de poder desfrutar das boas graças da alta sociedade londrina. Já havia passado pelo hospital psiquiátrico, que mantinha trancafiadas as aberrações que as distintas famílias inglesas queriam a todo custo ocultar, e saíra de lá horrorizado. Seu estômago também não colaborara quando teve uma breve carreira no sanatório que cuidava das camadas menos favorecidas, e situava-se numa parte pouco nobre da cidade.



Era louvável o trabalho, mas Turner não possuía o espírito dedicado e generoso de seus colegas, e ambicionava mais do que simplesmente ajudar alguém. Queria dinheiro, luxo, uma esposa de boa estirpe. Quando começou a atender a domicílio, e devido ao seu talento, sua agradável aparência e inegável charme, caiu nas boas graças das nobres senhoras da corte, o doutor viu abrirem-se as portas para um grande e lucrativo futuro. A consequência era a chefia naquele belo hospital recém construído. E agora, por causa de um rapaz rico que quase fora esmagado por um cavalo de corrida, toda a sua carreira podia ir por água abaixo. Tristan Wagner Smith tinha dinheiro, berço, família repleta de nobres títulos e amigos nos mais altos patamares, sem contar a simpatia da família real. Então, Turner não poupou esforços para salva-lo. Mandou buscar dois médicos da França, com quem havia estudado, para ajudá-lo, e ele mesmo ficava de plantão junto ao paciente. Temia perder seu alto cargo, mas depois dos primeiros dias tratando o rapaz, e observando o desespero de seus familiares, algo dentro dele também havia sido tocado. Desejava vê-lo acordado, e trazê-lo de volta ao convívio dos seus. Podia ser apenas um desejo egoísta de mostrar sua capacidade, ou poderia ser apenas vaidade, para provar ao arrogante marquês de Brighton que não estava naquela posição por acaso. Ou poderia ser o espírito de salvador que todo o médico tinha em si, em maior ou menor grau, e que aflorava com mais intensidade em certos momentos. De qualquer modo, empenhado na recuperação do ferido, o doutor conseguiu aplacar os delírios de Tristan, e observou, enervado, que o moço agora estava apático. Proibiu as visitas. Os familiares e amigos do senhor Smith estavam agitados. Depois que um senhor forte e vigoroso, que disse ser tio do enfermo, e apresentou-se como o barão Willians, exigiu que ao menos ele, a mãe do moço e a noiva deste entrassem para uma rápida olhadela, o médico anuiu.

Quando o médico viu-se diante do olhar ansioso daquela linda bonequinha de olhos amendoados que respondia por Juliet Fiennes e era a infeliz noiva do moço que estava a seus cuidados, sentiu-se ainda mais condoído. Ressentiu-se que tão jovem casal sofresse. Observou a moça tocar seus lábios rapidamente nos do jovem Smith. Foi quase imperceptível, mas Turner percebeu que o noivo reagiu ao toque. A reação do rapaz era um estímulo a mais para sua dedicação.

Reuniu-se com outros médicos, trocou idéias, recebeu sugestões. Depois de alguns testes constatou, pesarosamente, que tanto a audição quanto a visão do senhor Tristan estavam comprometidas. Porém o rapaz não havia perdido o juízo, que era o que mais preocupava aos doutores. Mas ainda assim, era lamentável que um homem tão jovem e ativo perdesse dois dos principais sentidos.

O médico ficou sinceramente arrasado, de um modo que surpreendeu até a ele mesmo. Mas seu amigo francês, o doutor Angeli, que acompanhava o caso havia alguns dias, era um exímio e dedicado pesquisador, e afirmou com veemência que aquele estado era temporário, tranquilizando-o. Munido de novo ânimo, o médico-chefe chamou lady Clarissa e expôs o problema, com todo o cuidado. A dama empalideceu, mas manteve-se firme, apertando um lenço com uma mão, e com a outra quase quebrando os dedos do barão Willians, que de tão preocupado com o estado do sobrinho, nem se apercebeu da torção que sofria.

— Levarei meu filho para casa. — declarou a dama.

O médico já esperava por isso. Era difícil romper com uma velha tradição, a crença de que um enfermo era melhor cuidado em sua própria casa, e que hospitais eram locais para doentes mentais ou terminais. De fato a família Smith já havia sido muito complacente deixando o rapaz tantos dias internado. Agora que ele apresentava sinais de recuperação era natural que a mãe o quisesse tirar dali, principalmente para desmentir os boatos que apregoavam sua debilidade permanente. O médico suspirou.

— Milady, o senhor Tristan está recebendo o melhor tratamento aqui, posso garantir-lhe.

— Eu acredito, e por essa razão quero pedir-lhe que continue a nos atender com tanto esmero quando seguirmos para Mayfair. Posso contar com seu auxílio, doutor Turner?

O homem aquiesceu.

— Será uma honra, certamente. — murmurou o doutor, esperando que aquela decisão não custasse seu emprego.

## CAPÍTULO VIII

O esforço para comunicar-se era cansativo demais, mas parecia que conseguia falar, então porque ninguém lhe respondia? Tristan tentou levantar-se, mas isso também lhe era deveras custoso. A escuridão o engoliu mais uma vez, porém levou com ele dessa vez a lembrança de um toque sedoso nos lábios, o beijo de um anjo, talvez.

\*\*\*\*\*

Não podia ver direito, seus ouvidos zumbiam, mas felizmente a dor que sentia em cada parte de seu corpo parecia ter diminuído um pouco. Pelo menos agora conseguia até pensar! Tristan soltou um gemido, quando na verdade queria dizer um palavrão. Parecia que até a garganta estava com problemas... Que diabos estava acontecendo? Remexeu-se, percebendo que estava numa cama mais macia do que a que se lembrava antes. Tinha a impressão que acordava e adormecia em intervalos muito curtos, sem poder entender o que estava se passando. Alguém o alimentava, levava líquido a seus lábios, água e coisas amargas. Talvez algum remédio? Ou tônico? Acreditava que seus olhos estavam abertos, mas tudo a volta era sombra e névoa.

\*\*\*\*\*

Abriu os olhos e piscou vários vezes diante da claridade do aposento. Estava em seu próprio, com certeza. Observou sua mãe sentada a um canto, com uma revista nas mãos, e Jake de costas para ele, recostado na janela. Pela luz provinda de fora, entardecia. Tristan sentou-se, ainda um tanto zozzo. Pigarreou. A garganta estava seca.

— Estou com sede.

Não foi impressão sua que tanto Jake como lady Clarissa deram um pulo de seus lugares e chegaram até ele com uma rapidez assustadora.

— Tristan? — gritaram ao mesmo tempo.

— Acho que é meu nome. — conseguiu sorrir, e levou a mão à garganta — Por favor...

A mãe correu com um copo de água e parou diante dele:

— Está me vendo, filho?

Ele acenou afirmativamente, um sorriso brincando nos lábios enquanto ela aproximava o copo. Tristan pôs a mão no vidro, um pouco trêmulo, e bebeu devagar.

— Bem? — seus olhos cinza perscrutaram a mãe e ao amigo, que o olhavam ansiosamente — O que houve?

— Não lembra do acidente? — os olhos da mãe estavam desmesuradamente abertos, tão cinza quanto os dele.

Agora tudo parecia fazer sentido. Sofrera um acidente! Essa era a razão de suas dores, de sua confusão mental e do olhar assustado de Jake e de sua mãe.

— Conte-me.

— Estava correndo com seus amigos. Uma dessas disputas idiotas. Você, como sempre, estava disparado... seu cavalo foi ao chão e derrubou-o. Depois, rolou sobre você. — A mãe falava atabalhoadamente, torcendo as mãos.

— Não me diga que Perseu quebrou a perna! — Tristan sobressaltou-se. Amava aquele cavalo, e era um dos seus puro-sangue mais valiosos, um animal premiado.

Jake deu uma risada nervosa, dando um tapa amigável no ombro do amigo:

— Preocupa-se com o cavalo? Sabe há quanto tempo você está fora de combate?

Ignorando a reclamação, Tristan insistiu, muito sério:

— O que houve com Perseu?

— Precisou ser sacrificado. Timothy atirou nele.

— Atirou nele? — ainda estava atônito.

— Na verdade, descarregou sua pistola nele! E se ele não o fizesse, eu o faria! — bradou — Ou qualquer um dos seus amigos! Você parecia uma massa disforme depois que aquele maldito cavalo esmagou seu corpo, e pensamos que estava morto! Morto!

Agora era Tristan que estava de olhos arregalados. Diante da reação furiosa, achou melhor calar-se. Pelo visto havia dado um susto e tanto aos amigos e a sua família.

— Está bem... — murmurou Tristan, encolhendo-se instintivamente.

— Tristan... — a mãe sentou-se na beira da cama — Está sentindo muita dor?

— Só um pouco — sorriu, ajeitando-se contra os travesseiros, de modo a ficar sentado apoiando-se na cabeceira do leito.

— Então, por favor, meu filho, me dê um abraço! — ela se jogou para frente, abraçando-o com força.

Tristan percebeu, um tanto surpreso, que a mãe chorava. Ela, que sempre fora uma mulher forte, agora se debulhava em lágrimas.

— Está tudo bem, mãe. Acalme-se. Estou vivo! — deu uma risada, dando tapinhas de leve nas costas dela.

— Graças a Deus! Ah, graças a Deus! — ela afastou-se um pouco, pondo as mãos nos ombros dele — Emagreceu durante a enfermidade, mas vamos providenciar que fique forte de novo! Oh, e é claro, precisamos mandar avisar Juliet!

— Ela vai ficar radiante! — Jake sorriu.

Tristan olhou para a mãe, e depois olhou para Jake, com as sobrancelhas erguidas:

— Quem é Juliet?

Os três fitaram-se num silêncio incômodo.

— Está brincando, não é? — Jake indagou, cauteloso.

Grayson entrou no quarto naquele instante, sem sequer bater na porta, e Tristan teve um sobressalto com a familiaridade com que o antigo colega de Oxford invadia seus aposentos. O visitante olhou direto para a cama e abriu um grande sorriso:

— Meu Deus! Despertaste enfim!

Caminhou direto até o leito e deu um abraço no amigo. Tristan ainda estava com ar surpreso quando Grayson sentou-se na beira de sua cama, sem cerimônias:

— Que cara é essa? — Grayson indagou, encarando Jake e lady Clarissa — Oh, ele ainda não nos escuta?

— Escuto muito bem. Só estou meio... surpreso. — respondeu Tristan.

— Grayson voltou ao nosso círculo de amizade, Tristan, e estava conosco quando se acidentou. — respondeu Jake, divertido com a expressão dos amigos.

— Estou confuso. — disse Grayson — Não se lembra que retomamos a amizade dos tempos em que estudamos juntos?

— Não lembro mesmo. Desculpe. — Tristan olhava de um para outro, visivelmente confuso.

Lady Clarissa soltou um gemido, e Jake segurou seu braço com carinho, conduzindo-a até a porta do quarto, com o olhar tranquilizador que dedicava a seus clientes no escritório de advocacia:

— Não se preocupe, milady. Já passamos por coisa pior, não é mesmo? Deixe que eu e o lorde Shakman conversemos com Tristan, pois creio que a condição dele é temporária. Que tal a senhora aproveitar para escrever a todos os seus familiares sobre a melhora de seu filho? Mas não avise Juliet ainda, por favor.

A mulher assentiu, sentindo-se um tanto cansada e temerosa. Ficou gratificada quando o melhor amigo de seu filho prontificou-se a dar-lhe apoio e tomar as rédeas da situação. Saiu do quarto e deixou os três homens se encarando com certa desconfiança.

— Bem — Tristan suspirou — Me parece que nem eu e nem vocês estamos brincando, e que perdi mesmo uma parte das minhas memórias.

— Seria uma brincadeira de muito mal gosto...

— Garanto que não estou brincando, Jake. E então falava de uma tal... Juliet?

— Certo. Então não há meio fácil de falar isso: Juliet é sua noiva. — despejou Jake.

— Noiva?? — Tristan pôs-se de pé num salto. Estremeceu e sentou de novo — Noiva?

— Sim. Seu nome é Juliet Fiennes e é de boa linhagem. Vem da família do conde Charles de Greenville, e seu pai é um dos almirantes que Sua Alteza tanto estima.

— Não desejava ficar noivo. — murmurou Tristan, chocado.

— Mas ficou — Grayson sorria.

— Estou noivo há muito tempo?

— Não. Em menos de um mês juntos, Juliet já ostentava um anel de noivado dado por você.

— Mas que merda... — resmungou. Seus amigos franziram o cenho ao mesmo tempo.

— Orgulhava-se muito desse noivado — disse Jake, sério.

— Estava obviamente encantado por sua noiva — afirmou Grayson — E com toda a razão.

Tristan ergueu uma sobrancelha ante o tom de voz de Grayson.

— Por que diz isso?

— Era a moça mais bonita no baile de lady Adelaide, no início da temporada. Estou certo que jogaste sujo para que ela só tivesse olhos para você. — zombou o amigo — Passaste a perna em todos os rapazes de Londres, até em Barker, o que não é pouca coisa.

— Barker também estava de olho em minha noiva? — espantou-se. O fato da moça preferir um homem como o marquês, mais bonito, mais rico e indiscutivelmente mais poderoso que ele, e ainda por cima com um título de nobreza para ostentar, dizia muito sobre si mesma. Remexeu-se na cama, inquieto.

Os amigos se entreolharam e sorriram:

— Animou-se?

— Como ela é? — indagou Tristan.

— Hum... Ela atrai muita atenção.— Grayson fez uma cara sonhadora, propositalmente, visando provocar o amigo.

— E não é como as outras moças de sua idade. — completou Jake.

— Percebo que estão entre os admiradores da minha noiva. — retrucou Tristan, os olhos entrecerrados.

— Nem a conhece e já está com ciúmes? — Jake ironizou.

— Se é minha noiva devo honrar o compromisso. Mesmo que tenha perdido um pedaço de minha memória, não perdi nem uma parte da minha honradez quanto à palavra empenhada em um compromisso. — replicou Tristan, severo.

— Ah, que bom que o acidente não o furtou de sua sensatez, caro amigo.

— Pois não parece que fui muito sensato ficando noivo de uma moça que mal conheço.

— Estou certo que em breve suas lembranças voltarão ao normal e recordará de tudo que fez e falou, pois estava feliz como nunca com esse compromisso.

Tristan coçou a cabeça. Noivo? Por que havia feito isso? Será essa moça tão irresistível para que resolvesse me casar com ela assim, tão de repente? Ou talvez tenha havido alguma outra razão? Limpou a garganta e muniu-se de coragem para perguntar, fingindo uma calma que não sentia de forma alguma:

— Querem me fazer crer que a senhorita Juliet Fiennes virou a cabeça dos homens londrinos, inclusive a minha... Pois bem, me digam logo: Eu fiquei noivo porque gostei dessa moça realmente ou porque passei dos limites com ela e a arruinei em algum jardim?

Jake e Grayson deram uma boa risada.

— Quase fizeste um estrago com a reputação dela, de fato, seu safado. Mas não por causa de algo que aprontaste num jardim sombrio, e sim pelo que fizeste durante o dia, descaradamente, diante de todos. — disse Jake.

— Malevolamente articulado o seu plano, funcionou bem a seus propósitos de mantê-la junto a você, e afastar a concorrência dando a entender que possuía Juliet. Totalmente. Virou um mestre e firmou-se como exemplo para muitos rapazes londrinos depois disso, Tristan... Mau exemplo, claro. — acrescentou Grayson, ainda rindo.

Tristan arregalou os olhos. Muitos cavalheiros comprometiam as damas propositalmente, para obrigá-las a casar com eles, mas não imaginava que seria capaz de tal ato ardiloso também.

— Por Deus! Comprometi a moça e ela viu-se obrigada a aceitar minha corte?

— Tenho mesmo que participar dessa conversa? É cansativa. —reclamou Grayson, olhando para Jake. — Por que não damos logo uma paulada na cabeça dele para ver se ele volta ao normal?

— Ou esperamos que Juliet o faça quando ele a encher de perguntas irritantes e constrangedoras. — Jake voltou-se para Tristan e sorriu, pacientemente — Ouça, amigo, Juliet dificilmente faria algo que não quisesse. Não se preocupe quanto a isso, ela o ama perdidamente. Está nos olhos, nos modos, na forma que fala de você. Tu que foste um cafajeste apressado e quis exibí-la como sua para todas a Londres antes mesmo de oficializar qualquer pedido.

— E ela... simplesmente aceitou minha atitude?

— Quer os detalhes sórdidos? Pois não me contaste, mas o que eu sei é isto: Desfilou sozinho com ela, beijou-a em público diversas vezes, exibiu-a em horas e locais indevidos, premeditadamente, visando atrair atenção dos fofoqueiros, pois sendo você o mal-afamado que é, sempre provoca desconfiança e mexericos. Não faço idéia de como ela reagiu quando deu-se conta do seu ardil, mas imagino que não deve ter dado risada. Você não é, e nunca foi, afeito a convenções, mas quanto a ela, penso que foi apanhada de surpresa no olho do furacão, porém resignou-se. — Jake deu de ombros.

— Então gosta mesmo de mim...

— É. É meio louca, pobrezinha... — Grayson riu.

— Enfrentou a família que queria levá-la de volta pra Southsea só para acompanhar sua recuperação. — completou Jake — É uma mocinha atrevida, mas também adorável.

Tristan deslizou nos travesseiros, com um sorriso nos lábios:

— Acho que vou gostar de apaixonar-me por ela mais uma vez... Mande chamá-la, Jake!

— Nesse momento? Nem pensar. Já é quase noite e ainda teríamos que explicar a ela sobre seu novo problema, Tristan. É demais para a moça em tão pouco tempo. Amanhã é sábado e podemos preparar sua noiva para o que vai enfrentar.

Tristan revirou os olhos, aborrecido. Já estava ansioso para conhecer sua “noiva”, mas o amigo estava certo, seria um baque para a jovem também saber que simplesmente havia



sido esquecida. Concordou com relutância que seria melhor esperar mais um dia. Mas, surpreendeu-se quando notou que a região do baixo ventre reagia à expectativa de encontrar com a senhorita Juliet, de uma forma bem pouco cavalheiresca.

Jake resolveu que o mais sensato seria Suzanne, melhor amiga de Juliet agora, avisar a noiva de Tristan o que a esperava. Conversaria com a prima, e ela saberia como preparar Juliet para o encontro com seu noivo convalescente. Explicou tudo ao amigo, e despediu-se, pronto para ajudar a apagar aquele incêndio inesperado.

\*\*\*\*\*

Juliet observava as próprias mãos sobre o colo, e depois ao chapéu de palha cheio de florzinhas presas à fita de cetim azul celeste que segurava. O chapéu combinava excepcionalmente bem com seu vestido de musselina. Não o tinha escolhido para agradar Tristan, mas agora decidira-se a ir com esse traje até a mansão W. Não passaria novamente em sua casa para trocar-se, pois não estava certa se teria forças para sair novamente, ou se acabaria por atirar-se à cama, onde ficaria até se desfazer totalmente em lágrimas, sentindo pena de si mesma. Suzanne, sentada atrás dela sobre uma toalha quadriculada no gramado de Hyde Park, fazendo várias tranças em seu cabelo com o intuito de acalmá-la depois de destilar, a conta gotas, e com uma ternura quase maternal, a terrível notícia de que Tristan perdera a memória. Não toda a memória. Só o que dizia respeito a aproximadamente dois ou três meses. Só o que dizia respeito a Juliet. Tristan lembrava de todos os amigos e de todos os familiares, e segundo a amiga, lembrava até do cachorrinho Bóris. Como assim lembrava até do cachorro, mas não lembrava dela? Era um balde de água fria em sua auto-estima, que andava tão fragilizada já havia muito tempo.

Quando Suzanne aparecera em sua casa àquela manhã, com uma cesta de piquenique nas mãos que se retorciam quase involuntariamente, e um sorriso triste que só surgia quando ela falava de amor, Juliet desconfiou. Mas teve uma triste e egoísta esperança que aquele passeio fosse para aplacar os anseios da própria Suzanne, não que fosse para prepará-la para uma nova batalha pelo senhor Smith, a pedido de Jake Rae. E quanto tempo levaria a luta dessa vez? Mais um mês? Seis? Um ano, ou dois? Aguentaria mais esse suplício? Maldito momento em que Tristan montara naquele cavalo para uma estúpida competição entre machos desvairados! Por quanto tempo ainda teriam que pagar por aquele acidente sem sentido?

Juliet não conseguiu reprimir um profundo suspiro de desânimo diante da nova tarefa hercúlea que se descortinava. Ouvira muitos relatos sobre perda de memória. Pessoas que levavam meses, até anos para terem suas lembranças de volta, e não desejava esforçar-se para pensar em algum caso em que as memórias não tivessem nunca retornado. Nem queria aventar essa hipótese. Ciente da presença de muitas pessoas conhecidas que passeavam no parque àquela manhã de sábado, conteve as lágrimas com dificuldade.

Suzanne, a melhor amiga que podia ter ao seu lado num momento de tensão, era uma rocha firme e intuitiva que a conhecia como se fossem irmãs, pressentiu sua tensão aumentar mesmo estando às suas costas:

— Juliet, pode falar o que quiser comigo. E se tiver vontade, pode xingar ou gritar. Dirija sua raiva para mim, faça de conta que estou puxando seu cabelo com força. Despeje sua ira, desabafe, você precisa. Não se importe com quem está a volta.

— Suzanne, se eu começar, não conseguirei parar nunca mais... Vou me desfazer aqui de tanta frustração e não conseguirei recolher os pedaços. — Juliet soluçou. Forçou-se a erguer os olhos, e avistou o marquês de Brighton se aproximando. Não se surpreendeu. Ele estava sempre por perto, e era sem dúvida o mais poderoso ombro amigo para se apoiar. E, é claro, podia farejar Suzanne a milhas de distância, e então era certo que em algum momento do piquenique ele apareceria. Juliet pigarreou, voltando levemente o rosto para trás, já sabendo que a amiga também o havia avistado. Era impossível que ele passasse despercebido, mesmo a uma boa distância.

— O marquês é o... — começou Juliet, mas Suzanne deu um puxão forte no seu cabelo para calá-la.

— Se disser mais uma vez algo do tipo “o marquês é um dos homens mais decentes e gentis do mundo”, eu juro que encherei seus cabelos de nós ao invés de tranças!

Juliet deu de ombros e calou-se. Não porque temesse que a amiga enchesse mesmo de nós as suas longas madeixas, mas porque a aspereza na voz de uma moça sempre muito controlada e firme, dizia mais do que qualquer coisa. Deu uma risadinha vitoriosa, e Suzanne deu um tapa em seu ombro, sabendo que havia se entregado:

— Ai! — Juliet resmungou.

— Quieta.

— Senhoritas. — cumprimentou-as gentilmente o marquês — Posso sentar-me com vocês?

Sentou-se na toalha sem esperar autorização, recebendo um suave menear de cabeças como resposta.

— Estão lindas, como sempre. São um presente para meus olhos nessa manhã... — sorriu-lhes, galantemente.

As moças que passeavam com suas tutoras no parque olhavam Juliet e Suzanne com indisfarçável inveja. Não era comum ver o marquês de Brighton circulando durante o dia, sendo o conhecido ser noturno que era, muito menos vê-lo num momento de clara descontração e provável flerte com damas solteiras de boa reputação. Nos últimos tempos Sua Graça estava cada vez mais bem comportado, seu nome não surgia mais tão frequentemente associado às mulheres de comportamento duvidoso, às jogatinas escandalosamente esbanjadoras e porres homéricos. A sociedade já especulava que havia algo acontecendo com ele, e a curiosidade sobre o nome de quem era seu atual objeto de desejo e o possível compromisso que adviria disso, fomentava apostas. Pressentia-se que um dos mais influentes lordes do parlamento estava prestes a assentar-se e compor família, e a identidade da escolhida constituía instigante mistério. Os rumores cresciam rapidamente.

Aparentemente Robert não se incomodava nem um pouco de ser o centro da curiosidade do momento, e tranquilamente buscava na cesta de Suzanne algo para comer, alheio aos olhares esperançosos das mães caçadoras de maridos ricos para suas crias. Só depois de escolher um pedaço de bolo com cobertura cremosa voltou seu olhar às moças:

— E então, o que está acontecendo? — olhou de uma para a outra, detectando a tensão no ar, enquanto comia.

— Tristan despertou — retrucou Suzanne, voltando a concentrar-se nas tranças, separando-as em duas partes, torcendo-as e começando a prende-las nas laterais da cabeça de Juliet, como as nobres usavam na idade média.

— Isso é ótimo! — sorriu, mas percebeu que elas não estavam empolgadas, e franziu a testa — Não é ótimo?

— Sofreu uma perda de memória e não lembra mais de mim... — murmurou Juliet, baixando os olhos marejados — Quantas vezes mais vou perder Tristan? Não sei até quando posso suportar.

Olhou suas mãos e percebeu que Suzanne pegava uma e Robert pegava a outra, dando-lhe conforto. Seu olhar também encontrou as mãos dos melhores amigos entrelaçadas e esse foi seu maior consolo. Pelo menos alguém ali podia ter boas chances de ser feliz.

Empertigou-se, pegando emprestada a confiança que seus melhores amigos lhe ofereciam. Precisava encarar a realidade. Quanto antes confrontasse seu noivo, maiores as chances de que se lembrasse dela. Ergueu a cabeça, e encarou Suzanne:

— Vou ver Tristan agora. — seu olhar pedia ajuda à amiga.

— Vamos acompanhá-la — disse simplesmente Suzanne, e sorriu calorosamente, com a boca de lábios rubros e volumosos que encantava e hipnotizava qualquer ser do sexo masculino e causava admiração no sexo feminino. Juliet amou ainda mais a melhor amiga naquele momento, porque nunca precisava pedir nada a ela, sempre adivinhava seus pensamentos. Robert nem sequer piscou diante da decisão que a moça ruiva tomara por ele. Simplesmente levantou-se e ajudou-as respeitosamente a erguerem-se, recolhendo a cesta e a toalha, e carregando tudo como um bom cavalheiro. Caminharam em silêncio até a carruagem com o brasão do marquês, e o laçao abriu a porta ajudando as moças a subirem. Em seguida partiram para a mansão de Smith, em calada reflexão.

O dia, que havia amanhecido glorioso, dava mostras de sua instabilidade e se cobria de nuvens acinzentadas. Juliet olhou pela janelinha da luxuosa carruagem, enquanto sentia a cadência sacolejante do veículo sobre as ruas da cidade. O tempo parecia oscilar como seu espírito. Sentia a dor e a frustração tomarem outra forma enquanto se aproximavam da magnífica construção que atendia pelo apelido de W. Não sabia exatamente a quem ou a que a raiva crescente em seu peito se destinava, mas estava lá, pulsando e circulando por suas veias, distribuindo-se por todos os membros, invadindo os poros do mesmo modo que o amor por Tristan havia feito um dia, e talvez na mesma proporção. Era assustador e deu-lhe um profundo e opressor mal estar, e de tal modo que quando seus pés tocaram os primeiros degraus da bela residência, Juliet parecia uma chaleira prestes a apitar. Ou explodir.

Jake, bom apreciador e fã ardoroso das mulheres, sabedor de que a ansiedade era característica marcante na maioria das damas, havia se dirigido para a casa do melhor amigo no mesmo momento em que sua prima Suzanne saía para a casa da noiva deste, e aguardava, pacientemente, o momento em que Juliet entraria no quarto de Tristan. Esperava ser útil de alguma forma, e tinha esperança que a presença da noiva pudesse trazer a memória do enfermo de volta no momento em que a avistasse. Lady Clarissa mantivera-se à margem daquele encontro a pedido do advogado, acatando-lhe a vontade, resignada. Jake sentou-se confortavelmente numa poltrona diante da imensa cama onde o amigo dormitava sob efeitos de remédios que o Dr. Turner havia lhe prescrito. Não o despertou nem lhe mandou trocar de roupas e preparar-se para o encontro porque não

desejava lhe deixar agitado, mas sabia tão certo como dois e dois eram quatro, que Juliet a qualquer momento atravessaria a porta.

Quando a tempestade baixou sobre Londres, Juliet e seus dois fiéis escudeiros já estavam à entrada da mansão de seu noivo.

Tristan começou a remexer-se entre os lençóis no mesmo instante em que Juliet elevou a mão para bater à porta principal. Sentou-se enquanto sua noiva, já no primeiro piso, aguardava que o mordomo conduzisse a ela, Suzanne e Robert ao quarto do dono da casa. Teve uma vontade súbita de levantar-se da cama e trocar de roupa, mas não houve tempo. Bateram na porta. Estava magicamente alerta quando a porta do quarto abriu-se e três pessoas foram introduzidas ao recinto. Reconheceu Barker, que foi até ele e apertou-lhe a mão amigavelmente. Sua atenção, no entanto, estava nas moças que o acompanhavam. Não precisava ser gênio para deduzir que uma delas era Juliet Fiennes. Olhou a ruiva alta, de beleza inquestionável, e olhos verdes melancólicos, e em seguida voltou sua atenção para a outra moça. Sentiu-se sem fôlego. Era a personificação de uma divindade que o olhava fixamente, um ser mágico indefinido, que tanto podia pertencer a um templo como a uma floresta. Os olhos e o rosto exótico formavam um instigante contraste com a pele imaculada e clara, o penteado trançado fazendo moldura para a face incomum dava-lhe ares ainda mais etéreos. Sabia que aquela moça era sua prometida, assim como sabia que a descobriria mesmo que estivesse num salão lotado de beldades disponíveis apenas para ele. Encararam-se intensamente, sem necessitar apresentações. Os olhos castanhos da moça tinham um brilho difícil de decifrar a princípio, mas Tristan conseguiu compreender: Juliet estava em um conflito consigo mesma. Podia entender porque. Afinal, depois de um longo período, o noivo que ela ansiava voltar para seus braços despertava como se fosse um desconhecido. Era doloroso para si mesmo, e devia ser ainda mais para aquela adorável criatura, que devia ser sensível e meiga.

Juliet encarou Tristan, que a fitava com a mesma expressão da primeira vez: um misto indiscutível de curiosidade, diversão e desejo. Sentiu um tremor subir da sola dos pés, vibrar na região da pélvis, sacudir no estômago e eclodir em sua boca. Encaminhou-se até ele, e estendeu-lhe a mão enluvada.

Tristan pegou a pequenina mão e a observou por somente um segundo antes de retirar-lhe a luva, com dedos hábeis e rápidos. Juliet tentou recolher a mão instintivamente, mas o noivo a reteve com firmeza, e ela apenas ficou olhando-o despi-la de sua luva de um jeito que a fez ruborizar, como se a estivesse pondo nua.

Meu Deus, pensou ela, desnuda-me sem sequer me conhecer!

Ele ficou admirando o anel de noivado que a moça ostentava, sem perceber que ela estava com as faces rubras.

— Você o escolheu? — indagou Tristan, olhando a jóia sem piscar.

— Não. Foi você.

— Muito romântico. Você gostou? — perguntou, em voz baixa, enquanto seus dedos faziam uma sutil massagem na mão de Juliet.

Juliet indagou-se por um momento se a pergunta era sobre seu atrevimento ao retirar-lhe a luva sem pedir, ou se era sobre a beleza do anel.

— Sim, eu adorei.

— Que bom... — disse, erguendo a vista para pousar os olhos cinza novamente em Juliet. Beijou-lhe a mão, vagorosamente, sem deixar de encará-la.

Depois sorriu, do modo encantador que sempre desarmava Juliet.

— Que bobagem a minha. — disse Tristan — Não estamos nos conhecendo agora, verdade? Somos noivos. Penso que deve me conhecer bastante bem, e estou aqui cerimoniosamente beijando-lhe a mão. A mão nua, o que já é alguma coisa, já que a maioria das moças mantém um recato exagerado em relação à maciez de sua pele, superestimando-a, concorda?

— Sim. — ela gaguejou a palavra, presa à mão e aos olhos dele.

— Sabia que concordaria. Com ou sem memória estou ciente que jamais cumprimentaria minha noiva com um beijo na mão, e sim com um na boca.

Jake deu um suspiro alto e enfiou as mãos nos bolsos, aproximando-se da janela e observando a chuva bater violentamente nas vidraças fechadas. Trocou olhares com o marquês, que tinha um sorriso malicioso desenhado na boca, e com Suzanne, que tinha uma sobrancelha erguida. Aguardavam a reação de Juliet.

Juliet olhava Tristan, perplexa.

— E então? Dá-me meu beijo, minha noivinha?

Um turbilhão de emoções passou pela cabeça de Juliet. Embora aquele rosto fosse seu conhecido e muito amado, a essência que o habitava naquele momento não o era, e a perspectiva de beijar na boca de um desconhecido era, no mínimo, estranha. No entanto, não havia uma razão lógica para negar-se, já que ele era mesmo seu noivo. Inclinou-se e roçou seus lábios nos dele rapidamente, sentindo o familiar calor que Tristan lhe

provocava descendo até suas entranhas. Ele também sentiu, e tentou retê-la quando sua boca se afastou.

Tristan conhecia a si mesmo o suficiente para saber que jamais uma moça bonita lhe escaparia sem um beijo de verdade, com contato das línguas. E se fazia isso com exacerbada desenvoltura entre arbustos, com desconhecidas, era certo que fazia mais ainda com sua noiva. Se aquele toque de lábios insignificante já dera mostra que podiam surgir faíscas entre eles, então Tristan precisava provar um pouco mais.

Juliet retrocedeu ao mesmo tempo em que Tristan ergueu-se parcialmente dos lençóis e segurou-lhe também a outra mão. Atraiu-a para perto com doçura e murmurou para que os amigos não os ouvissem:

— Isso não foi um beijo.

— Foi sim. — ela protestou, os olhos arregalados de espanto.

— Sabe que não. Sabe muito bem que eu não aceitaria só isso. — sentia o sangue correndo mais rápido nas veias por causa daquela moça.

— Então... se lembra? — indagou, esperançosa, inclinando o rosto de um modo que Tristan achou simplesmente adorável.

Aproximou-a ainda mais dele, e Juliet deixou-se levar.

— Não preciso. Sei que nunca permitiria que uma beleza como você me negasse um beijo completo, lábios e língua. — respondeu, com olhos semicerrados.

Parecia a Juliet ter levado uma bofetada. Recuou no exato momento que ele terminou a frase. E a raiva que estava escondida em seu peito, afluiu.

— Se pensa que vou permitir-lhe um beijo usando... um beijo com... de língua, ainda mais na frente de outras pessoas, está enganado!

— Quer que eu peça a eles que saiam? — pressentira a ira dela surgindo, e como era Tristan, independente de ter ou não memórias completas, divertiu-se. Um sorriso malévolo sombreou-lhe os lábios e esticou seu corpo até o dela — Quero o meu beijo, o que tenho por direito.

Ela bufou e com um safanão libertou as mãos, afastando-se vários passos:

— Então faça por merecer, Tristan. Comporte-se como meu noivo e não como um cafajeste aproveitador.

Os amigos acompanhavam o embate com assombro e interesse. O casal falava cada vez mais alto.

— O que?? Mas sou teu noivo! — saiu do leito, sem se importar que usava apenas um camisolão fino.

Juliet titubeou, admirando-lhe as pernas, mas os olhos ainda mantinham-se furiosos.

Agora Tristan é que estava irritado, indagando-se onde estava a noiva meiga que supunha que tivesse. Segurou-a pelos braços num movimento brusco.

Jake e Robert deram um passo a frente ao vê-lo segurar Juliet com rudeza, mas Suzanne pousou a mão em cada um deles ao mesmo tempo, e os deteve com um olhar de advertência:

— Esperem.

Tristan e Juliet encararam-se por algum tempo, como gladiadores numa arena, analisando-se mutuamente. Ela não tentou desvencilhar-se do noivo. Mas tocar a pele de Juliet e tê-la diante de si, desestabilizou Tristan. A expressão dele foi suavizando bem devagar, e os olhos cinza chumbo clareando diante dela, de um modo que a fez derreter-se desavergonhadamente. Não deu-se muito conta de que ele a aproximava mais e mais até que seus seios bateram na muralha que era o peito forte de Tristan. Mesmo após o longo período de convalescença, Juliet ainda podia perceber os músculos bem definidos do homem que adorava cavalgar e treinava pugilismo com os amigos.

As mãos de Tristan deslizaram dos braços para os ombros de Juliet, com suavidade.

— Perdoe-me se te pareci um cretino que queria aproveitar-me de uma moça que acabei de conhecer. Sei que para você está sendo difícil, primeiro um noivo quase morto, e agora um noivo sem memória. — falou, suavemente, massageando os ombros de Juliet com as pontas dos dedos — Mas nem por um momento passou por minha cabeça desrespeitá-la. Quero relembrar como éramos, mas mesmo que isso não aconteça, não abrirei mão de nosso compromisso, Juliet. No instante em que a vi entrar no quarto sabia que era minha e que eu era teu.

Tristan curvou o rosto gentilmente em direção ao de Juliet e sua boca capturou a dela. As línguas se encontraram mostrando o quanto estavam habituadas aquele ritual erotizado, deleitando-se. O abraço estreitou-se e pareciam um só, colados, sôfregos, e quase esquecidos de que não estavam a sós.

— Magistral — murmurou Jake, sorrindo.

O marquês assentiu, com o mesmo sorriso malicioso.

Suzanne lançou aos homens um olhar de reprovação.



Juliet apartou-se de Tristan, assustada consigo mesma por deixar-se apanhar com tanta facilidade, constatando, e certamente todos ali pensavam a mesma coisa, que se não fosse pela presença dos amigos no quarto, Tristan teria levado-a a cama sem muita dificuldade, apaixonada e saudosa como estava. Registrou o problema em sua mente, já pensando em como faria para proteger-se da próxima vez. Mesmo que aquele a quem havia beijado com tanta intensidade fosse seu noivo, não conseguia libertar-se da incômoda sensação de estar cometendo uma infidelidade. Levou os dedos aos próprios lábios, sentindo-os arder. Urgia que aquele lapso de memória fosse logo consertado, para o bem da sanidade da própria Juliet. Ergueu a vista e lá estava a confirmação de seu engano. O homem olhava-a com tanta lassidão como se estivesse diante de uma prostituta de seios expostos na rua.

E ela, por conseguinte, como uma perfeita rameira se sentia. Enrubescou.

— Preciso ir. — ela retrucou, correndo do quarto e sendo imediatamente seguida por Suzanne.

— Juliet, não vá. — Pediu Tristan, ainda tentando segura-la. Suspirou quando a viu sair.

— Foi realmente um golpe de mestre, mas assustou a lebre, Tristan. — replicou Jake — Sempre apressado...

Tristan deu de ombros:

— Não pude evitar. Ela me tirou do sério. — desabou na cama, pensativo — Se não voltar amanhã, terei que ir buscá-la, não é assim, Jake? Você a conhece... ela voltará?

Jake e Barker deram uma risada alta.

— Ah, voltará, nem que seja para esbofeteá-lo, Tristan. Acha que ela desistirá tão fácil depois de ter confrontado os dois irmãos por sua causa? Se visse o tamanho e a largura dos teus cunhados, entenderia que sua dama não tem medo de um desafio e de uma boa briga.

— Bem, então devo aprender a comportar-me, pois não? — riu.

— Ela lhe fez reaver suas lembranças? — indagou o marquês, que havia ficado no quarto. Sabia que não seria bem vindo por Juliet naquele momento, e que Suzanne certamente o rechaçaria duramente se tentasse aproximar-se. Conhecia as mulheres o suficiente, e aquelas duas ele conhecia ainda melhor do que a quaisquer outras que encontrara em toda sua vida. Preferia abster-se de ser maltratado.

— Não. Infelizmente não, Barker. — olhou Jake e franziu o cenho — Ei, ela não é uma moça dócil e gentil!

— Nunca disse que fosse. — riu Jake — Mas tu a escolheste assim mesmo. E digo-lhe, não podia ter escolhido melhor.

— Estou certo disso. Bem como estou certo de que a escolheria mil vezes, em mil vidas, se fosse o caso. É perfeita para mim, posso sentir. — sentia por dentro e por fora.

O marquês sorriu:

— É, sem dúvida. Agora, faça-me o favor de mandar seu mordomo buscar uma garrafa de uísque para mim e Jake. Quem está enfermo é você, não nós. E até agora estava tão embevecido com os atributos de sua noiva que esqueceu as normas de bom anfitrião com teus amigos.

Tristan sorriu e puxou a campainha, chamando um criado.

\*\*\*\*\*

— É um salafrário da pior espécie, e eu uma parva! Viste? Viste, Suzanne como me comportei? Como uma, como uma... — Juliet não podia completar a frase enquanto descia as escadas para o primeiro piso da mansão W de forma perigosamente rápida. A amiga estava em seus calcanhares.

— Como uma mulher apaixonada! — retrucou Suzanne, asperamente.

Juliet estacou ao pé da escada e voltou-se para Suzanne:

— Comportei-me vergonhosamente.

— Não acho. Se alguém se comportou mal, foi o senhor Smith, e mesmo assim deve se levar em conta que é teu noivo.

— Nem me conhece!

— E já ficou louco por ti. Não te parece bom sinal?

O mordomo as ouviu e aproximou-se, solícito.

— Jeffrey — Juliet recompôs-se diante do mordomo de Tristan — Por favor, conseguimos um coche?

A chuva se aplacava, mas conseguir uma carruagem de aluguel naquele momento podia ser difícil. O homem pensou rápido:

— Pedirei que Randall as leve na carruagem de Sua Senhoria. Estou certo que meu senhor quererá que sua noiva e a amiga dela cheguem em segurança às suas residências.

“Sua senhoria”... Juliet estava tão amargurada que quase cuspiu no chão para demonstrar a raiva e desprezo que sentia.

Suzanne pressentiu-lhe os sentimentos, como sempre, e enquanto o mordomo Jeffrey se afastava, pôs a mão no braço da amiga.

— Ah, Juliet, entenda. Os homens não somos como nós. Eles são animais com um terrível instinto que pressente o momento exato em que estamos frágeis, e se aproveitam disso para dar o bote certo. Não exatamente por maldade — deu de ombros — É de sua natureza...

— Não conheço este Tristan que se me apresenta hoje. Eu o odeio. E o amo. Como é possível? — seus olhos brilhavam com as lágrimas de frustração que se formavam teimosamente.

— Não sei como é possível, mas a entendo perfeitamente. Vamos, que o mordomo já nos aguarda, e a senhora Ellen deve achar que fomos levadas por uma enxurrada. Oh, agora lembro-me que minha cesta ficou na carruagem do marquês. Preciso pega-la. — correu até a carruagem parada em frente a casa para falar ao cocheiro de Brighton, e Juliet viu-se por um instante sozinha.

Voltou-se para encarar o lar de seu noivo e mais uma vez penalizou-se. Se eu tivesse ficado naquele dia, se tivesse passado a noite com Tristan, como ele pedira... tudo teria sido diferente... Era bom que ele tivesse perdido a memória, senão lembraria que a culpa de sua enfermidade era de Juliet.

Quando entrou na carruagem de Tristan, o fez como se estivesse num sonho, como se nada daquilo fosse real. Chegou em casa sem perceber como, e quando a amiga cutucou-lhe para que levantasse, notou que estivera alheia a tudo. Desceu do coche sem sentir que as pernas se moviam e foi direto a seu quarto. Jogou-se na cama indiferente aos apelos da criada para que se trocasse, ignorando o olhar perplexo da senhora Ellen. Fechou os olhos e só despertou por volta do meio dia de domingo, com novo ânimo. Olhou-se no espelho enquanto escovava os cabelos, fazendo uma promessa a si mesma:

— Vou trazer o meu Tristan de volta. Custe o que custar. E vou mandar o que ficou no lugar dele de volta ao inferno de onde nunca devia ter saído.

\*\*\*\*\*

O ser do inferno era bonito, simpático, tinha muitos amigos e várias admiradoras, levando-se em conta como estava cheia a W House naquele domingo. No primeiro piso dera-se conta da agitação na residência: havia pessoas subindo e descendo escadas com copos na mão, animadamente. No segundo piso, numa ampla sala de visitas próxima ao quarto de Tristan, as pessoas estavam com espírito festivo, bebericando licores e conversando sobre o surpreendente despertar do dono da casa. Juliet, no entanto, não estava com disposição para folguedos, e sim com a hostilidade ideal para um campo de batalha. Respirou fundo e girou nos calcanhares, prestes a procurar a senhora Ellen que havia ficado no primeiro piso em companhia de lady Clarissa e bater em retirada imediatamente, antes de ser vista pelo noivo infernal.

— Vai deixar a arena sem nenhum confronto? Decepçiona-me.

Voltou-se para cumprimentar o dono da voz brincalhona, Timothy Flanagan.

— Milorde. — meneou a cabeça educadamente ao homem que conhecera melhor no período de coma de Tristan. Tanto tempo rodeando o hospital serviu para que fizesse amizade com toda a família e amigos do noivo.

— Não acredito que vai-se sem mostrar a essas damas caçadoras de marido que apesar de tudo ainda é a noiva do nosso estimado anfitrião.

— Como todos de Londres, as senhoras devem ter se inteirado da perda da memória do senhor Smith, e já que agora sabem que não é um crápula, tentam pôr suas filhas em meu lugar — deu de ombros — não vim aqui para esse tipo de disputa.

— Pois deveria ser mais cuidadosa com seu território. Não sei se é consciente de que além de rico e bem sucedido, vosso noivo herdará um baronato um dia. Seu tio não teve varões, e seu título não seguirá para suas filhas e sim para Tristan, o sobrinho mais velho. Se as damas da sociedade já estão alvoroçadas agora, imagine depois... Eu sei bem do que estou falando, pois também sofro perseguições de moças casadoiras, e olhe que sou realmente muito mal visto. Não importa o quanto os homens se comportem mal, se forem solteiros e abastados, serão sempre avaliados como maridos em potencial. — Tim aproximou-se de Juliet e observou as luvas de cetim com uma longa carreira de pequeninos botões — Tiremos isso. Deve ostentar seu anel de compromisso, e não escondê-lo sob o tecido.

Com agilidade impressionante foi abrindo os botõezinhos, sem dar a moça tempo de protestar. Devia estar bem habituado a ter suas vontades atendidas, mas Juliet não se incomodou com isso, pois apesar de todas as insinuações travessas em suas respostas, nunca a ofendera e nem passara dos limites. Inclusive, depois do acidente de Tristan, os

lordes Tim e Robert, amigos de longa data, mostravam-se extremamente protetores em relação ao casal, como se assumissem o lugar de irmãos mais velhos.

— É mais rápido que minha criada — replicou Juliet, olhando fascinada os movimentos dele.

— São anos de experiência em abrir botões femininos. — sorriu, malicioso, com os olhos escuros brilhando — Todos os tipos de botões.

Juliet lançou-lhe um olhar divertido. Normalmente ria da resposta marota, mas não hoje, com a mente confusa e tensa. Forçou-se a manter a conversa com lorde Tim, que sempre lançava um comentário inteligente ou apenas engraçado quando instigado, não a subestimava por ser jovem e geralmente sabia como aliviar a tensão de qualquer ambiente.

— Deus proteja a moça que é alvo de sua cobiça, milorde, pois não sei como ela sairá incólume a seus encantos. — provocou-o, como de hábito, aguardando suas respostas picantes. O visconde costumava ser desavergonhadamente dúbio. E quando resolvia ser direto, era ainda pior.

— Não sairá, minha querida. Mas não se preocupe, pois as marcas que deixo nunca são visíveis. — riu suavemente, piscando um olho e terminando de tirar-lhe as luvas — Se não fosse noiva, poderias averiguar...

Ela bateu-lhe com o leque no braço, fingindo scandalizar-se:

— Oh, atrevido!

Mas logo estava taciturna novamente, olhando as luvas que Timothy lhe devolvia.

— Agora, diz-me onde está.

— Onde está o que? — perguntou, confusa.

— Teu sorriso. Aquele, jovial e encantador. — inclinou a cabeça charmosamente em direção a ela, como se o procurasse em seu rosto.

— Temo que tenha sido esmagado às patas de um cavalo chamado Perseu, meu caro amigo. — suspirou, suavemente.

— Pois eu mesmo matei esse monstro, então resgatas tua alegria, minha querida senhorita. É questão de tempo que as coisas se ajeitem, e com um sorriso nos lábios tudo ficará mais fácil. — alisou uma de suas mãos com gentileza.

— Tim! — uma voz bem humorada elevou-se do fundo da sala — Veio visitar-me ou está apenas a cortejar minha noiva?

— É nossa deixa, milady — sorriu Tim, oferecendo o braço à Juliet, de modo que sua mão ficasse bem visível, e ela ostentasse a jóia recebida de Tristan — Vê que seu noivo já deixou bem claro sua posição aqui dentro. Para as damas e também para os cavalheiros...

Passaram pelos amigos de Tristan com graça, e Juliet nem sequer olhou para as moças despeitadas que abriam-lhe passagem a contra-gosto. O dono da casa aguardava junto a uma confortável poltrona, no outro lado do aposento.

Tim apertou-lhe a mão, dando um tapinha em seus ombro:

— Vim verificar se sua noiva me queria, já que tu tens preferido os braços de Morfeu aos dela!

Tristan deu uma risada:

— Te acauteles, estou bem desperto agora.

— Faço gosto que estejas bem e anseio por uma boa partida de uíste. Estipule o valor da aposta.

— O farei em mais alguns dias.

Tim sorriu e afastou-se para cumprimentar outros amigos, deixando os noivos a sós.

Juliet deu uma boa olhada em Tristan, que tinha o rosto mais colorido hoje, e vestia-se com apuro, o colete roxo com bordados pretos formava um belo conjunto com a gravata, a jaqueta e as calças negras. Estava bem atraente. Como sempre.

— Boa tarde, minha cara noivinha — Tristan deixou-se observar com uma ponta de diversão, e agora a fitava sério — Não sei se tens ciência que sou ciumento e possessivo. Ontem vieste aqui com Barker, e hoje chegas de braços dados com Flanagan! É seu desejo afrontar-me com os mais notórios libertinos da cidade?

— São teus amigos, e veja bem, os estimo. De fato acho que tenho uma lamentável simpatia por homens de pouco caráter. — olhou-o significativamente.

Tristan disfarçou o choque com a resposta dela. Olhou-a de cima a baixo, observando cada detalhe de sua noiva, provocando-a com ar de cafajeste, para fazer jus à ofensa proferida. Irritou-se mais ainda porque seu olhar perscrutador ao invés de constrangê-la, causou nele uma incontrolável onda de desejo. A bruxa maldosa usava um vestido de estampa floral com um decote que não mostrava absolutamente nada a mais do que uma parte dos ombros, mas o deixou totalmente aceso. Aproximou seu rosto ao de Juliet:

— Beije teu noivo de pouco caráter — pediu, quase sibilante.

Juliet não pestanejou. Debruçou-se sobre ele arrebatando-o com um atrevido beijo de língua, sem importar-se com o número de observadores em volta.

Tristan estava ainda de olhos fechados quando ela se separou dele. Empertigou-se imediatamente, e murmurou:

— Que está fazendo?

— Não foi o que queria ontem? — indagou, indiferente.

— Ontem estávamos entre amigos íntimos, hoje toda a sociedade de Londres está presente! — replicou, ainda em voz baixa — Pensarão que é minha amante...

— Sinto, querido. Mas é que também sou possessiva e ciumenta, e se não afastas minhas rivais, eu o farei a meu modo.

— Marcas teu território como um macho faria. — grunhiu, aborrecido.

— Aprendi com meu noivo. Mas isso não seria necessário se não permitisse que essas damas, que há três meses nem lhe faziam caso, tratassem-no hoje com tanta familiaridade.

— Quer que mande a todos embora? — zombou.

— Agora mesmo.

— E o que ganharei em troca? — perguntou, cada palavra pronunciada com estudada lentidão.

Ela estreitou os olhos para encará-lo. Tristan sorriu com malícia:

— Ora, não quero decepcioná-la quanto ao meu caráter degenerado, querida...

Tristan não facilitava uma conversa pacífica, mas Juliet tampouco economizava nas respostas quando provocada.

— Não se preocupe, meu senhor, pois dificilmente conseguiria me decepcionar mais do que consegui ontem. — replicou amargamente — Lembra-se até de seu cachorro, mas não lembra de tua noiva. E quando enfim a conhece, ao invés de preocupar-se com essa terrível situação, comporta-se como um animal no cio.

O olhar dele agora era furioso. Como uma dama atrevia-se a falar-lhe desse modo? E justamente sua noiva?

— Animal no cio? Talvez. Encontrei uma fêmea no meu quarto ontem que exalava um aroma de desejo tão intenso, que simplesmente não pude conter o meu. Pena que a platéia em volta não nos deu oportunidade de saciarmos nossos instintos...

Juliet não pôde conter uma exclamação de espanto diante da grosseria do noivo. Logo conteve-se, para não atrair mais atenção indesejada.

— Quase me enganou... é um arremedo, um embuste, e não o homem a quem meu desejo pertence. — murmurou, de olhos arregalados.

— Não tenho culpa de ter me acidentado e nem tampouco de ter minha memória afetada! E se pensa que isso não me incomoda, engana-se enormemente! Imagina meu espanto ao saber, assim, sem mais, que estou noivo de uma ilustre desconhecida, uma malcriada que me trata como se eu fosse um tremendo patife ao invés de seu prometido convalescente! Essa situação é um gigantesco incômodo para mim, senhorita, e não simplesmente uma oportunidade de arrebatar para meus lençóis uma donzelinha metida a esperta! — falava baixo, mas seu tom era carregado de ira.

Juliet sobressaltou-se. Tristan nunca havia lhe falado daquele jeito. Os olhos dela marejaram, e seus lábios tremeram ligeiramente. Esperara tanto tempo o despertar de seu noivo, e quem acordara era um demônio de palavras cruéis.

Tristan parou de reclamar ao ver as lágrimas prontas a se derramar dos olhos de sua noiva. Arrependeu-se de imediato, e sentiu uma agulhada de medo no peito. Ofendera-a. Seria de modo irremediável? Como pudera ser tão insensível e mal educado com Juliet? Sua mãe ficaria doente se sequer imaginasse as grosserias que o filho havia pronunciado. E ainda por cima, à própria noiva.

— Oh, não, não, não chore. Desculpe-me. Desculpe-me. Por favor, meu bem. — enlaçou-lhe a cintura, trazendo-a para perto. Beijou sua testa — Pronto, agora todos sabem que sou mesmo um patife insensível e mau, passando dos limites e fazendo-a chorar.

Jake e Matthew Fallentin estavam próximo deles, acompanhando o embate com discrição, e aproximaram-se quando Tristan lhes fez um pequeno sinal:

— Minha noiva está um pouco nervosa. Por favor, vigiem a porta para que não nos incomodem enquanto a acalmo, precisamos de um pouco de privacidade.

Os amigos assentiram, complacentemente.

Pegou Juliet pela mão e escapuliu com ela pela porta de acesso ao aposento contíguo. Sentaram-se lado a lado, nas confortáveis cadeiras estilo Luis XV no escritório de Tristan, mantendo aberta a porta que ligava os cômodos.

O rapaz mantinha a mão de sua noiva cativa na dele, acarinhando-a delicadamente.



— Lamento, Juliet. Sei que tudo tem sido muito difícil. — a insolência na voz havia dado espaço para uma ternura sincera, e Tristan estava incomodamente preocupado que sua noiva resolvesse sair de sua vida depois de ouvir as palavras duras ditas por ele. Não podia permitir tal coisa, pois, mesmo sem conhecer os detalhes de como a conquistara, Juliet era dele e ponto final.

Ela assentiu. As lágrimas corriam soltas e sem controle, e, de uma forma que afligia ainda mais Tristan, silenciosas.

— Preferia que esbravejasse, senhorita. Do jeito que faz, sinto-me de fato doente por dentro. Por favor, conta-me uma coisa... — aproximou-se como se dissesse algo confidencial — Sempre que estamos juntos torno-me um ser repugnante, e você, por sua vez, me trata como se eu fosse um inseto que merece ser esmigalhado?

Ela deu uma súbita risada, e ele também sorriu.

— Ah, que alívio! Ela sabe rir!

Tocou-lhe o rosto com gentileza, debruçando-se sobre sua cadeira.

— Não respondeu, Juliet. Nós brigamos muito?

— Às vezes. Você tem um humor... ácido. — respondeu ela, admirando os olhos cinza bem clarinhos, tão próximos. Seu choro estava diminuindo enfim, a fascinação por Tristan ali tão perto e tão gentil. ganhava espaço em sua mente, bloqueando sua tristeza. Remexeu-se, um pouco desconfortável.

— É verdade que gosto de provocar e tirar meus amigos do sério as vezes, mas faço isso também com você?

— Ah, sim. Acho que gosta de ouvir meus desaforos.

— Ou ver-lhe a expressão furiosa... — pensou que seria excitante.

— Talvez seja isso.

Tristan secou-lhe as últimas lágrimas.

— Tem o nariz mais lindo que já vi, ainda mais agora... tão rosadinho. — beijou-lhe a ponta, com carinho. Depois beijou-lhe os olhos, as bochechas e seus lábios pairaram sobre os dela — É toda linda, meu amor. Que tal selarmos um acordo de paz?

Ela concordou docilmente, de olhos semicerrados, e ele lhe deu um beijo suave, e para surpresa da moça, respeitoso.

— Agora que nos entendemos, por favor, diga-me como nos conhecemos. Estou curioso.

A jovem pensou um pouco, antes de arrumar as idéias. Concentrou-se no que deveria dizer, e resolveu contar a ele tudo que lhes havia acontecido no primeiro encontro, sem omitir nada.

Juliet narrou, com detalhes, como Tristan havia lhe descoberto no baile de lady Adelaide, como lhe ensinara a dançar, o diálogo dos amantes, a situação absurda com o vestido e por fim, os beijos. O noivo ouvia encantado tudo que lhe estava sendo relatado, rindo e espantando-se das atitudes que ele mesmo tomara, como se toda a história tivesse se passado com outra pessoa. Sorria mesmo depois que ela havia acabado a narrativa:

— Conta bem uma história, minha noiva.

— Fui fiel aos acontecimentos. — ela sorriu também.

Tristan escorregou um pouco na cadeira, pensativo. Seu sorriso foi esmorecendo até sumir totalmente.

— Sinto-me roubado. Entristece-me que tenha sido privado de lembranças tão especiais e importantes.

— Eu também sinto, realmente.

Tristan olhou-a bem nos olhos, o cinza agora mudara para um azul cristalino e líquido como as águas de um regato, e quando falou à noiva, sua voz tinha um tom de angústia tão intensa, que Juliet sentiu o coração se apertar:

— Ajude-me, Juliet.

Juliet piscou algumas vezes antes de falar:

— Farei absolutamente tudo para ajudar você, Tristan.

Se debruçou sobre ele, devolvendo o mesmo beijo carinhoso que seu noivo havia lhe dado antes. Tristan a encarou de um modo indecifrável, afundou o rosto em seu pescoço, e beijou-a suavemente, deslizando os lábios quentes em úmidas carícias até morder sua orelha.

— Quero vê-la diariamente, ficar o maior tempo possível ao seu lado. Necessito-te... — ele murmurou ao seu ouvido, causando-lhe arrepios — Fará isso por mim?

Ela concordou com a cabeça, sentindo o corpo emitir perigosos sinais. Mexeu-se nervosamente ao sentir as mãos do noivo envolverem sua cintura, tentando levá-la ao seu colo. Foi com alívio que viu o rosto de Jake surgir timidamente pelo vão da porta.

— Estão perguntando muito por você, Tristan.

Tristan se apartou um pouco de Juliet, contrariado.

— Voltemos, então, antes que sejamos assolados por um escândalo que ultrapasse fronteiras, pelo simples fato de estarmos aqui sozinhos...

Tristan manteve Juliet junto a ele todo o tempo, com o braço em volta de sua cintura, e embora lançasse a sua noiva olhares gentis, se mostrasse atencioso e nos seus olhos brilhasse a indiscutível chama da atração física, incomodava-a que ali faltasse o que antes havia de sobra: amor.

## CAPÍTULO IX

Já havia mais de uma quinzena que Juliet ia e voltava da residência de seu noivo religiosamente nos mesmos horários. Era sagrado: a carruagem de Tristan parava à porta da senhorita Fiennes durante a tarde e levava a ela e a sua acompanhante, a senhora Ellen, para passar algumas horas ao lado do senhor Smith, tentando reavivar-lhe as memórias com relatos dos momentos que passaram juntos, mas as tentativas até agora haviam se mostrado infrutíferas. Àquela tarde liam, sentados juntos em uma namoradeira no jardim, com Bóris roendo um osso perto deles. Simon, o criado pessoal de Tristan, trouxe-lhe seu tônico e afastou-se logo, deixando-os novamente a sós e aconchegados.

Uma brisa mais fria soprou, lembrando-lhes que o outono estava em vigor, e Juliet não pôde conter um estremecimento de frio. Tristan a apertou mais junto a ele, e ajeitou melhor a manta sobre as pernas de ambos, aproveitando para roçar os lábios carinhosamente no rosto dela. Continuaram a leitura de “Noite de reis”, divertindo-se com as desventuras de Viola, a personagem central que se disfarçava de homem, passando-se pelo irmão desaparecido. Ao encerrarem a leitura, satisfeitos com o seu final, Juliet sorriu para o noivo:

— Você me indicou a leitura desse livro na tarde anterior ao seu acidente. — ela recordou.

— Esteve aqui naquela tarde? — parecia levemente surpreso.

— Sim. — ela apertou os lábios.

Tristan a observava cuidadosamente.

— Parece melancólica ao lembrar disso. Sua melancolia é por causa do meu acidente ou por alguma outra razão? Havíamos brigado, talvez?

— Não brigamos. Era a primeira vez em que eu vinha aqui, e você me mostrou sua biblioteca. Fiquei encantada...

— Ficamos sozinhos... como agora? — ele perguntou, suavemente.

— A senhora Ellen não havia vindo comigo como fez hoje, se quer saber. Já deve ter notado que ela é bem vigilante em relação a nós dois, mas naquela tarde eu e você a havíamos enganado. — a senhora Ellen estava com lady Clarissa nesse momento, como nos últimos dias, conversando e tomando chá em algum cômodo da casa próximo deles o suficiente para garantir que o casal não fizessem algo comprometedor.

— Conte-me que trapça nós praticamos contra a pobre senhora. — sorriu Tristan, com os olhos já brilhando de diversão.

— Você havia acabado de comprar o faetonte, e queria mostrá-lo para mim.

— Ah! — surpreendera-se ao ver o faetonte ao lado de sua carruagem alguns dias atrás, quando pedira a Randall para levá-lo ao seu escritório. Estava retomando o trabalho, embora o doutor Turner houvesse recomendado cautela, informando-lhe que se abusasse, poderia ter uma recaída. No entanto Tristan estava entediado em ficar tanto tempo em casa, apesar da deliciosa visita diária de sua noiva, e da presença constante de sua mãe, amigos e parentes. Todos a volta o paparicavam com um exagero que chegava a enjoar, e o fitavam sempre com uma ponta de expectativa. Era tão incômodo o fato, que nem quis comentar que sua cabeça começara a doer havia uns três dias para não aumentar-lhes o temor. O médico recomendara-lhe láudano, além dos outros medicamentos.

— Ela pensou que íamos dar uma volta, mas acabamos vindo para cá. — Juliet não o encarou, pois estava recordando-se de seus momentos quentes com Tristan. Corou levemente.

— Queríamos ficar sozinhos... — adivinhou pelo rubor dela.

Ela assentiu com a cabeça.

— E o que mais, Juliet?

— O que?

— O que fizemos? — seus olhos estavam semicerrados, o brilho cinza fixo nela.

— Nada. Só começamos a ler Romeu e Julieta, e eu fiquei muito... sentimental com a tragédia deles. Você me consolou e propôs que trocássemos de livro. Por este aqui.

— sacudiu o volume fechado em seu colo. — sentia o olhar intenso sobre ela mesmo sem voltar-se.

— E depois?

— Você me levou para casa. — respondeu, com secura.

— Por que você não me encara?

Ela virou o rosto em direção ao dele, devagar. Tristan sorriu:

— Está com vergonha de algo que fizemos?

— Não! Eu... você... nós não fizemos nada.

— Mentirosa! — ele deu uma risada, que ficou mais alta quanto notou o aborrecimento dela — Você gagueja quando fica nervosa ou mente.

Tristan riu mais um pouco conforme o rosto de Juliet ficava vermelho. Depois de controlar a risada, continuou:

— Não vou forçá-la a dizer-me o que aconteceu, mas seu rubor dá asas à minha imaginação, querida noiva.

Juliet foi salva de mais constrangimento pelo chamado de lady Clarissa:

— Entrem, queridos. Está esfriando e não queremos que peguem um resfriado.

A jovem entrou, aliviada. Não estava disposta a dar munição para aquele Tristan que a olhava como se tentasse decifrar um enigma. Era arriscado contar-lhe toda a intimidade que já haviam compartilhado, antes que sua memória regularizasse, mesmo que fosse bastante tentador.

\*\*\*\*\*

Ultimamente as dores de cabeça de Tristan estavam cada vez mais constantes e incômodas, porém essa tarde sentia-se melhor, e ensinar Juliet a jogar bilhar era uma tarefa das mais agradáveis.

Quando ela se inclinou sobre a mesa preparando uma tacada do jeito que ele lhe havia ensinado, Tristan não resistiu e inclinou-se junto, com as mãos em sua cintura. Ela sorriu, e largou o taco, virando-se para ficar de frente para ele. Beijaram-se, e Tristan a empurrou gentilmente sobre a superfície forrada, pressionando seu corpo contra o dela. Juliet o abraçou, aceitando-o sem reservas. As últimas semanas os haviam deixado cada vez mais íntimos, e conseguia abraçá-la e beijá-la sem que ela opusesse muita resistência. O fato de

hoje estarem praticamente sozinhos na mansão, aguçava os sentidos. Após mais de um mês observando atentamente o casal, e vendo que se comportavam de forma decente, as senhoras. Ellen e Clarissa haviam relaxado em muito sua vigilância. Já não apareciam de súbito, nem se preocupavam em demasia que ficassem longos períodos a sós. Mesmo quando era Tristan que ia até a casa de Juliet, os cuidados não eram exagerados.

E nessa tarde as senhoras resolveram visitar juntas uma nova chapeleira, em Park Lane, concedendo um voto de confiança e maior liberdade para o casal. Juliet ficara em W House com o noivo.

Tristan forçava-se a avançar devagar com Juliet. Desejava-a, mas não pretendia assustá-la como havia acontecido na primeira vez em que a beijara, em seu quarto. Não a primeira vez para ela, claro, mas sim para ele. Havia se encantado desde o princípio e desejava lembrar-se de todos os momentos vividos com a noiva saber até onde ele já havia ido com ela, e até onde poderia ir agora sem escandalizá-la. Com destreza e cuidado ergueu a saia de Juliet e colou seus quadris aos dela. A moça tremeu, e Tristan sentiu sua respiração ofegante. Seus lábios escorregaram abaixo do pescoço, seguindo com torturante calma para baixo, em direção ao decote do vestido.

Tristan abriu o primeiro botão que fechava o decote, e logo o segundo. A língua deslizou entre os seios de Juliet, e ele sentiu a noiva arquear-se contra seu corpo. Era um bom sinal.

— Tristan, por favor...

— Deixe, Juliet...

— Não... Tristan...

Falavam em sussurros, enquanto Tristan a enchia de beijos e lânguidas carícias. Acariciou-lhe um seio, fazendo-a suspirar.

— Confie em mim, meu amor, vamos...

— Alguém pode chegar...

— Ninguém chegará.

— Acredite-me, alguém chegará. Toda vez que eu e você... — ela calou-se.

— O que? Eu e você o que? — parou de beijar seu busto, encarando os olhos castanhos.

Juliet desejava perder-se no ardor de Tristan. Mergulhar nos olhos claros encimados por sobranceiras espessas, negras e perfeitas, buscar no seu âmago todas as lembranças, tudo o que havia se perdido. Resgatá-lo totalmente e dar-lhe paz. Emudeceu ante a perspectiva de contar detalhes íntimos sobre eles. Sabia que deveria, que garantiria fazer

tudo para ajudá-lo, mas não sabia como comunicar-se com ele sem que seu relato soasse como um incentivo para continuar o que havia iniciado antes do acidente. Amava-o tanto, queria-o completo novamente antes de entregar-se, antes de dizer-lhe o quanto estavam perto de fazer amor.

— Tristan, onde você está? — a voz de Jake chegou até eles.

— Não acredito! — Tristan puxou-a rápido de sobre a mesa, arrumando seu vestido apressadamente.

— Eu lhe disse. — ela replicou.

Fingiram que estavam jogando quando Jake entrou na sala de jogos. O amigo os observou com um misto de desconfiança e diversão:

— Atrapalho alguma coisa?

Tristan olhou-o rapidamente, muito sério, depois voltou sua atenção às bolas de bilhar.

— Lógico que não, Jake.

Jake beijava a mão de Juliet, examinando-a atentamente com seus grandes olhos verdes.

— Senhorita, sua presença embeleza qualquer ambiente. Tristan já lhe disse isso?

— Comporte-se, Jake. — ela sorriu — Sabe que Tristan não pode ficar nervoso.

— Ah, mas aposto que provoca nele emoções mais fortes e mais intensas do que o ciúme... — provocou.

— Jake! —Tristan advertiu-o com um olhar severo — Pegue logo um taco e vamos jogar.

Jake deu uma risadinha, sacudindo a cabeça loira enquanto se dirigia ao canto do salão onde ficavam os tacos.

Tristan apenas grunhia diante das tacadas . Seu mau humor começou a oprimir o ambiente, e contagiar Juliet e Jake.

— É possível que um homem possa sentir ciúme dele mesmo? —indagou Tristan, em voz alta — Temo que eu tenha um rival poderoso: o homem que eu era antes de perder a memória.

— Que bobagem... Não mudou de personalidade, só sofre de um esquecimento que deve ser passageiro. — respondeu Jake, um pouco desconfortável.

— Não é o que certas pessoas pensam...

Tristan olhou Juliet de soslaio. Era óbvio que não confiava nele, e que no fundo o via como um estranho. No entanto, era louco por ela. Sentia-se confuso com a situação. Quando conhecera Juliet pela primeira vez, segundo lhe haviam contado, em poucos dias haviam entregado o coração um para o outro. Por que ela não podia aceitar que a magia poderia acontecer de novo? Afinal não era possível que tudo o que sentia por aquela moça lépida e malcriada fosse apenas desejo.

De repente sentiu um zumbido dentro da cabeça que o atordoou a ponto de fazê-lo deixar cair com estrondo o taco de bilhar. Tristan sentiu os joelhos vacilarem, fazendo Jake e Juliet correrem para ele, encostando-o em um divã próximo. Jake correu a buscar imediatamente Simon, o criado pessoal do dono da casa, para trazer-lhe um remédio e levá-lo de volta ao seu quarto.

— Não é nada. — resmungou Tristan, contrariado, e pegou o braço de Juliet, trazendo-a mais para perto — Juliet, não me force mais a buscar dentro de minha mente respostas que você pode me dar. Preciso que converse comigo francamente.

Ela concordou, apreensiva.

— Você me ama, Juliet?

— Claro que sim, o amei desde o princípio. — ela ergueu as sobrancelhas.

— Não, Juliet. Você ME AMA? A mim, o Tristan sem lembranças sobre você, o homem a quem já chamou de embuste?

— Sim. — a voz soou tímida.

— Então porque está sempre ressabiada comigo, temerosa de abrir--se por completo? Disse-me que faria de tudo para ajudar-me, mas sinto que tem medo de mim. Vê-me como um aproveitador apenas, como se a promessa de casamento que temos não significasse nada.

— De onde tirou essa idéia? — indagou, incerta. Nossa, pensou Juliet, era assim tão óbvia? Como ele podia ver com tanta clareza os seus temores?

— Não me ama. Ama o Tristan que têm lembranças sobre você. Sinto muito, mas não posso prometer a você que aquele de antes voltará, e não posso viver sob essa sombra. Não quero atá-la a mim com algo que não é concreto... Dói-me dizer-lhe, mas te desobrigo de qualquer compromisso que tenha comigo, noivado, amizade, qualquer coisa. Será mais saudável para nós dois assim, e creio que um alívio para você.

— Tristan... — Juliet estava em choque.



Jake e Simon entraram apressadamente, seguidos por Jeffrey. Tristan levantou as mãos, mostrando que não precisava de ajuda e ergueu-se.

— Estou bem e posso ir sozinho para meu quarto, obrigado — relanceou os olhos para Juliet — Adeus, minha querida.

Juliet tinha vontade de gritar. Se sentiu a última das mulheres quando viu seu noivo afastar-se com semblante tão infeliz.

Tristan voltou-se mais uma vez para a noiva, quando estava à porta, junto de seu criado:

— Sinto muito por tê-la deixado sozinha antes, Juliet, e sinto mais ainda que continue se sentindo assim. De verdade. Mas não posso voltar no tempo.

Juliet estremeceu. Pediu a Jeffrey seu chapéu, casaco e bolsa, controlando as lágrimas, e partiu.

\*\*\*\*\*

— O que fez, Tristan? — Jake estava preocupado enquanto seguia o amigo até o quarto — O que significou aquilo que disse à Juliet, dando-lhe adeus e dizendo que sentia muito?

Tristan recostou-se numa poltrona e fechou os olhos, sentindo a cabeça doer. Lá vinha aquela maldita enxaqueca! E Jake ainda estava esperando uma resposta, olhando-o com tanta irritação que até de olhos fechados podia senti-lo. Limpou a garganta antes de falar:

— Jogando a cartada final, ou desistindo de tudo, se a dama assim preferir.

— Meu Deus, você está ficando doido! O Tristan que eu conheço nunca abriria mão da mulher que ele ama.

— E se eu não a amar?

Jake estava surpreso. Sacudiu a cabeça antes de continuar:

— Claro que ama. Não importa que não se lembre. Estou certo que apaixonou-se novamente.

Tristan deu um pequeno suspiro, antes de encolher os ombros.

— Espero que a senhorita Fiennes também pense isso e resolva-se logo, pois não gosto de indecisão. Não tenho como garantir que um dia voltarei a ter minhas memórias de volta, e não quero ao meu lado alguém que fique sempre me olhando com expectativa.

— Tristan, sempre admirei sua perícia como jogador, mas essa é uma cartada perigosa...

Tristan esfregou a testa:

— Eu sei.

\*\*\*\*\*

Tristan estava certo, suspirou Juliet. Não conseguia relaxar ao lado dele, nem confiar, nem entregar-se àquele noivado. Não que ela não gostasse dele, não era isso.

Ela tinha... medo. Era confuso, de fato, e bem diferente do que vivia com Tristan antes do acidente. Então por que Juliet se sentia tão arrasada com a possibilidade do fim do relacionamento, e tão certa de que não permitiria que ele rompesse com ela? Sim, no momento em que ele pronunciara, ressentido, as palavras que a liberavam do noivado, ela não protestara porque ficara sem ação, mas não precisou de muito tempo para recompor-se e entender que deixar Tristan não era tão simples. Não lhe devolvera o anel, e nem lhe dissera que aceitara o fim, então ainda estavam ligados. Juliet aprumou-se e entrou em sua casa de cabeça erguida. Se Tristan achava que podia decidir o destino deles sem consultá-la, estava enganado, afinal não tinham um acordo? Pois bem, Juliet cumpriria sua parte. Faria de tudo, tudo mesmo, para ajudar seu querido noivo a voltar para ela por completo.

Afinal, precisava admitir, ao menos para si mesma, estava perdidamente apaixonada por Tristan, por quem era antes, e por quem era agora, com ou sem lembranças, não importava. Mas queria, necessitava de que houvesse amor da parte dele também, mesmo que fosse pouco... O tanto de amor dentro de Juliet supriria a diferença.

Depois de uma boa noite de sono tudo ficaria mais fácil.

\*\*\*\*\*

E quem, por tudo que era mais sagrado, podia dormir? A cabeça doía como se estivesse sendo martelada, o estômago dava voltas de ansiedade, e cada vez que conseguia cochilar um pouco, imagens de Juliet o faziam despertar com uma parte de seu corpo pulsando da maneira mais sem vergonha possível. Vi-a nos mais belos vestidos de festa, entregando-se aos beijos dele, e desnudando-se diante de sua vontade... Tristan não conseguia descansar. E quando não eram imagens sensuais, era coisa pior. Recordava-se de como Juliet o fitara

ao ouvir-lhe dizer que estava livre do compromisso com ele. Ficara de boca aberta, chocada, os olhos já com o brilho característico de lágrimas querendo irromper a qualquer segundo. Mas que coisa irritante era estar apaixonado! Sobretudo se o objeto de sua paixão era uma criaturinha formosa e intratável. De fato, ansiava tanto despojá-la de suas roupas e beijar cada pedacinho de seu corpo quanto desejava despejar sobre ela mil insultos e provocações, por não aceita-lo como era agora... Mas será que Juliet não enxergava que podiam ser felizes de qualquer modo, e que já não lhe interessava mais se voltasse ou não a lembrar do que havia se passado há meses atrás, e o que interessava já não era mais o ontem, somente o hoje?

Se tudo desse certo e a noiva resolvesse que a idéia dele em terminar tudo era absurda, então seria um homem vitorioso, com uma moça amorosa em seus braços, mas e se ela acatasse sua decisão... Ah, Deus, então o que faria?

\*\*\*\*\*

Juliet acordou cedo. Acordou? Mal dormira. Passara a noite praticamente em claro, relendo “Orgulho e Preconceito”. Relendo... Folheando, isso sim, pois os embates de mister Darcy e Elizabeth não conseguiram, dessa vez, prender-lhe a atenção, e lia os parágrafos como se não tivessem sentido. Tristan, aquele homem impossível, dono dos olhos mais maravilhosos que já vira, novamente lhe roubara a concentração e uma noite de sono! Levantou-se da cama, e demorou-se em frente ao guarda-roupa. Escolheu um vestido azul vibrante, com um decote em v mais ousado do que seus trajes usuais, e que lhe dava um ar de mulher mais velha, atraindo a atenção masculina e a fazendo-a sentir-se quase uma fêmea fatal. Ah, sim, seria adequado para o momento, pois lhe daria uma sensação de poder que estava bem distante de sentir. Escolheu um sapato mais alto para combinar, e um chapéu sóbrio, quase masculino, para quebrar a sensualidade do traje. Olhou-se no espelho, satisfeita com o resultado, pegou uma bolsinha simples, e tomou fôlego antes de sair, apressada. Não desejava encontrar a senhora Ellen e ter que lhe explicar aonde iria a essa hora, e porque desejava ir sozinha.

\*\*\*\*\*

— Se as dores de cabeça aumentarem, voltaremos com a morfina que usávamos enquanto estive hospitalizado, senhor Smith. — avisou o doutor Turner, guardando o estetoscópio na sua maletinha — Mas o que eu acho é que deveria descansar mais. Essa história de voltar ao trabalho tão cedo foi uma irresponsabilidade.

Tristan sorriu:

— Doutor, ponha-se no meu lugar... É entediante ficar todo o tempo deitado, ainda mais quando se tem tanta responsabilidade e dinheiro em jogo.

— Mas ficará deitado pelo menos nos próximos três dias, senão não vai melhorar, rapaz. De que adiantará o dinheiro se não tiver saúde para gastá-lo?

— Me convenceu.

Depois que o médico saiu, Tristan tomou um banho rápido, barbeou-se e pôs camisa e calças limpas. Mesmo que ficasse o dia todo na cama, não ficava mais com roupas de dormir durante o dia, pois já se habituara a receber visitas surpresa, e depois que recebera as gêmeas Garrett, aprendera que quanto mais vestido, melhor. As duas moças deviam ser mais assanhadas que qualquer rameira que se oferecia nas casas noturnas em que Tristan e seus amigos procuravam alívio de vez em quando, credo! Elas haviam conseguido driblar o mordomo Jeffrey, subido escondidas ao segundo andar, e pego Tristan quase nu na cama. Felizmente sua mãe e Juliet também o haviam ido visitar naquele dia, entraram a tempo de salvá-lo das garras das irmãs loucas e botaram as mocinhas sem juízo para fora de seu quarto, com o auxílio dos criados. Depois elas riram a valer, mas o dono da casa não achou nem um pinga de graça no incidente. Já bastava de fofocas com seu nome, não precisava de mais nenhuma.

Sentou-se na cama com um de seus livros de contabilidade na mão, e estava tão entretido que mal ouvira a batida suave na porta.

— Entre. — respondeu tranquilamente, pois depois do ataque das irmãs pervertidas, o mordomo havia estreitado a vigilância, e só os íntimos conseguiam chegar ao seu quarto. Sua privacidade estava garantida.

Olhou rapidamente em direção à porta que se abria, e em seguida seus olhos se voltaram, detendo-se atentamente a figura que entrava.

Tristan sentiu o coração ribombar. Juliet. Esplendorosa, magnífica Juliet! Ela vinha lentamente em sua direção. Ele levantou-se de um pulo, indo ao seu encontro. Falaram ao mesmo tempo:

— Bom dia!

Sorriram, de frente um para o outro.

— Você está se sentindo bem hoje, Tristan? — perguntou ela, gentil.

— Bem melhor, obrigado.

Continuaram se encarando, avaliando-se mutuamente.

— Vai sair, Tristan? — Juliet estava certa que Tristan já havia readquirido os quilos perdidos, tinha recuperado todo o viço e frescor da pele, e de fato, estava em sua melhor forma física. Ah, era belo, o seu noivo!

— Não, não. Ficarei aqui. — respondeu prontamente, e viu alívio nos olhos dela.

Como ela estava linda! E que decote era aquele? Tristan incomodou-se de que outros homens pudessem tê-la visto assim tão gloriosa, afinal Juliet era dele! Vendo-a ali, naquele momento, deu-se conta que não poderia ficar sem ela de jeito nenhum, seu corpo todo tencionava por tocá-la, acariciá-la... Conteve as mãos a muito custo, para não precipitar-se e parecer ousado ou prepotente, e forçou-se a apenas escutá-la.

Curiosamente, apesar da roupa insinuante que a tornava incontestavelmente poderosa, Juliet pareceu-lhe mais tímida que de costume. Ela murmurou alguma coisa tão baixinho que Tristan precisou inclinar-se um pouco para ouvi-la.

— O que disse, Juliet? — teve a impressão de já ter feito isso antes, curvar-se para ouvir algo que era dito por ela quase de forma inaudível. A sensação lhe causou um ligeiro arrepio.

Ela ergueu os olhos, e repetiu, com mais firmeza:

— Precisamos conversar.

— Claro!

Ofereceu-lhe uma cadeira, e sentou-se na outra, ao seu lado.

— Vamos fazer o que quer. Seremos claros e confiarei em você. Pergunte-me o que quiser e responderei. — Juliet já havia se recomposto, e falava em seu tom normal.

Ah, então ela não aceitara o rompimento! Tristan pegou uma de suas mãos, entrelaçando-a à dele. Respirou fundo e pensou um pouco antes de falar:

— Como a pedi em noivado?

— Invadiu meu quarto durante a noite, entrando pela sacada. Ajoelhou-se e pediu-me em casamento.

— No meio da noite? Eu não pude encontrar momento mais propício?

Os dois riram.

— É impetuoso, senhor Smith...

— E depois que pus o anel em seu dedo... fui embora? — intuía que não.

— Não. Estava me despindo quando a senhora. Ellen entrou no meu quarto.

— Sério? — espantou-se.

— Muito sério. Você se enrolou em um lençol, pois estava nu.

Tristan deu uma gargalhada, e Juliet teve que rir também.

— Agora tem graça, mas na hora não foi divertido. Minha dama de companhia quase teve um ataque.

— Não entendo, Juliet. Sua dama nos pegou numa situação extremamente comprometedor e não nos casou imediatamente por quê?

— Pensando bem, nem eu sei direito. Ela ficou muito nervosa, desnorteada. Acho que pensou que meus pais ficariam furiosos com todos nós, e preferiu nos arrancar a promessa de que nos comportaríamos e que você iria até Southsea pedir minha mão no mês em que meu pai voltasse de viagem. Claro que se fôssemos flagrados por alguém da minha família, o desfecho seria outro... Penso que também não fazia parte dos seus planos casar-se às pressas, Tristan. Apesar de seus arroubos apaixonados, no geral é um homem que gosta de manter as coisas sob seu controle. E gosta muito de traçar planos e segui-los, não é verdade?

— Está me dizendo que sou controlador e manipulador. — riu de novo.

Um sorriso cúmplice brincou nos lábios de Juliet:

— Inclua ardiloso.

— Culpado! — levantou a mão que não estava presa à dela.

Juliet deu uma gargalhada:

— Ah, então admite!

— Seria ardiloso e manipulador de minha parte negar... — ironizou.

Então Tristan ficou sério:

— Pois acho uma pena que não tivéssemos nos casado de imediato.

— Hum... e ao invés de ter uma noiva da qual não se lembra, teria uma esposa da qual não se lembra... — ela retrucou.

— Não, Juliet. Se tivesse você como esposa, jamais deixaria nossa cama para cavalgar com um bando de homens. Não teria saído, não teria me acidentado, e estaríamos vivendo até hoje uma maravilhosa lua de mel.

Ela apertou sua mão, e sentiu um bolo na garganta. Não conseguiu responder de pronto.

— Oh, Tristan... Na véspera do seu acidente... quando me trouxe a conhecer sua casa... pediste que passasse a noite com você... que mandássemos tudo às favas e quebrássemos as regras, provocando um escândalo e apressando nosso casamento. Não aceitei, e me arrependo até hoje por isso. Se tivesse ficado, você não teria mesmo ido participar daquela corrida, não é? Estaria a salvo.

Tristan a observou, pensativo. Via os olhos de Juliet ansiosos, e sua mão apertava tanto a dele que em breve sua circulação pararia. Tratou de aquietar seus temores:

— Esqueça o que eu disse antes. Como ter certeza do que Deus destina aos homens? O Senhor faz o que tem vontade, independente da nossa. Se quisesse que eu passasse por isso mesmo, não teria como fugir. Eu poderia rolar a escada de casa, podia ser atropelado por uma carruagem, ou ser atacado por um ladrão, e de qualquer forma bater a cabeça e perder as memórias. Por favor, não se martirize pensando que poderia ter mudado meu destino, ou o seu.

Ela concordou com relutância, e afrouxou o aperto da mão. Mantiveram-se por algum tempo apenas em silêncio meditativo, até que suas idéias começaram a convergir para um mesmo propósito. Encararam-se intensamente.

Tristan a colocou em seu colo. Languidamente começou a beijar o pescoço da noiva, bem devagar, enquanto uma mão a prendia pela cintura, e a outra acariciava seu braço, subindo até seu rosto. Chegou até o cabelo de Juliet, e soltou com cuidado o coque frouxo. O penteado se desfez, e os fios castanhos desceram sobre os seios como se formassem uma cascata.

Tristan suspirou, admirando o efeito:

— Não sabia que era tão comprido... é muito bonito, Juliet — de novo sentiu aquela sensação de familiaridade, de novo sentiu o arrepio.

— Disse-me a mesma coisa quando o viu solto da primeira vez — ela sussurrou.

— Disse? — começou a beijar seu rosto, diversos beijos, doces e sensuais. — Quando foi?

— Numa outra visita a meu quarto... de madrugada... — Juliet não conseguia mais pensar, e falar era custoso. Estava derretida, os movimentos lentos e sensuais de Tristan minavam-lhe as forças. Estremeceu quando ele apertou-lhe levemente um seio, e gemeu em resposta, desejando pedir que não parasse nunca.

Tristan estava enlouquecido de desejo. E Juliet confessara outra visita noturna a seu quarto. Não precisava de mais informações, pois tudo já era óbvio. Já fizera amor com Juliet, ela já era dele, e essa era a mais lógica razão pela qual a moça não podia aceitar que o noivado acabasse. Pois então trataria de prendê-la ainda mais a ele. A levaria para cama agora e a deixaria ainda mais apaixonada, cuidando de aplacar também a alucinante obsessão que sentia por possuir aquele adorado corpo feminino. Pegou-a no colo e a conduziu ao enorme leito. Deitou-a com cuidado e continuou a beijá-la pacientemente, provocando-a com a língua, esfregando seu corpo no dela, querendo levá-la ao mesmo desespero que ele sentia, para que depois não pudesse dizer que havia sido simplesmente seduzida, nem o acusasse de manipulação.

— Tranque a porta, Tristan... — ela murmurou, entre gemidos de prazer.

Ele obedeceu, e trancou também a porta de ligação lateral. Dessa vez ninguém entraria no recinto de forma inesperada.

Tristan tirou a camisa e colocou-a com cuidado sobre uma cadeira, sem desviar os olhos de Juliet, que o aguardava sentada na cama, acompanhando cada movimento dele. Ajoelhou-se no leito, diante da noiva, e enterrou seus dedos nas longas madeixas ao mesmo tempo que a inclinava novamente sobre os lençóis.

Juliet beijou seu peito e Tristan sentiu que seu autocontrole despedaçava-se. Começou a abrir o vestido da amada, desfazendo laços, rompendo nós. A calma começou a dar lugar à sofreguidão e em minutos já lançavam suas roupas longe, apressados e ansiosos para encaixarem-se um no outro.

— Você é linda, linda! — Tristan suspirou ao vê-la nua na cama. Deitou-se sobre ela e desceu a cabeça até os mamilos rosadinhos, envolvendo-os nas palmas das mãos e lambendo cada um, e Juliet reagiu empurrando seus quadris com tanta fúria contra o noivo que por pouco ele não a penetra de uma vez.

Tristan deu uma risadinha:

— Calma, mocinha apressada... — sua mão foi abrindo caminho entre as pernas dela, e ele a tocou bem na intimidade.

— Tristan! — ela gritou, enquanto sacudia-se num espasmo de puro prazer.



— Sim, meu amor... — continuou tocando-a, indo cada vez mais fundo, e com mais rapidez — Assim, minha querida... quero-a bem louquinha por mim...

Ela ofegou, e Tristan estava absolutamente extasiado de vê-la contorcer-se com suas carícias, correspondendo totalmente ao seu toque.

— Juliet... ah, Juliet...

Parou de tocá-la e posicionou-se entre suas pernas quando a sentiu tão excitada que não havia mais dúvidas que estava pronta para recebê-lo.

— Quero agradá-la, minha querida, então me diga, como prefere que eu faça isso? De um golpe só ou bem devagar?

Juliet arregalou os olhos diante da pergunta, e sua expressão foi tão clara que nem precisou responder para que Tristan entendesse. Ele imediatamente apartou seu quadril do dela:

— Juliet, nunca fizemos amor? — não era uma indagação, mas sim uma constatação, um tanto surpresa.

Juliet o enlaçou com as pernas antes que ele levantasse:

— Espere, Tristan.

— Juliet, se nunca fizemos antes, me diga porque deveria desvirginá-la agora? Não é mais sábio esperarmos até o casamento? — sua voz tremeu.

— Não! — não poderia dizer que aquela era sua última tentativa de fazê-lo lembrar dela, e fazê-lo amá-la novamente. Juliet precisava desesperadamente daquele amor, e não se contentaria com um casamento onde só havia amizade e atração física.

Tristan ponderou. E porque exatamente deveriam esperar? Não iriam casar-se de qualquer forma? Não estavam também loucos de paixão um pelo outro? E afinal, não era maravilhoso que ele, o Tristan de agora, desmemoriado, ganhasse o prêmio que Juliet estava de tão bom grado oferecendo? Era até irônico, se fosse pensar bem... Sentiu-se subitamente envaidecido, e seu corpo encheu-se de um desejo ainda mais fremente. Ah, sim, era o animal no cio de que Juliet se queixara antes, e o animal estava prestes a dominá-lo por completo. Encaixou-se novamente entre as pernas da jovem, tocou-lhe mais uma vez com a ponta dos dedos, certificando-se de estava ainda preparada para ele. Numa voz rouca a avisou:

— Sempre ouvi dizer que a primeira vez de uma mulher pode ser dolorida. Sabe disso, amor? — tentava controlar-se, mas a ânsia em mergulhar nela era intensa, seu sangue corria rápido, seu peito estava a retumbar. Tremia.

Ela assentiu com a cabeça, os olhos estavam arregalados. Sentiu um medo que antes não sentira, talvez algo na expressão de Tristan a alertasse, e pôs as mãos no peito másculo antes que ele continuasse:

— Tristan... será ... que... — estava desconcertada, e os olhos dele, com um quê de fera selvagem, a fixavam sem piscar, deixando-a ainda mais tensa — caberá?

Tristan arqueou as sobrancelhas e piscou, surpreso com a pergunta. E sorriu com ternura:

— Caberá, Juliet... e serei gentil... — beijou-a carinhosamente, enquanto ia lhe invadindo pouco a pouco, repetindo o nome da noiva entre sussurros e gemidos, deliciando-se com a resistência pelo caminho. Era tão... apertada... Por um segundo até ele mesmo teve dúvidas: caberia? — Relaxe, minha querida. E então gostará...

— Eu... gosto, sim... porém não sei se consigo relaxar... — estava maravilhada com o calor do corpo de Tristan contra o dela, deliciada com o desejo no rosto dele, mas a ansiedade e a expectativa eram também intensas. Desejava ir até o fim, por tudo o que aquele momento poderia lhe trazer, e com voz suave, pediu — Não pare, Tristan...

— Está bem, minha Juliet...

Beijou-a mais intensamente quando finalmente a desvirginou, e percebeu a dor que ela sentia. Ele, no entanto, estava em completo êxtase, absorvendo a experiência maravilhosa. Sussurrou no ouvido de Juliet palavras para que se acalmasse:

— Você é tão doce, tão quente, meu amor... Diga-me se posso continuar...

— Continuar? — ela gemeu, com os olhos úmidos. Gostara de tudo, muito, até o momento em que sentiu dor. — Não era só isso?

— Não, doçura... Achou que era só isso que sentiria? Somente dor?

Ela concordou, e escondeu o rosto no ombro dele, envergonhada.

— Ah, minha noivinha inocente... se fosse assim seria muita maldade, não acha? Olhe para mim, Juliet... — ela afastou-se um pouco de seu ombro, e o encarou — Prometo que da próxima vez será melhor, mas se me deixar continuar agora, posso conseguir que tenha pelo menos um pouco de prazer.

Ela o permitiu, e Tristan começou a se movimentar, fazendo arremetidas lentas no início, permitindo que Juliet aprendesse o ritmo como se fosse uma dança, e o acompanhasse, acelerando cada vez mais, e tornando as investidas agressivas no final. Estremeceram juntos quando ele atingiu o clímax e abafou um gemido alto.

— Juliet? — ele indagou, olhando ansioso para ela — Ah, Juliet.. desculpe... não te levei às nuvens... A dor... ainda a sente?

— Tudo bem, Tristan. Foi bom.— Juliet conseguiu murmurar.

— Vou lhe compensar.

Beijou-a, e Juliet percebeu que Tristan queria continuar, até deixá-la tão saciada quanto ele.

— Agora não, Tristan... — pediu.

—Tem certeza, amor? – os profundos olhos cinza estavam encantadoramente prateados, e a analisavam com interesse.

Juliet movimentou a cabeça, confirmando.

Tristan rolou de sobre ela e puxou-a num abraço, até desacelerarem os corações, voltarem a respirar no compasso normal.

— Juliet, foi maravilhoso, realmente divino... então agora vamos descansar, meu bem. Da próxima vez garanto-lhe que desfrutará mais, aliás, juro-te isso. — pressentia que ela ainda sentia-se um pouco dolorida, mas estava muito satisfeito para sentir qualquer culpa maior por isso, porque nunca havia se sentido tão bem depois de fazer amor. Estava certo que não conseguiria manter-se desperto muito tempo, e o agradável sono pós sexo o estava dominando facilmente. Beijou a têmpora de Juliet e a acarinhou até que adormeceu, saciado e triunfante.

Juliet apenas manteve a cabeça encostada no ombro dele, e aceitou silenciosa o beijo que Tristan depositou em sua têmpora. Em pouco tempo percebeu que a respiração dele moderava-se, e percebeu que dormia. Também estava exausta, mas como poderia dormir? Em primeiro lugar, sentia incômoda ardência, pois mesmo Tristan tendo sido cuidadoso a princípio, tornara-se implacável no final, ao ser dominado pela paixão, e seus golpes ardorosos haviam ficado impressos em seu corpo, como não podia deixar de ser, supunha, dado o fato de ser ele um homem de um metro e noventa e tantos, e ela uma criatura ridiculamente pequena se comparada a ele. E em segundo lugar, estava decepcionada. Não tanto pelo sexo em si, pois não esperava que fosse mesmo como uma viagem ao paraíso — embora para Tristan parecera ter sido. Já que ouvira até algumas senhoras casadas

reclamando do ato, mas a maior decepção era que sua atitude desesperada não provocara em seu noivo a coisa que mais esperava: o retorno de suas lembranças. Não, Tristan não somente não se recordara de seu passado apaixonado por ela, como também nem sequer dissera que a amava. Não, não dissera. Em nenhum segundo. E o que ela esperava ser um momento sublime, turvou-se. Sentiu os olhos começarem a arder, e as lágrimas se formarem.

Existe um problema sério sobre começar a chorar quando se está só, remoendo algum ressentimento. O problema é que perde-se um pouco a noção sobre a razão do choro, e acaba-se chorando por mais uma coisa, e mais outra, e outra... e enfim, Juliet chorava agora por todo o tempo de ansiedade e espera desde o acidente de Tristan durante sua corrida. E antes que seu pranto tomasse proporções indesejadas e despertasse o belo cavaleiro ao seu lado, Juliet levantou-se. Descobriu manchas de sangue em si mesma, comprovando a perda de sua virgindade, e controlou-se para não chorar mais alto. Correu ao lavabo e lavou-se apressadamente. Pôs as meias, as ligas, as peças íntimas e o vestido com uma rapidez assombrosa, e logo alcançou luvas, bolsa e chapéu, esforçado-se para não embarcar na lassidão da lembrança que vinha em sua mente, quando Tristan lhe despiu peça por peça, com desenfreada ânsia. Não podia dar-se ao luxo de pensar nesses detalhes, nem de lembrar do fogo que havia nos olhos dele, nem do calor de seus beijos, nem na emoção em sua voz ao repetir o nome “Juliet” incontáveis vezes enquanto a fazia dele. Não, não podia ater-se a isso, não podia aceitar ser um brinquedo masculino nas mãos de um noivo, ou de um esposo. Já vira acontecer com outros casais... depois de alguns meses, distanciavam-se, perdiam-se, e iam tentar encontrar-se nos braços de outros... isso não era para ela, tornar-se uma esposa de fachada, sem amor, suportando calada um marido infiel apenas para manter as aparências numa sociedade ridícula, onde todos assistiam as traições e fingiam não as ver, somente para sussurrar sobre tais atos com risadinhas sarcásticas e invejosas às costas da pessoa traída, como se já não bastasse o suficiente ser preterida em favor de outra... Calçou os sapatos trincando os maxilares com força para não gritar, pois as lágrimas agora não eram mais de tristeza, mas sim de fúria. Antes de sair do quarto, retirou o anel de noivado do dedo e jogou-o raivosamente sobre a escrivaninha, sem perceber que ele rolava para o fundo do móvel, e ficava envolto na sombra, oculto entre a junção da madeira, sob a prateleira que recobria a peça elegante. Fechou a porta com cuidado, saindo da vida do senhor Smith o mais silenciosamente possível.

\*\*\*\*\*

Tristan despertou com um sorriso preguiçoso se formando nos lábios. Bem, agora era o momento de cumprir a promessa feita à noiva, de que a próxima vez seria muito melhor do que a primeira... Esticou o braço, procurando Juliet na cama, mas ela não estava lá. Maldição, dormira demais e a noiva tinha ido embora, temendo os falatórios se permanecesse muitas horas na residência de um homem solteiro sem nenhuma dama de companhia! Era uma das bobagens que não conseguia entender em relação às regras impostas pela sociedade. E daí que ela ficasse horas na casa dele ou ele na dela? Afinal não estavam noivos, não iriam casar mesmo em questão de meses? Pensando melhor, seria sensato que esse casamento se realizasse um pouco antes do que pensara a princípio, dado a recente confraternização ocorrida entre os lençóis, e o fato de que a brincadeira se repetiria assim que se abrisse uma oportunidade, podendo encher o ventre de Juliet. Enterneceu-se com a idéia de Juliet gerar um filho seu. Sorriu mais uma vez.

Moveu-se na cama e descobriu, consternado, que estava vestido. Mas tinha certeza absoluta que estava nu quando aconchegou Juliet em seu peito e agora, então, como poderia... ? Olhou o lençol e sobressaltou-se ao ver sua brancura imaculada. Havia sido trocado. Ah, algo ali estava mau, muito mau! Puxou a campainha próxima a cama e espantou-se com a rapidez da chegada de Simon.

— Nunca me atendeu tão rápido! — espantou-se.

— O senhor está bem?

Tristan desconfiou. O criado pessoal o olhava ansiosamente.

— Sim. Por que não estaria? — na verdade tinha receio de perguntar.

— O senhor esteve febril...

Ah, não!

— Delirante...

Tristan suspirou. De novo enfermo?

— Por alguns dias...

Que ótimo!

— Sabe dizer-me quem... descobriu-me aqui, febril?

— Fui eu, senhor Smith.

Tristan olhou os lençóis limpos e depois voltou os olhos para Simon, significativamente.

— Eu mesmo cuidei dos lençóis, senhor. — apressou-se em dizer.

Felizmente Simon era inteligente, um ótimo empregado.

— Por certo viu... e entendeu.

— Não se preocupe, senhor. Todos esses anos contou com minha discrição, e agora não será diferente.

Tristan sabia da discrição do criado, mas as mulheres que trouxera antes eram mulheres vividas e experientes, e nunca nenhuma delas deixara manchas de virgindade perdida em seus lençóis.

— Agradeço sua discrição, principalmente nesse caso.

Houve um silêncio constrangido entre eles, e o criado apertou as mãos uma na outra.

— Trago-lhe algo para comer?

— Sim, por favor.

Doutor Turner entrou em seguida, acompanhado do doutor Angeli, o médico francês que também estava acompanhando o caso de Tristan desde que se formara uma junta médica especializada em questões que envolviam cérebro e crânio. Os médicos sorriram quando o viram em pé e bem disposto:

— Não lhe disse, Turner? — falou o doutor Angeli, com sotaque carregado — A pressão no crânio já diminuiu.

— Como está meu paciente favorito? — perguntou Turner, empurrando Tristan para uma cadeira e já abrindo sua maleta médica.

— Bem... — Tristan respondeu, um pouco temeroso com os semblantes sorridentes e ansiosos em torno dele.

— Ótimo. Vamos conversar um pouco e fazer uns testes rápidos. Acho que você vai entrar para os livros de medicina, rapaz! — disse o médico, com orgulho.

\*\*\*\*\*

No dia seguinte ao despertar de Tristan, Lady Clarissa conversava com o filho, e sua alegria era imensa:

— Os médicos então garantem que não haverão mais desmaios, nem febre, nem dores?  
— ela escutava o filho, e seus olhos brilhavam de emoção.

— Exato, madame. — sorriu.

Ela o abraçou:

— Finalmente este pesadelo acabou!

— Volto ao trabalho ainda hoje. — disse Tristan, já pronto para sair — Preciso dar atenção às minhas lojas.

A mãe baixou os olhos e alisou a saia, pensativa:

— Tristan... Você e Juliet ... aconteceu algo de diferente nessa última semana entre vocês? Quero dizer, antes dessa sua recaída?

Ah, sim, eu a deflorei. Fora isso, nada demais, pensou Tristan, contendo um sorriso.

— Não. Por que?

— É que, depois que começou seu estado febril, e Jeffrey mandou me chamar, Juliet não veio visitá-lo.

— Não? — isto era estranho, pensou.

Se bem que a noiva havia dispensado o uso da carruagem de Tristan algumas semanas atrás, e o compromisso diário deles não era mais tão regular.

E já que o noivo muitas vezes saía a inspecionar suas lojas durante as tardes, Juliet por sua vez ia com a Sra. Ellen ou Suzanne acompanhar o trabalho das bordadeiras que estavam montando seu enxoval. E não o visitava mais tão assiduamente, e muitas vezes era ele quem a visitava. Juliet deveria estar aguardando que ele fosse vê-la em Burlington Gardens!

Ai, pensou Tristan, ela nem devia saber de seu estado delirante, e provavelmente estava furiosa porque ele não a havia procurado depois de fazerem amor. Esfregou a testa, preocupado:

— Pensando bem, acho que pode ter havido realmente um mal entendido entre nós, mãe, e por isso ela não esteve aqui. Eu resolverei a questão. — e levarei um gigantesco buquê de flores para aplacar sua fúria, pensou.

— Ah, ainda bem que é só isso! — ela parecia tão exageradamente aliviada que Tristan sentiu-se desconfortável.

— Há algo mais?

— Hum...correm alguns rumores de que vocês romperam o noivado...

— Não rompemos. — ele respirou fundo, se preparando para mais um mexerico com seu nome — Fale logo o que mais estão dizendo por aí agora.

— Bem, querido... é que... não sei se ouviu dizer... sabe... que há uma aposta sobre quem é a dama que tem feito Brighton... hum... apresentar-se tão bem comportado nos últimos tempos...

Apostas sobre os amores do marquês, ou de qualquer outro membro importante da sociedade, não o interessavam, mesmo agora que estavam mais chegados, mas logo imaginou que de alguma forma estaria envolvido nessa questão. Franziu o cenho antevendo um aborrecimento. A mãe prosseguiu:

— Soube que o nome de Juliet apareceu no caderno de apostas do White. E está bem cotado. É que... eles conversam muito em público, me parece.

Um som saiu da garganta de Tristan, semelhante a um rosnado.

— E... há outra aposta, no Boodle... com seu nome, se você casa ou não com Juliet até dezembro. Ou se ela casa... com outro...

— Com quem, o marquês de Brighton? O Robert tentou cortejar Juliet antes que ficássemos noivos. Se ela estivesse interessada nele, não se comprometeria comigo. Nem teria me esperado enquanto estive enfermo. Isso é um disparate! E além disso, eu e ele somos amigos agora. — retrucou, mas a idéia de ter o nome de Juliet ligado ao de um famoso conquistador o incomodou mais do que gostaria. Sim, sabia que sua noiva e o marquês tinham uma boa amizade, e não julgava mais que isso fosse um problema. Até agora. Ainda por cima se levasse em conta o fato de que ela não era mais virgem, e que estava sem notícias dele havia mais de uma semana, e podia estar se sentindo desprezada. Logo a imagem da noiva estendida numa cama, nua e de cabelos espalhados sobre o travesseiro, com o marquês a possuindo depois de mostrar-se um solícito e consolador cavalheiro, formou-se em sua mente. Sacudiu a mão sobre a cabeça como para desfazer o pensamento terrível — Eu mato o Robert! Vou até a casa de Juliet agora mesmo!

— Tristan, mas acabou de dizer que...

Porém ele não se deu ao trabalho de responder, já estava pegando um chapéu, e saindo intempestuosamente.



## CAPÍTULO X

Tristan voltara da casa de Juliet em Londres um tanto consternado. Arthur, o mordomo dos Fiennes na cidade, avisou que a jovem e sua dama de companhia haviam partido para Southsea alguns dias atrás.

Se seu amigo Jake não houvesse precisado viajar para Kent a trabalho justamente quando a cabeça de Tristan resolvera consertar-se de vez, causando-lhe febres que o mantiveram preso à cama por vários e preciosos dias, talvez ele não estivesse agora sentado em frente a sua escrivaninha esperando que Simon lhe fizesse uma mala para viajar atrás de uma noiva fujona que devia estar se sentindo ultrajada. Jake teria sabido, através de sua prima Suzanne, que Juliet iria partir de Londres com sua dama de companhia, e certamente o advogado, com sua eficaz eloquência, teria a convencido a não voltar para a casa dos pais, e teria falado sobre a enfermidade de Tristan. Então Juliet não teria se ofendido porque o noivo não a procurara no dia seguinte a terem feito amor.

O aborrecia que Juliet pudesse estar julgando-o um canalha, um aproveitador. Será que ela esquecera que eram noivos, que era apaixonado por ela? Não o conhecia o suficiente?

Tentou tranquilizar-se, enquanto aguardava que seus empregados fizessem os preparativos para a súbita viagem que faria até o lar dos Fiennes. Para desculpar-se e explicar porque demorara para procurar a noiva.

Soltou um longo suspiro de cansaço.

Esticou-se sobre a escrivaninha do quarto para pegar um livro sobre criação de cavalos que Grayson havia lhe presenteado antes de seu acidente, e que não havia ainda tido oportunidade de terminar de ler, quando viu algo brilhante meio encoberto pelas sombras que a prateleira do móvel fazia. Alcançou o objeto e teve um sobressalto quando percebeu o que era. Seu coração quase saiu pela boca ao confirmar que era o anel de noivado que dera à Juliet. Tudo agora mostrava-se diferente e pedia uma outra abordagem ao problema.

Juliet devolvera-lhe o anel de compromisso.

Seu noivado estava acabado e ele nem sequer o sabia.

O mordomo entrou em seu quarto naquele momento:

— O senhor querará a vitela na sala de jantar ou prefere que eu suba com a refeição?

— Não vou comer antes de sair — seu estômago já estava dando voltas vazio, imagine cheio! – avise Randall que não usarei a carruagem, pois é muito lenta para meus propósitos. Ao invés disso, peça que vá aos estábulos e me providencie Pégasus imediatamente.

Pégasus, depois de Perseu, que quase o matara no dia da corrida, era seu puro-sangue mais veloz. Jeffrey e Simon o olharam como se estivessem vendo a uma aberração:

— O senhor vai cavalgar? – indagou um.

— O senhor vai cavalgar depois do que houve? – questionou o outro.

— Decerto que vou. E trate de preparar uma bagagem leve, Simon, pois não posso carregar peso. Não quero que o cavalo se canse e me atrase a viagem. Prepare o traje de inverno. Deve estar frio bem frio em Portsmouth.

— Mas acabou de recuperar-se! Já é uma temeridade que viaje de carruagem, mas cavalgando sozinho é ainda pior! — reclamou Jeffrey, horrorizado.

— Nada pode ser pior do que já me aconteceu. — sorriu.

— Permita que seja preparado um cavalo para mim, também, senhor, e eu o acompanharei. — prontificou-se Simon, mesmo sabendo que o patrão detestava carregar criados com ele quando cavalgava.

— Não. — respondeu, secamente.

— A noite o encontrará na estrada. — redarguiu o mordomo, tentando demovê-lo da idéia de sair a galope até Southsea — De qualquer forma não conseguirá chegar ainda hoje na casa de sua noiva saindo daqui a essa hora.

Já se acostumara a ter que escutar, vez por outra, a opinião de Jeffrey, como se fosse da família. Não se incomodou, e tampouco mudou de idéia.

— Dormirei em alguma pousada no caminho, se for o caso, mas não irei de carruagem. Não insistam.

\*\*\*\*\*

Tristan cavalgava Pégasus com a cabeça em um turbilhão de idéias e especulações. Devia estar se sentindo aliviado porque afinal de contas Juliet não estava consolando-se nos braços do marquês de Brighton, o que era mesmo uma possibilidade ridícula, afinal de contas, já que havia Suzanne no meio, mas no lugar disso, de uma forma estranha, isso o

inquietou ainda mais. Se não estava afogada em autocomiseração por sentir-se menosprezada, o que a teria feito partir sem nenhuma explicação, sem ter nem mesmo a consideração de encará-lo para devolver-lhe o anel em mãos? Qual seria a gravidade da situação? A possibilidade de haver tido uma crise de loucura e se mostrado violento com a noiva logo foi rechaçada por Simon. O criado garantiu-lhe que não teria condições físicas nenhuma de sequer levantar-se sozinho quando o encontrou desmaiado no leito, e isso havia sido, pelos cálculos de ambos, pouco depois de fazer amor com Juliet. Inclusive o criado havia visto a moça de relance ao descer as escadas, e apesar da expressão severa que ela aparentava, não demonstrava ter sido agredida, não estava apressada, não estava se desfazendo em prantos.

Isso era de fato muito mau...

Mas era um homem de raciocínio criativo, e não construíra um pequeno império econômico antes dos trinta anos sem uma boa razão, portanto pensou em vários motivos que a houvessem levado a fugir, eliminando os mais descabidos, de modo que ao chegar no condado de Hampshire já imaginava o que havia movido Juliet, e ao atravessar Southsea em busca da residência da noiva, já tinha absoluta certeza do que ela pensava, e estava tão furioso que poderia golpear a qualquer um que lhe desejasse mesmo um singelo “bom dia”.

\*\*\*\*\*

Avistou Juliet montada em seu cavalo exatamente na área onde a senhora Margareth havia lhe indicado. Era um vasto campo, aquele dos Fiennes, e sua noiva fazia sua montaria trotar em direção a um celeiro. Provavelmente conduzia o animal até lá pretendendo dar-lhe água e alimento, para depois voltarem a passear. Seguiu até ela em disparada, e conforme aproximava-se do seu alvo, mais raiva sentia de si mesmo, pois ao invés de manter a cabeça fria para dizer-lhe os desaforos que lhe vinham a garganta, o que mais desejava era tão somente envolver Juliet em seus braços e beijá-la com ardor. Ela estava formosa como sempre, e montava escarranchada em seu animal, a saia balançante, as pernas expostas até quase os joelhos, exibindo longas botas, uma cartolinha com véu na cabeça completava o visual de amazona, e uma longa trança golpeava o ar conforme se movimentava. Tristan sentiu um tremor abalar todo seu corpo ao vê-la.

Juliet ouviu os cascos do cavalo aproximando-se e voltou-se, sobressaltada. Os irmãos estavam em Bath com o tio, o pai ainda não havia aportado — mandara um recado do porto de Lisboa, avisando que a viagem atrasaria — e a mãe estava ocupada com seu jardim,

então quem poderia ser? Montava à vontade em seu próprio terreno, de pernas abertas tal qual os homens de sua família, desde criança, e não lhe agradava a idéia de que alguma visita a flagrasse com modos tão pouco femininos. Sentiu o peito apertar ao reconhecer o homem de cartola e traje escuro que se aproximava. Apertou as rédeas nas mãos, pensando em cavalgar para longe. Um momento apenas de dúvida, e Tristan de longe adivinhou-lhe os pensamentos:

— Não tente fugir, Juliet. Eu a alcanço aonde for! — gritou.

A voz dele soou como um trovão. Juliet tremulou tal qual papel ao vento. O coração agora ribombava a ponto de quase explodir, e sentia-se enjoada. Engoliu a saliva com dificuldade.

Quando finalmente Tristan parou o cavalo diante dela, só pôde concentrar-se nos olhos dele, que agora pareciam transparentes como gelo, e tão frios quanto. Estava fabuloso, parecendo ainda maior que de costume, todo vestido de cinza chumbo, num contraste agressivo contra sua pele.

— Veio cavalgando de Londres até aqui, senhor Smith? — conseguiu perguntar, e sua voz, graças a Deus, conseguiu manter-se firme.

— “Veio cavalgando de Londres até aqui, senhor Smith?” — imitou-a, com expressão de pouco caso — É só isso que tem a me dizer?

O peito de Juliet inflou, encarando os olhos gelados do homem que um dia fora seu noivo. Não baixaria os olhos diante dele. Não baixaria. Baixou. Mas a derrota durou apenas alguns segundos. Levantou a cabeça, ergueu os ombros, e sua voz saiu quase estridente:

— Posso dizer que é um insensato em cavalgar tamanha distância depois de ficar tanto tempo acamado por causa de um animal idêntico ao que está montando.

— Dane-se o modo como vim. Não é isso que interessa e sim isso aqui! — sacudiu o anel de noivado diante do rosto de Juliet.

Juliet fez seu cavalo recuar, e apertou os olhos, fitando-o com desprezo:

— Só incomodou-se depois de dez dias, meu senhor?

Pareceu a Juliet ouvir Tristan rosnar. Ele saltou de seu garanhão num pulo espetacular e furioso, e em poucos passos estava de braços esticados para ela:

— Desmonte! — ordenou.

Juliet pensou em gritar-lhe que não, mas a verdade é que aqueles braços estirados na direção dela, mesmo que Tristan mantivesse o semblante irado, não era coisa que pudesse

recusar. Ansiava por algum contato, mesmo o mais insignificante, daquelas mãos. Pensara nele todo o tempo, todos os dias, desde que partira de Londres até hoje. E agora que estava ali, tão perto, parecia-lhe irresistível render-se a tudo que lhe mandasse fazer. Por que o maldito tinha que vir atrás dela? E por que, por tudo que era mais santo, o calhorda tinha que estar ainda mais bonito quando enfurecido?

Ela escorregou para os braços dele, e Tristan deslizou-a bem junto ao seu corpo, com um olhar que mudou imediatamente de furioso para faminto:

— É minha, Juliet. — falou entredentes. E não vou abrir mão disso, completou, em pensamentos.

Juliet sentia a respiração suspensa, temerosa de contestá-lo. Tristan estava perto demais. Sentia as mãos dele queimando-lhe a pele, atravessando o tecido, mantendo-a firmemente cativa. Ele continuou a falar:

— Como não teve a consideração de romper o compromisso comigo, continuo sendo teu noivo. Portanto tenho direito ao que vou fazer agora. — Puxou-a bruscamente contra seu corpo, e forçou seus lábios contra os dela, com raiva, buscando invadir sua boca.

Juliet não tentou resistir, entreabriu os lábios e facilitou-lhe o percurso, e num segundo estavam se beijando avidamente. Abraçou-o, ansiosa.

Tristan, apesar de haver começado a beijá-la raivosamente, logo mudou para calidez, denunciando a saudade que sentia, correspondendo ao abraço com a mesma sofreguidão que Juliet.

Quando Tristan a soltou, e Juliet abriu os olhos, já estavam dentro do celeiro. Ela piscou surpreendida, olhando em volta.

— Precisamos conversar. — retrucou ele, voltando à frieza anterior.

Tristan esperou que Juliet dissesse algo, porém diante do silêncio da moça, foi ele quem retomou a palavra:

— Então quer me fazer acreditar que ofendi ao seu orgulho por não tê-la procurado antes? De novo não responde? Não pode se dizer que o gato comeu sua língua, já que a senti muito bem. Talvez a mim coubesse te fazer amolecer mais um pouco, para assim poder ajudá-la a falar — deu um passo a frente, e ela recuou dois. Tristan sorriu de um jeito um tanto malévolo. Tinha-a encurralado num canto, sem chance de fuga. Pôs um braço de cada lado em volta dela, apoiados na madeira do celeiro.

Juliet sentiu as costas baterem na parede, e cruzou os braços sobre os seios, num gesto óbvio de autoproteção, que fez o sorriso de Tristan aumentar.

Resolveu falar a primeira coisa que lhe veio a mente, só para livrar-se daquele olhar escrutinador, e da ansiedade que sentia ao tê-lo perigosamente perto. Sabia muito bem como acabavam as coisas quando Tristan se aproximava tanto, e não se exporia novamente.

— E julga que não poderia ofender-me? Não te fiz falta! — concluiu com ironia — O que o moveu, afinal de contas, a ordem de sua mãe?

Tristan admirou-se, e quase sorriu. Mesmo acuada sua noiva não deixava de falar o que lhe vinha na cabeça.

— Quase acerta ao citar minha mãe como motivação, querida. Passei cerca de uma semana inconsciente em minha casa e...

Ela cortou-o:

— Inconsciente? O que diz? — os olhos castanhos estavam arregalados, e a Tristan pareciam irresistivelmente belos.

— Estive assim, nesse estado inconsciente e delirante — respondeu-lhe com voz suave, preso ao olhar preocupado de Juliet — e só depois que despertei minha mãe veio falar-me que você não havia me visitado nenhuma vez.

— Tristan, juro que não sabia...

Voltara a usar o “Tristan”, ele notou, satisfeito.

— Minha mãe estranhou, obviamente, já que você fazia muito bem o papel de mocinha apaixonada.

Juliet franziu a testa com a ironia das palavras dele. Tristan continuou:

— E imagine meu desconcerto ao saber que além disso, a minha noiva, minha noiva — repetiu, em voz elevada — estava na lista de possível novo amor do marquês de Brighton. Logo quem!

— O que? — ela pôs as mãos nos quadris, e curvou o corpo ligeiramente à frente, arrogante.

Ah, que erro! Os seios chamaram a imediatamente atenção de Tristan, que baixou os olhos para eles e dali não se desviaram. A jaqueta de montaria de Juliet, muito justa, moldava-se à sua silhueta, e mesmo sendo de tweed grosso, estava certa que ele conseguia perceber os mamilos pontudos que sempre a constrangiam, e que não conseguia disfarçar mesmo com os forros mais rígidos.

— Olhe para mim e repita o que disse. — ela resmungou.

— Estou olhando. — falou de um modo vago, sem erguer a vista.

— Falou de mim e do amor do marquês de Brighton... — sussurrou de um modo sensual, para irritá-lo.

Surtiu efeito instantaneamente, e Tristan elevou a vista, encarando Juliet com raiva.

— Sim. Está em bolsas de apostas em clubes masculinos, cotada como objeto de afeto do nobre amigo Barker, maldito seja! Lógico que se fosse uma noiva normal, isso jamais seria sequer cogitado!

— Ah, e não era normal? Fiquei todo o tempo naquele hospital esperando por você, e depois mais uma eternidade pajeando-o na sua casa! — esticou o rosto em desafio na direção de Tristan.

Tristan apertou os maxilares ao vê-la enraivecida. Estava magnífica. Sua mente começou a desviar da discussão, e da razão de ir até Southsea. Ideias eróticas iam se formando em sua mente. Tentou bloquear os pensamentos, mas parecia em vão, e o esforço só serviu para aborrecê-lo ainda mais.

— Se fosse uma moça recatada, não suscitaria mexericos. — respondeu, ríspido.

— Cretino! — ela berrou.

Juliet esticou os braços e empurrou-o com força, ganhando espaço. Crescera com dois irmãos, e sabia se defender muito bem.

Tristan deu uma risada quando foi lançado longe. Voltou para junto dela de pronto, ainda mais ameaçador e irritado:

— Podia ter empregado toda essa valentia na hora de devolver o anel de noivado. Jogou-o num canto de móvel, como lixo! Encontrei-o por acaso! Foi uma covarde! Não deixou um mísero bilhete de rompimento!

— Não fui covarde! Não pode saber como me sentia!

— Ah, mas sei! Sei exatamente, senhorita Juliet Fiennes! Foi a minha casa àquela manhã com o firme propósito de barganhar teu corpo por minhas memórias, e quando viu que cumprira sua parte na transação e eu não pude cumprir com a minha, saiu furiosa, com seu ego devastado! — Tristan bradou — Pensei que a havia conquistado, mas o tempo todo você jogava comigo!

— Como você tem coragem...? — ela gritou, ainda mais alto que ele.

— Não pode aceitar que estive doente, e que a havia esquecido não porque queria. Não tive escolha, Juliet! — seus olhos haviam escurecido, e a frieza dera lugar a dor.

Os ombros de Juliet caíram.

— Eu sei. — ela suspirou.

Tristan soltou o ar de forma lenta, contendo com dificuldade o fluxo de emoções que o assolavam. Voltou a falar:

— Sempre se julgou como um prêmio em relação a mim, como se fosse só sua virgindade que interessava ao cafajeste do seu noivo. Esqueceu-se porém que muito do que dizem de mim é mentira e não sou esse devasso! Esqueceu-se que tenho sentimentos! Do alto de sua superioridade sobre os pobres mortais, resolveu mostrar seu poder sobre a minha pessoa. Foi um golpe e tanto ser derrotada, não é?

Juliet sacudiu a cabeça, negando.

— Ah, Tristan... Lamento que pense assim. Peço desculpas se pensou que o fato de deixar o anel na escrivaninha fosse sinal de pouco caso à sua pessoa. — ela falou com tristeza — De verdade achei que ficaria aliviado com esse desfecho, pois o rompimento foi sugerido por você mesmo, um dia antes que eu o fizesse, e por essa razão não lhe deixei nenhuma carta de despedida. Nunca pensei que fosse, com ou sem memória, um vaidoso. Que viesse até aqui somente para certificar-se se não estava noiva de Robert ou algo semelhante, por mais absurdo que fosse. Por que simplesmente não se compraz por estar livre enfim de um compromisso do qual não tem consciência, por que não segue seu caminho e busca outras moças que o satisfaçam, e uma a quem possa vir a amar?

— O que está falando para mim? Não me amavas tu? Não te entregaste por causa disso? — estava aturdido, e recuara alguns passos, como se ela mais uma vez o empurrasse.

— Sim, o amava, o amo ainda, e fui até onde pude por esse amor. Terei que conviver com isso. Mas há um limite para tudo que uma pessoa é capaz de fazer, e meu limite chegou. Não poderia seguir adiante e fazer um casamento que você aceitaria por obrigação. Não poderia ser sua esposa sem que me amasse. Não suportaria a traição vinda de você. — a voz começou a sair embargada, e lentamente foi dando-lhe as costas.

— Não a trairia!

— Sim, o faria assim que sua atração por mim esfriasse. Não te satisfaria comigo, e buscaria outros braços. E eu preferiria morrer a conviver com isso. Peço-lhe que vá embora e poupe-me de sua presença. Esqueça-me mais uma vez, como já fizeste antes. Vá agora! — soluçou.



Tristan não poderia ir, mesmo que quisesse. Seus pés haviam colado ao chão. Observava Juliet de costas para ele, iniciando um choro, que diferente do que já havia presenciado antes, era convulsivo. Sentiu o próprio coração derreter-se ao vê-la se desfazer daquele modo.

— Juliet... — pôs as mãos em seus ombros — Por isso partiu? Por que achou que não a amasse?

— Não posso obrigá-lo a isso, e não aguento mais tentar... Estou exausta!

— Mas eu a amo! Sempre amei, sempre! Da primeira e da segunda vez.

Ela chorou ainda mais alto:

— Não seja cruel, Tristan!

— Por que não me acredita? — virou-a de frente para ele — Pare de chorar, Juliet. Eu a amo de verdade. Me fez jurar uma vez que não a deixaria, e agora quer me fazer quebrar a promessa.

— O quê? — ergueu os olhos para ele, e o choro diminuiu.

— Na biblioteca, em minha casa. Depois de ler Romeu e Julieta, fez-me jurar...

— Eu lembro! — interrompeu-o — Mas como você pode lembrar-se?

— Por que lembro de tudo, meu amor. Do antes e do depois. E lamento não ter sido muito cavalheiro após o acidente... — sorriu, limpando-lhe as lágrimas com as pontas dos dedos.

— Então... eu... funcionou? — estava embaraçada, e Tristan deu uma risada.

— Acho que sim, embora os médicos tenham alegado que era apenas uma questão de tempo para que tudo ficasse normal. — Ficou sério — Juliet, não me deixe.

Um soluço escapou da garganta de Juliet, antes que ela conseguisse responder:

— Não o deixarei.

— Não percebe que se não fosse por teu amor eu não teria voltado praticamente do mundo dos mortos? Voltei por você. Sempre foi por você, Juliet.

A respiração dela estava acelerada. Via o movimento do peito, o subir e descer, e a emoção inegável no rosto.

— Oh, meu amor... — ela pôs as duas mãos em volta do rosto de Tristan, e as dele descenderam para a cintura de Juliet.

— Prometa que não me deixará! — insistiu ele, os olhos cinza fitando-a com adoração.

— Prometo! — ela conseguiu rir, ainda entre lágrimas. — Eu te amo, Tristan!

Abraçaram-se e selaram seu amor com um beijo. Tristan tateou no bolso e encontrou o que procurava. Pegou o anel de noivado e deslizou-o mais uma vez para o dedo de Juliet:

— Me aceita como seu marido? — tinha o semblante de menino travesso enquanto a olhava.

— Aceito! — deram uma boa risada juntos.

— Agora, Juliet, venha cá, lhe devo uma coisa. — inclinou-a suavemente sobre o feno, os olhos ardiam de desejo.

— Não, senhor, Tristan! — ela adivinhou-lhe as intenções — Se está achando que vai me tomar aqui mesmo, como se fosse uma qualquer...

— Shhh! Moça brigona! — abriu o belo sorriso, já praticamente deitado sobre ela — você mesma disse-me uma vez que não importava aonde estivéssemos, e que sendo comigo, poderíamos fazer amor em qualquer lugar. Eu quero aqui, e já.

— E você disse-me em outra data que eu não era uma mulher para ser submetida, e sim seduzida! — tentou empurrá-lo, dessa vez sem sucesso.

— Eu disse isso? Não lembro. — Fez uma cara pensativa.

— Tristan! — ela reclamou, socando-lhe o braço, e provocando nele uma careta de dor.

— Ei! Estou brincando! — massageou onde ela acertara, e voltou à carga — Mas se é para seduzi-la, meu amor, o farei. Prometi-lhe que depois da primeira vez, fazer amor seria melhor para você, e vou prová-lo.

Beijou-a apaixonadamente, e Juliet relaxou em seus braços.

\*\*\*\*\*

Juliet não podia acreditar que fazer amor com Tristan fosse tão bom. De fato dessa vez foi às nuvens, não apenas uma, mas duas vezes, entre as palhas do celeiro, entre os braços de seu amado, entre gritos e murmúrios, e entre declarações de amor.

E sem intromissões.

## EPÍLOGO

As colunas sociais dos periódicos noticiaram, e os mexeriqueiros londrinos divulgaram com alarde, o casamento da sobrinha do lorde de Greenville, a adorável Juliet Fiennes, com Tristan Wagner Smith, o poderoso proprietário das confeitarias Smith e das tabacarias Walt, que aconteceu na tradicional igreja de Santa Margareth. Comentou-se a emoção do almirante Vincent Fiennes ao conduzir sua resplandecente filha até o belo e sorridente noivo, que arrancava suspiros de admiração de todas as mocinhas casadoiras que assistiam a cerimônia. A festa foi um grande sucesso, e o casal partiu para uma Lua-de-mel de duas semanas, voltando rapidamente em função da inauguração de uma nova loja do complexo Smith, e fixando residência em Londres em seguida, como se era de esperar, na W House.

Muitos cavalheiros perderam dinheiro quando os convites para o enlace matrimonial entre o senhor Smith e a senhorita Fiennes foram distribuídos, por conta de um palpite infeliz de apostadores em referência ao marquês de Brighton, um dos padrinhos dos noivos.

Já o lorde Grayson Shakman e o brilhante advogado Jake Rae Cunningham, ficaram mais ricos devido também a uma aposta, feita logo no início da temporada, entre um distinto e seleto grupo de homens abastados, de que seu grande amigo Tristan casar-se-ia com a linda Juliet antes mesmo do Natal, e que seriam um dos casais mais felizes da sociedade inglesa. Sua previsão foi acertada, pois exatamente assim aconteceu.

FIM

